



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

FILIFE FONTENELE OLIVEIRA

A RECATEGORIZAÇÃO DO REFERENTE *O LUGAR ONDE VIVO*
EM ARTIGOS DE OPINIÃO

FORTALEZA – CEARÁ

2017

FILIFE FONTENELE OLIVEIRA

A RECATEGORIZAÇÃO DO REFERENTE *O LUGAR ONDE VIVO*
EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Oliveira, Filipe Fontenele.

A recategorização do referente o lugar onde vivo em artigos de opinião [recurso eletrônico] / Filipe Fontenele Oliveira. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 204 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Maria Helenice Araújo Costa.

1. Olimpíada de Língua Portuguesa. 2. O lugar onde vivo. 3. Reescrita. 4. Recategorização. I. Título.

FILIFE FONTENELE OLIVEIRA

A RECATEGORIZAÇÃO DO REFERENTE O LUGAR ONDE VIVO
EM ARTIGOS DE OPINIÃO

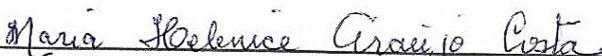
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

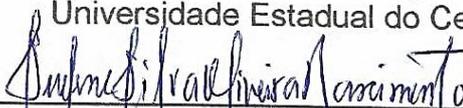
Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helenice Araújo Costa.

Aprovada em 06/07/17

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Maria Helenice Araújo Costa (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE


Prof.^a Dra. Suelene Silva Oliveira Nascimento
Universidade Estadual do Ceará – UECE – Profletras


Prof.^a Dra. Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado a dose necessária de adrenalina e ansiedade para conseguir concluir este trabalho.

A meus pais, senhor José e dona Lêda, figuras de retidão e exemplo, por terem me dado a existência, amor e apoio para trilhar esta trajetória.

A meus irmãos, Klycia, José Filho e Emmanuel, pela amizade e companheirismo. Mesmo nas brigas, afeto e cumplicidade. Dos três, agradeço especialmente à Klycia, pela paciência de revisar aspectos microestruturais e pela formatação desta pesquisa.

Às minhas cunhadas, Andreza e Karol, por fazer parte deste grande time.

Aos meus amigos de infância e pra vida toda: Neto, Thiago, Lindel, Leonardo, Egrinaldo, Alexandre, Paulo Henrique, Betão, Aragão, Carol, Ariadna, Juliana, Maiara.

Ao meu amigo Eugênio e à minha amiga Clébia, pelos ouvidos emprestados nos momentos necessários.

À minha amiga Edileuda, pelo apoio e confiança.

Ao nosso “hospício” particular: Vanessa, Francis, Cida, Luana, Neide, Bruna. Sem um traço de loucura, a vida não vale a pena.

Ao grupo “Voyage-Voyage”, nascido das viagens a congressos e eventos acadêmicos. Dentre eles, meu estimado amigo e parceiro de mestrado, Hylo Leal, cujos ouvidos também aperriei ao longo dessa jornada, e minhas preciosas amigas Gislene e Ticiane. Agradeço por demais o apoio de vocês!

Ao Eleildo, pela disponibilidade e ajuda na leitura do texto final.

À minha fiel amiga Martovânia, por ter participado do projeto interdisciplinar na OLPEF de 2014, contexto que criou o enredo desta pesquisa. Agradeço também ao apoio e ao incentivo para inscrição na seleção de mestrado.

Às minhas cordiais e fraternas amigas, Beatriz, Ítala, Carla, Yonara, Wal, Roberlany e Priscila, prova de que, no trabalho, há espaço para a descontração, carinho e estima.

Aos meus nobres amigos, Menezes, Carlos Sérgio, Éder, Cassiano, por terem participado de alguma forma da realização da OLPEF na etapa escolar.

Ao núcleo gestor da EEMTI Senador Fernandes Távora, por ter cedido espaço para a realização da pesquisa e apoiado com o material necessário, em especial à ilustre diretora Ana Lúcia.

Ao Evaldo, por ter cedido parte do tempo na organização do laboratório de informática, um dos espaços para construção dos textos.

À professora Silvânia e à Hilda, pelos contatos com pessoas maravilhosas para as aulas de campo.

Ao Caio, pela disponibilidade e pela (re)leitura crítica do mundo.

Ao Sr. Ivanildo e ao Gabriel, pela gentileza em ceder seu tempo às aulas de campo.

À professora Helenice, minha querida orientadora, mistura de sapiência e simplicidade. Agradeço pela paciência e serenidade na hora das dúvidas e pelas críticas necessárias.

Ao professor Expedito, por ter feito considerações valiosas na qualificação.

À professora Suelene, pela participação na banca de qualificação e pelas sábias palavras durante a defesa de dissertação.

À professora Claudiana, pelas críticas construtivas e pelas palavras encorajadoras na defesa desta dissertação.

Aos professores Ruberval, Pedro Praxedes, Wilson, Dilamar, Rozânia e Cleudene, pelos sábios ensinamentos durante o curso de mestrado.

À Jamille, pelo apoio na secretaria e pela documentação necessária ao curso.

A todos os colegas de mestrado, meus sinceros votos de sucesso pessoal, acadêmico e profissional.

À Olimpíada de Língua Portuguesa, por oportunizar um tema fundamental à reflexão. No lugar em que vivemos, somos e queremos.

Ao Governo do Estado do Ceará, em nome da Secretária da Educação, pela liberação das minhas funções para a realização dos estudos de mestrado.

Aos meus nobres alunos que acreditaram que a escrita pode fazer a diferença: Andreza, Breno, Carlos Alberto, Fábio, Igor, Kely, Letícia, Lucas, Mateus e Valeska. Sucesso sempre na vida de vocês!

“Milagres acontecem quando a gente vai à luta.”

(Sérgio Vaz)

RESUMO

A construção da referência ocorre em face de uma cognição situada (MARCUSCHI, 2007; KOCH, 2009, 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011). A respeito disso, os seres humanos constantemente vão construindo novas categorias no plano discursivo a fim de dar conta de suas demandas comunicativas. Considerando essa questão e o fato de que qualquer texto deve ser visto enquanto evento para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e históricas, (BEAUGRANDE, 1997), objetivamos, nesta pesquisa de mestrado, compreender a recategorização do referente *O lugar onde vivo* em artigos de opinião, destinados à etapa escolar da V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo O Futuro*, desenvolvida em uma unidade de ensino da rede estadual do Ceará, da qual participaram dez alunos de segundo e terceiro anos do ensino médio. A fim de ter um norte para a escrita desta dissertação, dividimo-la em três seções: uma teórica, uma metodológica e uma de análise. Na seção teórica, trouxemos algumas discussões sobre o objeto texto para a linguística textual contemporânea, trabalhamos com a perspectiva de que a linguagem não é espelho do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003), a ideia de que a recategorização reflete a criação de pontos de vista (KOCH; CORTEZ, 2013; MARCUSCHI, 2007), a relevância das expressões nominais no processo de reconstrução referencial (KOCH, 2009; COMTE, 2003; FRANCIS, 2003); a não linearidade da recategorização (CAVALCANTE *et al.*, 2010; CIULLA E SILVA, 2008; COSTA, 2007; CUSTODIO FILHO, 2012; CAVALCANTE, 2011; LIMA; FELTES, 2013); e a escrita escolar como interação (PASSARELLI, 2012; MENEGASSI, 2013; ARAÚJO, 2001). Na seção metodológica, enfatizamos nossos instrumentos de pesquisa, que foram a observação-participante e a entrevista semiestruturada, bem como destacamos duas etapas de geração de dados, uma que consistiu na preparação do primeiro artigo de opinião, e outra que visou ao processo de reescrita deste. Na seção de análises, em face das perspectivas adotadas pelos estudantes para a escrita do artigo de opinião (animais abandonados, crise na saúde, obras paralisadas, problemas do lixo, violência contra a juventude na periferia e turismo sexual), verificamos formas diferenciadas de (re)construção desse lugar, o que condiz com o fato de a linguagem ser encarnada (SALOMÃO, 1999, 2013). Elegemos, nesse sentido, trechos de alguns alunos a fim de apresentar os efeitos recategorizadores da reescrita, momento em que destacamos o recurso das

expressões nominais, predicções e construções metonímicas no processo de atualização do referente *O lugar onde vivo*. Além disso, ilustramos, com a escrita de um participante, o fenômeno da não linearidade da referência. A realização da análise a partir desses três pontos refletem a perspectiva social adotada por todos os participantes, uma vez que a recategorização do referente em questão deu-se sobretudo no plano da crítica social. À medida que os textos foram analisados, verificamos que o processo de reescrita, empregado como uma das ações metodológicas, promoveu a atualização referencial no que compete a expressões nominais e predicções, mas sobretudo no que se refere às construções metonímicas, uma vez que o referente *O lugar onde vivo* tende a promover uma ancoragem para a emergência de referentes ligados diretamente a ele.

Palavras-chave: Olimpíada de Língua Portuguesa. O lugar onde vivo. Reescrita. Recategorização.

ABSTRACT

The construction of the reference occurs in the face of a situated cognition (MARCUSCHI, 2007; KOCH, 2009, 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011). In this regard, human beings are constantly constructing new categories on the discursive plane in order to account for their communicative demands. Considering this question and the fact that any text should be seen as an event for which converges linguistic, cognitive and historical actions (BEAUGRANDE, 1997), we aim, in this master's research, to understand the recategorization of the referent The place where I live in articles of opinion, destined to the high school stage of the V edition of Portuguese Olympiad Writing the Future, developed in a teaching unit of the state of Ceará, in which participated ten students of second and third years of high school. For the writing of this dissertation, we divide it into three sections: a theoretical, a methodological and an analysis. In the theoretical section, we have brought some discussions about the text object to contemporary textual linguistics, we work with the perspective that language is not a mirror of the world (MONDADA; DUBOIS, 2003), the idea that recategorization reflects the creation of points of view (KOCH; CORTEZ, 2013; MARCUSCHI, 2007), the relevance of nominal expressions in the referential reconstruction process (KOCH, 2009; COMTE, 2003; FRANCIS, 2003); the non-linearity of recategorization (CAVALCANTE *et al.*, 2010; CIULLA E SILVA, 2008; COSTA, 2007; CUSTODIO FILHO, 2012; CAVALCANTE, 2011; LIMA; FELTES, 2013); and school writing as interaction (PASSARELLI, 2012; MENEGASSI, 2013; ARAÚJO, 2001). In the methodological section, we emphasized our research instruments, which were participant observation and semi-structured interview, as well as two data generation steps, one that consisted of the preparation of the first opinion article, and another that focused on the rewriting process of this. In the analysis section, in view of the perspectives adopted by students for the writing of the opinion article (abandoned animals, health crisis, paralyzed works, trash problems, violence against the youth in the periphery and sex tourism), we verified differentiated forms of (re)construction of this place, which is consistent with the fact that language is incarnated (SALOMÃO, 1999, 2013). Thus, we select excerpts from some students in order to present the recategorization effects of the rewriting, at which point we highlight the use of the nominal expressions, predictions and metonymic constructions in the process of updating the referent The place where I

live. In addition, we illustrate, with the writing of a participant, the phenomenon of nonlinearity of the reference. The analysis of these three points reflects the social perspective adopted by all participants, since the recategorization of the referent in question occurred mainly in the area of social criticism. As the texts were analyzed, we verified that the rewriting process, used as one of the methodological actions, promoted the referential updating in what concerns to nominal expressions and predictions, but especially in what refers to the metonymic constructions, since the referent The place where I live tends to promote an anchorage for the emergence of referents directly attached to it.

Keywords: Portuguese Language Olympics. The place where I live. Rewritten. Recategorization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Recorte temático e número de versões escritas.....	66
Quadro 2 – Sinopse da Metodologia.....	74
Quadro 3 – Participantes e recorte temático.....	78
Quadro 4 – Reescrita de P1: primeira e última versões.....	85
Quadro 5 – Reescrita de P2: segunda e terceira versões.....	87
Quadro 6 – Frequência de referentes que sinalizam a crise da superlotação (escrita de P6).....	89
Quadro 7 – Reformulação permitida pela reescrita (P6).....	90
Quadro 8 – Mudança na materialidade textual: reflexo na titulação (P6).....	92
Quadro 9 – Reescrita de P7: construções de significado sobre a intervenção no Aeroporto Pinto Martins.....	95
Quadro 10 – O referente corrupção no texto de P7.....	97
Quadro 11 – Recategorização do referente obras inacabadas no discurso oral (P7).....	98
Quadro 12 – Recategorização do referente jovens (P8).....	101
Quadro 13 – Recorte da entrevista com P8: os bairros esquecidos.....	104
Quadro 14 – Recorte da entrevista com P8: a Chacina da Grande Messejana..	105
Quadro 15 – A última versão escrita de P8.....	108

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	TEXTO, CONTEXTO, PRODUÇÃO E RECEPÇÃO	22
2.1.1	O texto enquanto objeto de estudo da linguística textual contemporânea	22
2.1.2	Os (des)limites entre linguagem e contexto	25
2.1.3	As relações sociocognitivas na produção e recepção de texto	28
2.2	AÇÕES REFERENCIAIS NO PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A REFERÊNCIA, RECATEGORIZAÇÃO E ESCRITA	29
2.2.1	A linguagem não é espelho do mundo	30
2.2.2	A construção do ponto de vista e o processo de (re)categorização	32
2.2.3	Expressões nominais no processo de recategorização	35
2.2.4	A não linearidade da recategorização	37
2.3	A ESCRITA ESCOLAR COMO INTERAÇÃO	41
3	DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA	45
3.1	TIPO E NATUREZA DA PESQUISA	46
3.2	CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA	48
3.2.1	A Olimpíada de Língua Portuguesa	49
3.2.2	O Caderno Ponto de Vista	50
3.2.3	Os participantes	51
3.3	DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	53
3.3.1	Entrevista semiestruturada	53
3.3.2	A observação-participante	54
3.4	DAS ETAPAS DO PROCESSO DE GERAÇÃO DE DADOS	56
3.4.1	Primeira etapa da geração de dados: em busca da produção do primeiro artigo	57
3.4.1.1	Definição do recorte temático	58
3.4.1.2	O artigo de opinião e sua função social	59
3.4.1.3	A geração de uma questão polêmica	60
3.4.2	A produção do primeiro artigo	62
3.4.3	Segunda etapa: a reescrita	62

3.4.3.1	Os grupos de reescrita	63
3.4.3.2	Aulas de campo: um grupo de reescrita ampliado.....	66
3.4.3.3	Quinto encontro de reescrita: revendo o conceito de recategorização por meio de “memes” e artigos.....	69
3.4.3.4	O sexto encontro de reescrita: a entrevista semiestruturada	73
3.5	QUADRO SINÓPTICO DA METODOLOGIA.....	74
3.6	CATEGORIAS DE ANÁLISE	77
4	O PROCESSO DE ESCRITA E A DISCUSSÃO DOS DADOS	78
4.1	ANÁLISE E DISCUSSÃO	80
4.2	A REESCRITA COMO AGENTE RECATEGORIZADOR.....	84
4.2.1	Reorganização da escrita considerando aspectos microestruturais	84
4.2.1.1	A (re)escrita de P1.....	84
4.2.1.2	A (re)escrita de P2.....	86
4.2.2	A reorganização da escrita e a alteração na cadeia referencial	88
4.2.2.1	A cadeia referencial de P6: Fortaleza e a crise na saúde	88
4.2.2.2	A cadeia referencial de P7: Fortaleza e as obras inacabadas.....	93
4.2.2.2.1	<i>Ampliação, melhoria e “puxadinho”</i>	<i>94</i>
4.2.2.2.2	<i>Fortaleza se transformou em um verdadeiro canteiro de obras</i>	<i>96</i>
4.2.2.2.3	<i>O referente corrupção: Fortaleza é apenas um retrato desse cenário</i>	<i>97</i>
4.3	REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DE P8: A EMERGÊNCIA DE REFERENTES E A CULMINÂNCIA NA ÚLTIMA REESCRITA	99
4.3.1	O contexto discursivo: dados sobre a violência contra os jovens e a Chacina da Grande Messejana	99
4.3.2	A relevância da aula de campo	100
4.3.3	O processo de interação por via da escrita	101
4.3.4	A emergência do referente esquecimento	102
4.3.5	A culminância na última reescrita.....	107
4.3.6	A escrita de P8 e a recategorização de “O lugar onde vivo”	109
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	115
	ANEXOS	120
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	121

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS	127
ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO A MENORES DE 18 ANOS	130
ANEXO D – SLIDES SOBRE LUGAR, PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	133
ANEXO E – TEXTOS UTILIZADOS NA FASE PREPARATÓRIA DE ESCRITA.....	138
ANEXO F – ESCRITA DE P1	147
ANEXO G – ESCRITA DE P2	151
ANEXO H – ESCRITA DE P3.....	157
ANEXO I – ESCRITA DE P4	161
ANEXO J – ESCRITA DE P5	166
ANEXO K – ESCRITA DE P6.....	169
ANEXO L – ESCRITA DE P7	178
ANEXO M – ESCRITA DE P8	185
ANEXO N – ENTREVISTA COM P7	191
ANEXO O – ENTREVISTA COM P8	200

1 INTRODUÇÃO

Uma das preocupações atuais dos estudiosos da Linguística Textual no que concerne ao ensino é a realização de um trabalho com a língua materna que eleja o texto como processo e não como produto. Almeida (2015), sob essa ótica, faz uma crítica às tendências tradicionais de ensino que pouco refletem a dinamicidade das estratégias referenciais. Tais tendências, segundo o autor, na maioria das vezes, restringem-se às questões interfrásticas, relativas ao uso da elipse, dos pronomes e das palavras sinônimas, com objetivo de se ensinar a norma culta. Outros autores, dentre eles Costa (2010), embasados na perspectiva da referenciação e na concepção de gênero discursivo, trazem uma ideia diferenciada para o ensino. Assumindo pensamentos de Bakhtin (2002), Bazerman (2005) e Marcuschi (2001), Costa (2010) propõe reflexões mais complexas sobre o texto e defende seu emprego em atividades situadas.

Seguindo uma linha de pensamento semelhante, a proposta desta pesquisa visou a trabalhar com o texto sob uma perspectiva processual. Resolvemos, com esse viés, investir na produção do gênero artigo de opinião durante a etapa escolar da V edição Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo O Futuro*, doravante OLPEF, e compreender, como objetivo geral, o processo de recategorização do referente *O lugar onde vivo*.

A escolha da OLPEF como contexto de pesquisa deveu-se a uma experiência vivenciada, no ano de 2014, na escola onde trabalhávamos. Na ocasião, facilitamos a produção do gênero artigo de opinião para alunos de segundo e terceiro ano do ensino médio, que tiveram que produzir seus textos a partir do tema exigido pelo evento: O lugar onde vivo. Trabalhando de forma interdisciplinar, com uma professora de geografia dessa escola, tivemos maior propriedade para discutir questões da cidade de Fortaleza¹, eleita por todos como foco temático, e sugerir a escrita do gênero em comento. O resultado deste trabalho foi exitoso. Um dos alunos chegou à etapa semifinal da OLPEF realizada em Brasília.

O cenário de 2014 estimulou nossa investigação, pois pudemos perceber, nessa época, construções referenciais interessantes sobre o tema da OLPEF nos

¹ Como a referência ocorre a partir da relação que o indivíduo trava com seu entorno, tendo em vista o plano sócio-histórico, haveria a possibilidade de O lugar onde vivo ser entendido pelos sujeitos como a casa, a escola, o bairro, ou quiçá, outro âmbito. Demarcamos a cidade de Fortaleza com a intenção de dizer que todos a elegeram como foco temático em sua escrita.

textos dos alunos, o que nos incitou a replicar nossas ações no ano de 2016 e associá-las a uma pesquisa. Em vistas disso, mantivemos a mesma escola como campo das nossas ações e contamos com a parceria da mesma professora em uma ação interdisciplinar.

Elegemos como foco de investigação o referente *O lugar onde vivo*, enquanto objeto do discurso, perspectiva até então não adotada acerca do tema da OLPEF, e focalizamos nosso objetivo central, como dito antes, no processo de recategorização sofrido por este referente ao longo dos textos. Para tanto, investimos no processo de reescrita de 10 alunos que participaram de nossa pesquisa vinculada à V edição da OLPEF, entre o período de abril e agosto do ano de 2016. À época, os participantes cursavam o segundo ou terceiro ano do ensino médio.

Para compreender a reconstrução desse objeto-de-discurso, no percurso de escrita, coube a nós atentarmos para determinados movimentos de reescrita dos sujeitos da pesquisa, como as trocas lexicais, a inserção ou apagamento de qualificadores, assim como a reordenação dos sintagmas. Isso se deveu à necessidade de atender o objetivo geral, que trata da recategorização. Quanto aos objetivos específicos, tivemos os seguintes: (a) averiguar como ocorre a recategorização do referente “O lugar onde vivo” no processo de reescrita dos artigos de opinião; (b) verificar como se desenvolve a relação dialógica entre este referente e os outros que emergem de forma ancorada a ele; (c) entender junto aos alunos a teia referencial que construíram durante a reescrita.

Ante o nosso olhar, tendo em vista as nossas intervenções, realizamos alguns questionamentos que nos foram pertinentes: (1) Que tipos de estratégias referenciais são realizadas pelos alunos na recategorização do referente “O lugar onde vivo” no processo de reescrita dos artigos de opinião? (2) Como esse referente dialoga com os demais referentes presentes? (3) Em face do processo de reescrita, como os alunos percebem a teia referencial que realizaram na construção desse referente? Essas questões nos serviram de apoio, pois, a partir delas, pudemos refletir acerca das nossas intervenções e ampliar nossa visão sobre a cadeia referencial que emergia nos textos.

Para implementar nossas ações, recorreremos à pesquisa-ação. Com a pesquisa-ação, fomos capazes de acompanhar o processo de escrita dos alunos, intervir, conforme a demanda deles, e compreender algumas questões subjacentes

ao texto que escreviam, como relatos pessoais, dificuldades e, por vezes, impotência ante a escrita, pontos que talvez fossem despercebidos se compreendêssemos o texto apenas como produto, materialidade chapada no papel e isenta de significados próprios ao seu percurso.

A fim de esclarecer nosso percurso teórico-metodológico e a interpretação dos dados, segmentamos este trabalho em seções. Na seção teórica, destinamos espaço para a discussão sobre o texto enquanto objeto de estudo da linguística textual contemporânea, a relação entre linguagem e contexto, as questões sociocognitivas na produção e recepção de texto. Abordamos também as ações referenciais no processo de textualização, dando destaque ao fato de que a linguagem não é espelho do mundo, ao processo de recategorização na construção do ponto de vista, às expressões nominais no processo de recategorização, à não linearidade da recategorização. Além desses pontos teóricos, discorreremos também sobre o papel da escrita escolar como interação.

Quando abordamos a ideia de texto para a linguística textual contemporânea, a relação entre linguagem e contexto e as questões sociocognitivas na produção e recepção de texto, fizemos um breve percurso teórico a fim de destacar a transição de uma linguística textual pautada no estudo das relações interfrásticas, passando pelo advento das gramáticas de texto até chegar a noção de texto enquanto evento, marcado pelo avanço da teoria sociocognitivista, a qual não aparta cognição dos elementos contextuais, contingenciais. Nesse sentido, trouxemos reflexões de Beaugrande (1997), Bentes e Rezende (2014), Hanks (2008), Koch (2009); (2011) Marcuschi (2007), Salomão (1999), Van Dijk (2012).

Ao situarmos as ações referenciais no processo de textualização, trouxemos para a discussão a premissa de que a linguagem não espelha o mundo, ou seja, ocorre uma construção deste por meio das práticas discursivas. Acerca disso, fizemos alusão a autores essenciais desta visão teórica, como Mondada e Dubois (2003). O pensamento das autoras gira em torno da ideia de que não há categorias pré-definidas às práticas languageiras, o que nos faz compreender que o momento histórico-cultural e as intenções comunicativas dos falantes fazem parte da (re)organização das categorias. Houve, portanto, um contraponto à teoria vericondicional de Frege, para quem o estudo científico da linguagem passaria pela correspondência biunívoca entre mundo e léxico.

Sob perspectiva semelhante, aludimos a autores que relacionam a construção do ponto de vista como fatores condicionantes ao processo de recategorização, uma vez que a análise do nosso objeto de pesquisa passou pela construção de textos opinativos. Sendo assim, dialogamos com Koch e Cortez (2013) e Marcuschi (2007). Quando da observação de que as expressões nominais são imprescindíveis ao processo de recategorização, discorremos sobre pensamentos de Koch (2009). Para discutir o pressuposto de que essas expressões podem ter caráter avaliativo, trouxemos à cena também Comte (2003) e Francis (2003).

A respeito da visão de que os processos referenciais não seguem uma linearidade, ou seja, faz-se necessária a mobilização de conhecimentos por parte dos interactantes, tal qual o apelo da memória discursiva, questão perceptível na escrita de alguns estudantes, trabalhamos com algumas ideias de que os referentes se reconstruem de forma multilinear. Para tanto, dialogamos com Cavalcante *et al.* (2010), Ciulla e Silva (2008), Costa (2007), Custódio Filho (2012), Custódio Filho e Silva (2013), Lima e Feltes (2013).

Acerca da questão de que a escrita escolar requer ser vista sob a perspectiva da interação, resenhamos alguns tópicos discutidos por Passarelli (2012), para quem as atividades de escrita devem se isentar do princípio higienista, baseado estritamente na correção gramatical, e Menegassi (2013), para quem a escrita deve ser compreendida como trabalho, cujo processo escritor dá-se por meio de propósitos claros e não apenas pelo ato de escrever por escrever. Além de dialogar com esses autores, fizemos um apanhado das ideias de Araújo (2001), autora que destacou a importância de serem levadas em conta as estratégias de revisão, reescrita, uma vez que o texto está sempre em processo de continuidade.

Essa percepção teórica que toca em questões sobre texto, referência e ensino, foi um dos suportes para que pudéssemos aliar o contexto pedagógico supracitado a uma investigação. Sendo assim, para ampliar o debate sobre o que é texto e sobre o fenômeno da recategorização, foi-nos necessário ampliar nosso entendimento sobre a visão sociocognitivista da linguagem, uma vez que o referente *O lugar onde vivo* é particularizado em torno das relações contextuais em que se insere o aluno. Visto pela OLPEF como tema e por nós como objeto do discurso, ele concretiza simultaneamente uma série de ações políticas, sociais, econômicas.

Na seção metodológica, apresentamos a natureza e o tipo da nossa pesquisa. Percorremos o caminho da pesquisa qualitativa, tendo em vista os pensamentos de Bortoni-Ricardo (2015), Suassuna (2008) e Thiollent (1989). Explicitamos nossa preferência pela técnica da entrevista semiestruturada e a observação participante, a fim de dar conta de alguns fenômenos que precisassem ser esclarecidos, os quais foram relevantes para a análise dos dados.

Quanto aos dados, esclarecemos como pudemos coletá-los a partir da divisão da pesquisa em duas etapas: uma, destinada à produção do primeiro artigo pelos participantes, o que levou oito encontros de 2 horas/aula cada, nos quais facilitamos o processo de recorte temático e discutimos com os sujeitos questões sobre o gênero artigo de opinião; e outra, destinada à fase de reescrita propriamente dita. Nesta etapa, constituída por sete encontros de 2 horas/aula, formamos dois grupos, nos quais os participantes puderam interagir e sugerir modificações nos textos de uns e de outros. Paralelo à etapa de reescrita, realizamos também duas aulas de campo, a fim de provocar nos participantes uma maior reflexão sobre o que escreviam, tendo em vista o contato com pessoas que viviam o dilema apresentado nos textos deles.

Mostramos que as ações realizadas com o intuito de gerar dados foram provenientes de uma releitura do caderno orientador da OLPEF, destinado à escrita do gênero artigo de opinião. Nesse caderno, percebemos que há uma preocupação significativa em apresentar questões formais desse gênero textual e poucas oficinas destinadas à escolha do tema. Sendo assim, enfatizamos um debate sobre questões relativas ao tema *O lugar onde vivo*, oportunizamos momentos para que fossem realizados esses grupos de reescrita, ação que se resume a poucos espaços também e realizamos duas aulas de campo, item não explorado no manual.

As categorias de análise empregadas para responder à questão de como este referente é (re)construído foram (a) expressões nominais e predicções, (b) ancoragem referencial promovida pelo *O lugar onde vivo* e (c) não linearidade da referência. Tais categorias não são estanques, uma vez que pudemos analisar todo o corpúsculo a partir desta interseção. Contudo enfatizamos as duas primeiras ao salientar os efeitos promovidos pela reescrita e a terceira ao destacar o processo de escrita de um dos participantes, isso quando da análise dos dados.

O modo como os textos se apresentaram, considerando o acompanhamento que fizemos no processo de reescrita, possibilitou uma

ressignificação da cidade de Fortaleza a partir de uma crítica social. Isso é reflexo, entre outros, do recorte temático empregado pelos participantes.

A respeito do lugar que nosso trabalho ocupa, em se tratando dos estudos da Linguística Aplicada, acreditamos que ele se alia às demandas de algumas pesquisas, tais quais, a de Kleiman (2013) e sua ideia de letramento de (re)existência, bem como, a de Signorini (2007) ao discutir o objeto da LA, a partir do uso da língua em contextos reais.

Em relação a pesquisas recentes realizadas no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, sob a mesma perspectiva teórica, encontramos afinidade com as ideias de Rodrigues (2015) e com as de Monteiro (2014). Dialogamos com Rodrigues (2015), quando, numa pesquisa-ação, percebeu junto aos alunos participantes o significado da mudança de títulos em textos escritos por eles para o jornal escolar, tomando como norte a visão sociocognitiva e a construção de sentidos. De forma análoga, admitimos uma proximidade com Monteiro (2014), que partiu da materialidade linguística e do entorno sociocognitivo para compreender o modo como os alunos mobilizavam seus conhecimentos prévios durante atividades de leitura presentes na revista *Siaralendo*. A autora comprova, com os achados de sua pesquisa, que o entendimento do processo de referenciação pelos alunos é bem-vindo ao ensino de língua materna.

A respeito da Linguística de Texto, por trabalharmos com a sociocognição, como teoria mediadora da coleta e análise dos dados, dentro de uma prática também pedagógica, nossa pesquisa reflete o pensamento de Cavalcante (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), quando da aplicação de estratégias referenciais para o estudo do texto em sala de aula. Sob perspectiva semelhante, tendo em vista, a realização de um ensino de língua portuguesa mais significativo, aliamos a nossa perspectiva à de Costa (2010), quando elege a interlocução como um elemento ativo no ensino e propõe a aprendizagem como um processo de cognição situada.

Quanto às pesquisas que se preocuparam em abordar a OLPEF, nosso trabalho vai ao encontro de alguns títulos. Barros (2012), por exemplo, questionou o processo de autoria do gênero crônica, como se este fosse engessado pelos manuais de orientação ao professor; Ruiz (2012) discutiu sobre a representação do professor também nos manuais destinados a ele, como se este fosse destituído de

saber e funcionasse como mero reproduzidor dos discursos presentes nesses manuais; Silva (2014) tratou da OLPEF como um projeto de educação linguística que traz benefícios ao universo escolar, contudo precisando ser redesenhado. Para o autor:

A Olimpíada promove reflexões, mas não garante, no contexto de seu projeto, a participação social. Um projeto de letramento dessa natureza exige um currículo dinâmico capaz de articular teoria e prática, discurso e ação, e de promover mudanças, dando suporte às ações dos educandos ao levar em conta suas aspirações, desejos e necessidades. Faz-se, então, necessária uma concepção transdisciplinar de conhecimento e uma visão aberta ou integrada de currículo que promovam uma maior autonomia, motivação e autoconfiança nos educandos. (SILVA, 2014, p.84).

Da mesma forma que os autores acima, somos críticos em relação ao modo como a OLPEF pode surgir em sala de aula, caso o professor se prenda aos cadernos orientadores. Sob essa ótica, mesmo não tendo como objeto de pesquisa uma discussão teórico-metodológica sobre a aplicação desse projeto pedagógico em sala de aula, trouxemos essa crítica em nossa pesquisa-ação, uma vez que adotamos o processo de reescrita como agente promotor da recategorização do referente *O lugar onde vivo*.

Esperamos que este trabalho venha provocar reflexões ao ensino de escrita em sala de aula, considerando a necessidade de levarmos ao debate temas do cotidiano dos alunos, o que para nós torna louvável a temática explorada pela OLPEF. Outrossim, esperamos que a proposta de uma escrita mediada pela interação, não restrita às convenções gramaticais seja um estímulo para a realização de ações diferenciadas em sala de aula, tendo em vista as demandas dos estudantes em escrever visando ao descortino de uma realidade crítica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TEXTO, CONTEXTO, PRODUÇÃO E RECEPÇÃO

Atualmente, a visão sociocognitiva da linguagem predomina nos estudos sobre produção e recepção de texto. Até chegarmos a esse estágio, houve pelo menos duas etapas: uma que estudava o processamento textual a partir das relações interfrásticas e outra que se preocupava em determinar os variados tipos de texto, diferenciando-os entre si, por meio das gramáticas textuais. Tais etapas, essencialmente formalistas, lançavam seu olhar sobretudo para as relações sistêmicas, esquecendo-se, portanto, do homem, da sociedade, da cultura e, é claro, da cognição.

Com o advento da sociocognição, enquanto teoria e filosofia, momento denominado para alguns autores de virada cognitiva, a compreensão do texto como objeto de estudo foi ampliada consideravelmente. Elementos vistos como não textuais foram incorporados aos atuais estudos e passaram a fazer parte da visão sociocognitiva, destacando-se, entre estes, os participantes do discurso, o contexto e a própria cognição.

Tomando este breve comentário, objetivamos, nesta seção, discorrer sobre o caminho percorrido pela Linguística Textual até chegar ao viés sociocognitivista; abordar a intrínseca relação entre texto e contexto; comentar sobre as relações de produção e recepção de texto.

2.1.1 O texto enquanto objeto de estudo da linguística textual contemporânea

Por ser um fenômeno complexo, o texto, conforme Bentes e Rezende (2014), pode ser objeto de estudo de várias ciências, como filosofia, linguística ou antropologia. Estas ciências podem tomá-lo a fim de compreender sua estrutura e funcionamento interno, o estabelecimento que realiza com o contexto e o elo existente entre a forma textual e a intenção autoral que se refletem nos processos de recepção. Objeto, portanto, de diferentes acepções epistemológicas, o texto, segundo os autores, é consequência também da teoria adotada quando do seu estudo, o que nos faz inferir que, dentro de uma mesma ciência, ele pode ser compreendido sob várias perspectivas.

Assumindo aqui o viés da linguística textual contemporânea, percebemos que a trajetória dos estudos do texto passou por mudanças teóricas, anteriormente nutridas pela imanência no sistema (de base estruturalista), quando da etapa das análises transfrásticas, e pelo postulado gerativista quando da assunção das gramáticas textuais. Em contraposição a essas duas abordagens, predomina atualmente a visão sociocognitivista da linguagem nas investigações dos fenômenos do texto, o qual é compreendido a partir do processo de interação, cenário que funde aspectos linguísticos e não linguísticos e confere ao texto o *status* de processo que depende sobremaneira das relações contextuais.

Muitos autores, ao discorrerem sobre o atual estatuto de texto, cuja compreensão efetiva dá-se na mobilização dos interlocutores de forma situada e contingente, fizeram uma retrospectiva desses estudos, tais quais, Koch (2009) e Bentes (2012).

Koch (2009) salienta que, até se chegar a uma sensibilização dos estudos do texto sob a ótica sociocognitivista, havia, entre as décadas de 1960 e 1970, uma preocupação com os estudos interfrásticos, que possibilitou a percepção do fenômeno da correferência. O texto, a essa época, era definido como “uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta.” (KOCH, 2009, p.4). Bentes (2012) evidencia também esse momento e destaca que as investigações centravam-se sobretudo nos fenômenos da pronominalização, seleção de artigos, concordância dos tempos verbais, relação tópico-comentário.

A passagem desse período para o advento das gramáticas de texto, segundo Bentes (2012), decorreu da limitação do escopo anterior, uma vez que determinados enunciados não poderiam ser analisados à luz da correferência, requerendo um maior engajamento do falante no processo de compreensão. Os teóricos que se propuseram a realizar essas gramáticas, segundo a autora, compreendiam o texto enquanto “sistema uniforme, estável e abstrato” (BENTES, 2012, p.265). Os falantes, sob essa ótica, seriam dotados de uma capacidade de reconhecer os elementos constituintes do texto, porém suas ações eram admitidas de forma isolada.

De maneira geral, essas gramáticas tinham como premissa estabelecer princípios de constituição e propor critérios que delimitariam os textos, diferenciando-os conforme sua natureza. A partir delas, os estudos do texto

passaram a contemplá-lo como entidade mais alta na hierarquia, contudo as investigações ainda eram limitadas às questões abstratas, sistêmicas e individuais. Apesar de terem ampliado as concepções de texto, os idealizadores dessas gramáticas não entraram nas questões da produção/recepção enquanto fenômeno calcado na interação e numa cognição situada. A mudança desse paradigma, por sua vez, provocou uma inevitável reconstrução do objeto texto, lembrando aqui a máxima saussuriana de que o ponto de vista é que cria o objeto.

Sendo visto agora de uma outra forma, o texto passou a ser tratado pelo prisma das práticas sociais situadas. Essa mudança de olhar da linguística textual é denominado por alguns autores, entre eles Koch (2009), de virada cognitivista. A respeito desse patamar alcançado, tendo como um de seus pontos principais a preocupação com a interlocução, a autora diz o seguinte:

Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada com sucesso. (KOCH, 2009, p.21).

O excerto nos revela um avanço na abordagem do texto: o processo interativo e os saberes acumulados durante a experiência. Acerca da teoria sociocognitiva que se estabelece, Koch (2009) aponta o seguinte: “A cognição é um fenômeno situado. Ou seja, não é simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa.” (KOCH, 2009, p.31).

Outros autores, tais quais Salomão (1999), Marcuschi (2007), Koch e Cunha-Lima (2011), abordam de maneira exemplar essa perspectiva sociocognitivista da linguagem, a qual tem embasado os estudos contemporâneos de texto. Acerca disso, é válido destacar que

É a natureza essencialmente situada da cognição que pode ajudar a explicar, por exemplo, como os indivíduos podem ter desempenhos profundamente desiguais em tarefas que seriam abstratamente descritas do mesmo modo, mas que se realizam em situações sociais diferentes. Por exemplo, uma criança que trabalha vendendo balas na rua consegue, com muita velocidade, realizar cálculos matemáticos relativamente complexos e não consegue realizar os mesmos cálculos na escola (ou mesmo, outros mais simples). (CUNHA-LIMA; KOCH, 2011, p.280).

Conforme o excerto, percebemos que o texto atualmente é compreendido sob óticas que versam sobre o acesso ao conhecimento, ou melhor, a construção deste. Frise-se, portanto, que esse conhecimento se dá nas relações concretas mediadas pela linguagem, o que nos faz compreender junto às autoras a relevância dos contextos cognitivamente situados que colaboram na realização de cálculos por uma criança concreta numa situação concreta. Nessa tônica, a cognição, o contexto e os interlocutores, é claro, participam da construção de conhecimento e são peças fundamentais e indissociáveis também na produção e compreensão de qualquer texto.

Sintetizando a discussão realizada, vislumbramos a transformação na compreensão do objeto texto no percurso da linguística textual, que abrangeu etapas imanentes ao sistema linguístico. Sob essa ótica, o texto era visto de forma abstrata e apartada da história e da cultura. Compreendê-lo, pois, enquanto artefato produzido em práticas sociais concretas faz repensarmos seus constituintes, sua produção e recepção, uma vez que os interactantes, o contexto, a história e a cognição passam a fazer parte do mundo textual de maneira interligada, inseparável. Tais elementos, por estarem em constante ebulição, obrigam-nos a entender esse objeto para além da materialidade e num constante processo de formação.

2.1.2 Os (des)limites entre linguagem e contexto

Aprofundando a compreensão da complexidade inerente aos textos, podemos inicialmente pensá-los como sistemas não lineares, não contínuos e suscetíveis às intervenções do leitor (MARCUSCHI, 2000). Tal concepção diverge da visão tradicional de texto exclusivamente enquanto código e inaugura o cenário do hipertexto, cuja concepção não se restringe às novas estruturas e formas textuais (repletas de links e endereços) advindas com as tecnologias digitais.

Essa concepção, na verdade, se relaciona também aos diferentes modos de se acessar um texto, já que as supostas linearidade e centralidade admitidas no processo de recepção são colocadas por terra. Enquanto leitores, somos bombardeados por inúmeros estímulos das mais variadas ordens, o que configura, como salientou Marcuschi (2000), uma dispersividade discursiva².

² No I Seminário sobre Hipertexto, realizado em Recife, 16 e 17 de outubro de 2010, Marcuschi aborda os mais variados estímulos verbo-visuais a que estamos submetidos, seja em casa, ao

Essa ideia se aproxima dos pensamentos de Beaugrande (1997), quando compreendeu o texto enquanto evento, e de Hanks (2008), acerca da fluidez texto/contexto. Tanto Beaugrande quanto Hanks ultrapassam o texto como unidade estritamente linguística, presa na materialidade. Ambos creditam um forte papel à interação, ao contexto, deixando claro que deve haver, é certo, alguns cuidados para que esse artefato não seja visto como um fenômeno nebuloso.

Para Beaugrande (1997), o texto é compreendido como um evento comunicativo, para o qual convergem atividades linguísticas, cognitivas e sociais. Esses fatores imbricados e de origem distinta acabam contribuindo para uma visão multissistêmica do texto, ou seja, uma relação estreita entre sons, palavras, significados, participantes e ações. Nessa esteira, visualizamos que o autor extrapola a língua como algo imanente, descarnado, incluindo, nesse campo complexo, a importância dos interactantes dentro dos textos.

Para o autor, as pessoas usam, a cada evento comunicativo, uma versão do sistema real da língua. Dessa forma, em virtude das unidades textuais serem multifuncionais e interconectadas, ele lança uma metáfora, referindo-se àquilo que vemos ou escutamos como apenas “uma ponta de um iceberg”, tendo em vista a condensação de informações de múltiplas ordens em curtos segmentos de fala ou de escrita.

Dialogando com Hanks (2008), temos que o autor atribuiu um papel fundamental ao contexto, aludindo, nesse sentido, certa fluidez entre texto e contexto. Adotando o fato de que muitos estudiosos tomaram o texto como objeto, entre estes, linguistas, sociólogos e antropólogos, ele tenta reunir as questões-chaves desses estudos no intuito de equilibrar as disparidades presentes neles. As análises, pois, realizadas fizeram com que Hanks percebesse que há estudos que se prendem às questões estritamente formais dos textos, enquanto outros ultrapassam exageradamente os limites destes, caindo numa espécie de redemoinho historicizante.

Na tentativa de equilibrar esses polos, o autor compreende que não devemos descartar, nas concepções mais sociais de texto, a unidade formal que

assistirmos televisão, ou nas ruas, em meio às fotos, placas, publicidades eletrônicas. Este fenômeno é conhecido como dispersividade discursiva. O autor salienta que a dispersividade discursiva faz parte da nossa cognição, declara que sabemos quando e onde começam esses estímulos, no entanto, em face da não linearidade, não consegue admitir em que exato momento iniciamos o processamento das informações que nos chegam.

garante a estrutura dos gêneros, tampouco exagerar para além de seus limites, como se tudo fosse garantido na interlocução. Entretanto, isso não impede o reconhecimento de que os interactantes ajudam a construir os sentidos dos textos, mediante a ativação de seus conhecimentos e das nuances contextuais que emergem e que são incorporadas durante a interação, fazendo com que texto e contexto sejam fluídos.

Essa fluidez entre texto e contexto segue à construção, portanto, de um cenário social edificado durante a interação, assim como os elementos que são a ele incorporados, os quais podem remeter a outras experiências gatilhadas pelas pistas (con)textuais. Sendo assim, “Alternativamente, pode-se dizer que a fronteira entre os elementos intra e extratextuais é gradiente.” (HANKS, 2008, p.133). Essas fronteiras decorrem dos níveis contextuais estabelecidos na e pela interação, aliadas também aos aspectos linguísticos.

Abordando também a intrínseca relação entre contexto e linguagem, deparamo-nos com as ideias de Salomão (1999). Nesse trabalho, a autora levou em consideração o princípio da escassez do significante e o fato de que o contexto é dinâmico, sendo passível de influenciar a construção de semioses. Essa reflexão instaurada por ela segue a ideia de que as palavras funcionam como gatilhos no processo de significação, tendo, portanto, sua semântica atualizada nas práticas comunicativas. Desta forma, não possuem um significado previamente preenchido ao discurso.

O contexto, segundo a autora, por ter uma relação muito próxima com as semioses, possui suas fronteiras com a linguagem esmaecidas:

cabe outra vez a pergunta: onde termina a linguagem? Onde começa o contexto? Dentro da perspectiva que adotamos, o mundo (para nós que o percebemos ou o conceptualizamos) é também **signal**; há, portanto, uma continuidade essencial entre **linguagem, conhecimento e realidade** que não as reduz entre si, mas as redefine em sua fragmentária identidade (como **realidade**, ou como **conhecimento**, ou como **linguagem**), segundo as necessidades locais da interação humana. (SALOMÃO, p.70-71, grifo da autora).

Pelo que vemos, os limites entre contexto e linguagem, sob a ótica sociocognitivista, são tênues, valendo destacar a relação existente entre linguagem, conhecimento e realidade. Deste modo, voltando a Beaugrande (1997) com a ideia de que texto é um evento de ordem linguística, cognitiva e social e a Hanks (2008), o qual tocou na questão dos níveis contextuais no processamento discursivo, não

podemos nos esquecer de que o palco para a formação dos conhecimentos é o texto. Como dito no tópico anterior, esse movimento de elevar o texto a uma categoria concreta, cognitivamente situada, fez com que abrissemos nossa mente em relação à transformação e à atualização dos significados.

2.1.3 As relações sociocognitivas na produção e recepção de texto

Como dito no tópico anterior, o contexto mantém uma relação intrínseca com a linguagem e, por consequência, com a elaboração dos mais variados textos. Diferentemente das visões que criam as práticas languageiras apartadas das relações contextuais, faz-se mister revelar que elas estão em fina sintonia com as questões sociocognitivas subjacentes à produção e à recepção de textos.

Sobre essa questão, avistamos os pensamentos de Koch (2011) acerca do processamento textual. A autora, no trabalho em questão, deu ênfase às representações cognitivas atravessadas pela memória, opondo-se à visão clássica da cognição. Tomando os elementos contextuais como ponto significativo, ela rebate o modelo serial e modular da mente, próprio da visão clássica, marcado por relações de input e output. Além disso, baseando-se na enação, afirma que não há uma cognição pré-dada, já que as estruturas cognitivas são um reflexo da não segmentação entre sujeito e ambiente, sendo a mente, portanto, corporificada.

Outro estudioso que conferiu significativa importância ao contexto e o destacou como partícipe das operações cognitivas e textuais foi Van Dijk (2012). O autor justificou o contexto como um modelo mental pouco analisado pela cognição e enfatizou algumas características relevantes. Para ele, os modelos de contexto são dinâmicos e atualizáveis durante fala/escrita e audição/leitura; controlam a interação verbal e facilitam a realização de estratégias pelos interlocutores, poupando-os de explicitar todo o conhecimento socialmente compartilhado em seus enunciados.

Van Dijk considera, desta forma, que os textos são incompletos ou implícitos. Ante isso, os pares na comunicação, por fazerem parte de um contexto minimante compartilhado, recorrem a estratégias que surgem ancoradas no momento enunciativo, ativando, portanto, conhecimentos a fim de sanar tais lacunas:

A estratégia epistêmica mais usada na produção do discurso é que o conhecimento compartilhado não precisa ser expresso e, portanto, pode ficar implícito – quer porque se acredita que o receptor já dispõe desse conhecimento, quer porque se supõe que o receptor é capaz de inferir esse conhecimento do conhecimento previamente existente. (DIJK, 2012, p.123).

Devemos registrar que a mobilização de conhecimentos comentada faz parte de um conjunto de operações sociocognitivas, por excelência, não lineares. Desta maneira, tal ativação não deve ser vista de forma modularizada, tampouco o conhecimento entendido como um mero pacote, uma vez que é diversificado, integrado e demandado no processo de construção de sentidos.

Tendo em vista que a atividade da referenciação, sobre a qual discorreremos na próxima seção, aproxima-se dos estudos do texto, encontramos em Costa (2007) uma crítica às abordagens que tentaram dar conta dos fenômenos referenciais. Embora as teorias confrontadas pela autora, tais quais a de Clark, Chafe e Prince, levem em conta elementos sociais e contextuais, elas ainda estão próximas a algo predeterminado. A gama de relações que o indivíduo estabelece com o contexto parece estar apartada dos aspectos linguísticos, sendo a integração das informações dadas e novas fruto maior de uma mente isolada do que uma mente social, algo mais próximo de uma cognição modularizada do que contingenciada.

Finalizando esta seção e este capítulo, tentamos abordar a relação entre texto, contexto e produção e recepção de textos, aludindo à mudança de rumos nos estudos do texto e a importância do contexto e das questões cognitivo-sociais necessárias ao processamento textual. Na próxima seção, aprofundaremos as ideias aqui desenvolvidas na tentativa de abordar o complexo fenômeno da referência, relacionando-o à construção dos objetos-de-discurso, ao ponto de vista e a dinamicidade discursiva sobre lugar.

2.2 AÇÕES REFERENCIAIS NO PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A REFERÊNCIA, RECATEGORIZAÇÃO E ESCRITA

Observando a evolução dos estudos do texto, da análise transfrástica até as questões sociocognitivas, verificamos a assunção das atividades referenciais enquanto práticas discursivas. Sob esse ângulo, é visível a construção do mundo via linguagem, e não o espelhamento deste. O universo, não sendo discretizado e muito

menos segmentado em categorias estanques, torna-se consequência das vontades dos indivíduos em consonância das ações intersubjetivas e contingenciadas. Isso reflete as práticas de textualização e refacção constante da realidade.

Na presente seção, levamos essas ideias em consideração, na tentativa de compreender como as ações referenciais são concretizadas no textos escritos pelos participantes desta pesquisa. Como salientado em momento anterior, trata-se da produção do gênero artigo de opinião destinado à OLPEF. Por intentarmos analisar a recategorização do referente “O lugar onde vivo” mediante atividades de escrita, cremos na importância de discorrer sobre: (a) o fato de que a linguagem não é espelho do mundo; (b) o processo de recategorização enquanto desdobramento do ponto de vista; (c) a recategorização marcada na materialidade textual; (d) a não linearidade na construção da referência.

2.2.1 A linguagem não é espelho do mundo

Da mesma forma que a versão estritamente sistêmica da linguagem limitou-se à concepção de texto tomando-o como código imanente, tal ponto de vista também influencia as práticas discursivas e sua vinculação com o mundo. A linguagem sob essa ótica seria reflexo apenas das regras próprias do sistema linguístico e afastar-se-ia das relações marcadas pelo homem, pela história e pela sociedade. Como resultado, a relação palavra/coisa se torna imóvel ante a qualquer influência do contexto e ao regime de colaboração entre os interactantes.

As consequências dessa visão acabam repercutindo, portanto, na construção dos significados. Haveria, desta forma, um apelo a uma semântica essencialmente formal, em detrimento de uma semântica pragmática. Frege, um dos adeptos dessa semântica formalista, o qual se preocupava em estudar a linguagem de maneira artificial, passou a vislumbrar as relações vericondicionais mobilizadas pelo par língua-mundo. Acerca disso, discorrendo, entre outras abordagens semânticas, Oliveira (2012) alude ao seguinte postulado desse filósofo da linguagem:

O sentido só nos permite conhecer algo se a ele corresponder uma referência. Em outros termos, o sentido permite alcançarmos um objeto no mundo, mas é o objeto no mundo que nos permite formular um juízo de valor, isto é, que nos permite avaliar se o que dizemos é falso ou verdadeiro. A verdade não está, pois, na linguagem, mas nos fatos do mundo. A linguagem é apenas um instrumento que nos permite alcançar aquilo que há. (OLIVEIRA, 2012, p.28).

Quando se assume a ideia de que o mundo é discretizado e de que a linguagem serviria para nomeá-lo, a noção de verdade estaria para julgar se os eventos linguísticos corresponderiam diretamente a uma categoria. Essa visão, estanque, rompe, pois, com a capacidade criativa e plástica da própria linguagem, quando utilizada em contextos específicos, e sedimenta-se no regime dualista da relação corpo/mente e sujeito/objeto. A superação desse regime dual, como disse Salomão (2013), deveu-se ao avanço das ciências cognitivas e à assunção da cognição como rede social. A respeito disso vale destacar que

O realismo cognitivista (não metafísico) reconhece que o mundo existe e que a mente é inseparável do mundo em sua materialidade e em sua história: de fato, a mente é parte do mundo e, nessa condição, não o representa, mas atua nele, e o transforma ao transformar-se. Por isso, nesta perspectiva, é impossível conceber a verdade como transcendência ou a liberdade como autonomia da situação em que a cognição se produz. (SALOMÃO, 2013, p.165).

O postulado acima, de base sociocognitivista, critica a verdade como algo transcendente, o que colocaria por terra a ideia da correspondência linguagem-mundo e o mito da linguagem adâmica. Embasadas nessa perspectiva, Mondada e Dubois (2003) também criticam a ideia de que a linguagem seria o espelho do mundo e ultrapassam a questão da referência, ao lançar a referenciação como atividade discursiva.

A referência, para as autoras, não é imutável, tal como era para Frege. Segundo elas, “as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.20). Embora o indivíduo tenha a tendência à categorização, tais categorias do mundo são instáveis, mutáveis e influenciadas pela negociação intersubjetiva. Sendo assim, a referência é discursiva.

Contrariando a concepção de língua como representação fiel do mundo, as autoras dizem que

as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam [...] sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.22).

Para as autoras, tais variações, transformações, podem ser entendidas como “recursos que asseguram uma plasticidade linguística e cognitiva e uma garantia de adequação contextual e adaptativa” (p.25). Esse pensamento reflete a existência de um contrato intersubjetivo, permeado pelas instâncias culturais e cognitivas dos interactantes.

Considerando a textualização como uma atividade em que os interlocutores co-constroem referentes, é notável, portanto, a mudança de significados no decorrer do texto. A tentativa dos interactantes em achar a melhor designação para aquilo que pretendem dizer, mudando, inclusive, o vocabulário, escolhendo ou excluindo palavras, tal qual disseram Mondada e Dubois (2003), refletem que, nos textos, não existe essa correspondência fidedigna entre língua e mundo. A procura pelo “melhor” termo já explica esse fenômeno. Essa atividade, conforme as autoras, também ocorre nos textos escritos, o que nos leva a entender que a atualização dos referentes é um processo dinâmico e natural ao discurso.

2.2.2 A construção do ponto de vista e o processo de (re)categorização

“As categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos”.

(MONDADA; DUBOIS, 2003, p.28).

O fenômeno da recategorização reflete a plasticidade da linguagem e a mutabilidade dos referentes na ação discursiva. O clássico exemplo do piano, que pode ser visto pelos interactantes como fardo na ocasião de uma mudança, ilustra, portanto, a instabilidade das coisas no mundo. Tal questão, apontada por Mondada e Dubois (2003), traduz a ideia de que não existe um rótulo correto para designar os objetos, fenômenos ou situações; o que há de fato é uma construção intersubjetiva, promovida muito mais pelos pontos de vista dos sujeitos do que pelas restrições da materialidade do mundo.

Ao chamar atenção para a relevância do ponto de vista na construção das categorias, discorrem sobre o papel dele na construção discursiva, um tópico abordado por Koch e Cortez (2013, p.9): “Ao retrabalharem as formas sociais e culturais no discurso, os indivíduos exprimem relações entre si e afirmam posição, representando pontos de vista.” A emergência desses pontos de vista faz com que o locutor/enunciador regule, conforme sua posição, diferentes vozes no discurso. Sob essa perspectiva, o ponto de vista ultrapassa “a expressão de uma percepção e integra julgamentos e conhecimentos que o locutor e/ou enunciador projetam sobre o referente”³.

Dialogando com Rabatel (2008), as autoras destacam que as formas nominais referenciais marcadas pelo ponto de vista são sinais de alteridade, questão, portanto, que descarta o princípio da imanência e traz à tona a importância do processo dialógico bakhtiniano, seja no que corresponde ao autodiálogo ou ao heterodiálogo. Acerca da construção referencial, elas dizem ainda (p.12-13):

Se a forma de lidar com o léxico no processo de referenciação implica uma atividade seletiva que aponta para um enunciador, um sujeito que focaliza um conteúdo, então é possível dizer que a construção dos objetos de discurso está diretamente relacionada à construção do ponto de vista.

O pensamento expresso por Koch e Cortez nesse excerto é consoante ao que Mondada e Dubois postularam. Ainda que pese a materialidade das coisas, elas não são determinantes na construção da referência. O modo como os sujeitos se posicionam é muito mais efetivo neste processo. Relacionado também a essa discussão e com uma perspectiva sociocultural mais saliente, avistamos o pensamento de Marcuschi (2007), quando reconhece que o mundo é constituído por crenças coletivas geradas intersubjetivamente no confronto com a realidade empírica. Sobre essa questão, ele diz que

As coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva *sobre* o mundo e da inserção sócio-cognitiva no mundo em que vivemos. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir intersubjetivo (não voluntarista) diante da realidade externa e não de uma identificação de realidades discretas. (MARCUSCHI, 2007, p.126).

Embasado em Davidson, para quem não existe uma relação direta entre mente e mundo, mas sim uma coerência entre crenças dentro de uma sociedade de

³ *Ibid.*, p.10.

mentes, e em Langacker, cujas reflexões giram em torno de uma mente humana que não é individual, nem solipsista, mas encorpada e situada, Marcuschi, assim como Mondada e Dubois, entende que as categorias não espelham o mundo. De forma semelhante ao que as autoras fizeram, ele critica a teoria dos protótipos de Rosch, que tem como postulado a ideia de que “uma categoria seria um sistema cognitivo-representacional com propriedades necessárias e insuficientes, intemporais e independentes de contexto” (MARCUSCHI, 2007, p.136). Acerca disso, ele assume a seguinte posição:

Não tem muita serventia a noção de ‘representação’ para caracterizar as categorias porque isso assemelha-se a algo fixo e estável com características de independência e ligado à linguagem sem atenção para os aspectos sócio-culturais e a variação das línguas. Além disso, as categorias são ligadas à cultura que são por sua vez sistemas de cognição e não contextos de inserção inertes. (MARCUSCHI, 2007, p.136).

Admitindo forte influência da cultura e dos pressupostos de que a língua é encarnada e situada, o autor também reflete sobre o posicionamento dos interlocutores na construção dos seres e dos objetos do mundo, os quais são tomados como objetos de discurso. Daí, menciona que, para alguns, Tiradentes fora visto como traidor, enquanto, para outros, herói; relata a dificuldade de órgãos censitários, como IBGE, em classificar as pessoas em cores, uma vez que os termos não necessariamente correspondem ao modo como as pessoas se veem; discute sobre a categoria abacate, que, no Brasil, é visto como fruto, e, na Alemanha, como legume. Além destes, o autor se utiliza de outros exemplos para sustentar a tese de que as categorias são intersubjetivas, culturais e situadas.

Alinhando o nosso pensamento ao do autor, verificamos que a (re)categorização do referente “O lugar onde vivo” nos textos dos participantes da pesquisa também reflete condições socioculturais locais. Inúmeras formas de referir esse objeto de discurso são concretizadas mediante a construção do ponto de vista e a consideração de questões políticas, sociais e econômicas. Assim como visto em Koch e Cortez (2013) e em Mondada e Dubois (2003), a posição dos sujeitos escreventes reconstrói o referente, o qual vai ganhando novos contornos na teia discursiva.

2.2.3 Expressões nominais no processo de recategorização

A reconstrução referencial promove a manutenção de objetos-de-discurso previamente introduzidos por meio da pronominalização ou pelo uso de expressões nominais definidas ou indefinidas (KOCH, 2009). A manutenção desses objetos relaciona-se à progressão textual ao passo que atualiza os referentes conforme as relações discursivo-pragmáticas instaladas nos e pelos textos. Todavia é sabido que a recategorização ou reconstrução de referentes não se limita ao cotexto. Muitas vezes ela ocorre no plano cognitivo, sem uma lexicalização materializada do objeto. Nestes casos, há um apelo mais significativo à memória discursiva e aos conhecimentos prévios dos interlocutores. No entanto, mesmo que se trate de fenômenos desse tipo, não se pode fugir do aparato linguístico moldurado pela cadeia referencial.

Koch (2009), ao discutir o fenômeno da recategorização do ponto de vista lexical, explica que as descrições nominais são um reflexo da seleção de propriedades de um referente “contextualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor” (KOCH, 2009, p.68). A autora considera que a escolha de certas descrições “pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido.” (KOCH, 2009, p.69). Em relação a essa questão, ela destaca uma série de funções cognitivo-discursivas desempenhadas pelas descrições nominais, dentre elas, a de orientação argumentativa.

Quanto à orientação argumentativa, a autora traz um exemplo que possibilita uma construção de sentidos a respeito do ex-presidente norteamericano George W. Bush. Na passagem escolhida por ela, retirada da revista Caros Amigos, Bush é nomeado por “psicopata travestido de presidente eleito de forma fraudulenta, vergonhosa e indecente, que se autodefine salvador do mundo” (KOCH, 2009, p.78). Como vemos, a ampla descrição definida associada a uma oração relativa possibilita compreendermos a tendência opinativa do produtor. Outra função abordada pela autora acerca das expressões nominais é a de ativação/reativação na memória.

Levando em conta o processo de ativação e de reativação de referentes ao longo dos textos, Koch menciona que a nominalização apresenta uma forma híbrida, uma vez que o processamento anafórico mantém o referente ativo, através das atividades de referenciação, e o modifica, haja vista a atividade predicativa,

própria desta função. Essa ação do referente deve-se, segundo a autora, às atividades de focalização e refocalização.

O uso das expressões nominais pode exercer também a função de rótulos. Geralmente, esses rótulos acabam resumizando ou encapsulando partes anteriores do texto, retomando e avaliando, conforme a autora, fenômenos abstratos, como estado, evento, fato ou atividade. Tais expressões são consideradas, por si, anáforas complexas. Acerca deste processo de encapsulamento, Comte (2003) comenta que as partes encapsuladas variam em sua extensão, podendo ocupar o espaço de um parágrafo inteiro ou de uma única sentença. A autora menciona ainda a existência de uma integração entre informações dadas e informações novas no texto, mantidas pelo cotexto.

Essa integração, considerada por ela como de caráter semântico, pode vir no começo de um parágrafo e, caso o núcleo do sintagma nominal tenha valor axiológico, existe, como dito anteriormente, uma avaliação da porção textual sumarizada. Comte menciona também que os encapsulamentos anafóricos promovem uma organização textual, bem como podem manipular o leitor, haja vista o viés argumentativo. Além disso, a depender do nível de compreensão do encapsulamento, este pode exigir graus variados de inferência pelo interlocutor.

Sobre o papel das expressões nominais na rotulação, Francis (2003) ressalta também o caráter organizacional do texto, verificando a existência de rótulos prospectivos, quando a rotulação precede a lexicalização, e de rótulos retrospectivos, quando instâncias lexicais são retomadas por meio do encapsulamento, contribuindo para argumentação do texto. Acerca da rotulação, o autor define que este fenômeno não é aleatório e se relaciona a “percepções partilhadas ou partilháveis do mundo” (FRANCIS, 2003, p.226).

Pelo que visualizamos, as expressões nominais definidas participam do esquema anafórico e contribuem com a reconstrução de referentes. Tal reconstrução, como dito antes, não se fixa apenas no texto, requerendo dos interlocutores um grau mínimo de inferência. A respeito disso, percebemos em Cavalcante (2013), tal questão. Ao tratar dos fenômenos referenciais, a autora salienta que determinadas expressões nominais podem recategorizar referentes que não foram inseridos no cotexto. Para tanto, ela traz o poema Rosa de Hiroxima, de Vinícius de Moraes, e discute o processo de reconstrução do referente bomba, não marcado linguisticamente, mas plenamente inferível.

Trabalhando também sob a ótica da inferência, Marcuschi (2013) aborda que as âncoras textuais podem facilitar a compreensão de determinadas anáforas indiretas, realizadas por expressões nominais. Criticando também a ideia de uma correferência pura, o autor destaca que até nos casos das anáforas diretas há uma relação de inferência, uma vez que para a correferência existir, segundo a visão clássica da anáfora, o termo que substitui teria que ser sinônimo do antecedente.

Encerrando esta subseção, compreendemos que a recategorização pode ser textualizada pelas expressões nominais, no entanto é necessário que se compreenda o fenômeno, ampliando a percepção de sua não linearidade. Pelo que vimos, na primeira seção teórica, a própria noção de texto ganhou nova roupagem mediante as concepções sociocognitivas que inseriram elementos considerados não textuais como participantes da construção dos significados. Quando se fala que a materialidade linguística não é suficiente, chega-se ao estatuto de multilinearidade ou não linearidade do referente.

2.2.4 A não linearidade da recategorização

Seguindo a perspectiva de que o referente é não linear, Cavalcante *et al.* diz-nos que

A referenciação é o processo pelo qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes se (re)constroem. Trata-se, portanto, de um ponto de vista cognitivo-discursivo, e é por isso que se diz que a referenciação é um processo em permanente reelaboração, que, embora opere cognitivamente, é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias. (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p.233-234).

A fim de destacar o entorno sociocognitivo-discursivo na construção da referência, Cavalcante *et al.* discorrem sobre a transformação da concepção de referente que perpassou pelas décadas de 1980, quando da influência de análises transfráticas, contexto que se preocupava com o estudo dos elos coesivos manifestados na superfície textual, até chegar ao que se compreende como objeto-de-discurso. Do mesmo modo destacam que “a interpretação da referência nem sempre depende da manifestação de expressões referenciais no cotexto”⁴. Tal posicionamento vai ao encontro de estudos que reconsideraram as concepções de anáforas e introdução referencial.

⁴ *Ibid.*, p.235.

A respeito das novas discussões sobre a anáfora, Ciulla e Silva (2008) considera que “a interpretação de uma expressão não só é dependente do contexto e do cotexto, mas também tem implicações a partir do conhecimento que é compartilhado pelo enunciador e seu interlocutor.” (CIULLA E SILVA, 2008, p.46). Tendo em vista essas colocações, a autora diverge das concepções tradicionais de anáfora direta, tal qual fizera Marcuschi (2013), como se esta tivesse a função de apenas correferir e não trouxesse informações novas.

Mesmo quando um item lexical é repetido, pode haver transformação, que é o que acontece na maior parte das vezes, pois, normalmente, o entorno discursivo é trabalhado no sentido de evoluir os objetos modificando-os. Destacamos, com essas observações, a questão de que mesmo nas anáforas correferenciais, de um modo geral, há transformações do objeto e, por isso, dizer que elas recuperam diretamente o objeto nem sempre nos parece adequado. (CIULLA E SILVA, 2008, p.50).

Consoante às reconfigurações sobre a introdução referencial, Costa (2007), ao discorrer sobre a teoria da acessibilidade de referentes a partir de Ariel, questiona a diferença teoricamente demarcada entre introdução referencial pura e as anáforas indiretas. Um exemplo que a autora traz diz respeito ao sintagma *professora de matemática* que aparece pela primeira vez no texto **Joãozinho**, o qual para nós já é ancorado na cultura como uma das modalidades do gênero piada. Nesse sentido, Costa sugere que professora de matemática, não obstante ao fato de aparecer pela primeira vez, pode ser inferido pelo contexto e pela cultura em que está situado o leitor. Dessa forma,

Se considerarmos, com Ariel, que todos os contextos se entrelaçam na recuperação ou na criação dos referentes, podemos entender que será praticamente impossível determinar onde termina a classe das anáforas indiretas e onde começa a das introduções puras [...] Como nos alerta Ariel (1996), não há referência direta, isto é, não há um “grau zero” de inferência. Qualquer ato referencial conta com algum trabalho cognitivo, com algum nível de inferência. (COSTA, 2007, p.173).

Os estudos de Costa, os quais veem de maneira sensível o contexto em que se dá a interação, entram em consonância ao que Custódio Filho e Silva (2013) apregoam sobre a não linearidade da recategorização, a saber, um processo que requer a mobilização dos conhecimentos construídos sociocognitivamente, não ficando restrito às relações entre o antecedente e seus anafóricos:

Quando se trata de construir referentes em um texto, o caminho seguido não precisa, necessariamente, obedecer à linearidade do enunciado, ou seja, não precisa, apenas, reconhecer as relações entre um antecedente e seus diversos anafóricos, na ordem em que aparecem. O trabalho interpretativo é muito mais difuso, feito de idas e vindas, de maneira que tanto o enunciador quanto o coenunciador (sabedores de que é assim que as coisas são) articulam suas ações via texto com base nesse parâmetro. (CUSTODIO FILHO; SILVA, 2013, p.70-71).

Essa não linearidade do processo de recategorização pode ser compreendida sob uma ótica parecida em Custódio Filho (2012), quando aludiu à necessidade de haver mais trabalhos sobre a recategorização sem menção referencial anafórica. Neste trabalho, o autor aborda duas vertentes nos estudos da referenciação: uma que tem se concentrado em estudar as funções e classificações do processo anafórico e outra que se preocupa em responder como a materialidade verbal e não verbal, o aparato cognitivo e os aspectos sociohistóricos e circunstanciais são acionados na construção dos referentes.

O estudo da recategorização sem menção anafórica estaria para o segundo grupo, e, segundo o autor, os objetivos das pesquisas sobre esse fenômeno teriam como propósito reconhecer que as transformações do referente, mesmo apreendidas pelos sintagmas nominais, não se restringiriam às relações internominais pelas quais ele esteja a passar. A respeito disso, podemos dialogar também com Lima e Feltes (2013) e com Cavalcante (2011).

Lima e Feltes (2013) aliam os pressupostos da Linguística Textual aos da Linguística Cognitiva. Elas trouxeram alguns exemplos para ilustrar que a recategorização pode ocorrer para além do nível lexical e dirigir-se para uma dimensão cognitiva. Vejamos um desses exemplos:

(a) italofabris@programapanico: Vovó, porque você não se candidata a presidência? Já [sic!] tem um vampiro, só está faltando a múmia!!

No caso acima, as autoras chamam atenção ao termo vampiro que surge recategorizando o político José Serra, que não é lexicalizado. No entanto, a relação metonímica *corrupção pela operação de combate* chamada Operação Vampiro ajuda a construir esse insight e entender o termo vampiro como anáfora e não como introdução referencial. O referente, neste caso, já estaria instalado na memória discursiva. Ele necessitou, entretanto, ser resgatado pelas questões cognitivo-

discursivas a fim de que a recategorização fosse compreendida. Outro exemplo trazido por Lima e Feltes (2013) também evoca a dimensão cognitiva na compreensão do fenômeno linguístico:

(b) Cantadas de pedreiro

Suspende as frita... o filé já chegou!

Ilustrando, de maneira mais clara, a intersecção com a Linguística Cognitiva, a partir do exemplo acima, lançam mão da recategorização por integração metafórico-metonímica a fim de mostrar que os sintagmas não são suficientes para a construção do referente mulher, que se evidencia por meio do implícito. Nessa questão, ela adentra o campo da metáfora quando “mulher” torna-se equivalente a filé, adjetivação comumente feita em piadas realizadas em canteiros de obra, e o campo da metonímia, considerando o efeito *parte pelo todo*, uma vez que “filé” é uma das partes do boi, alimento hierarquicamente superior a qualquer outra peça de carne e superior também às “frita”, marcada linguisticamente. Outro elemento desta recategorização, não explícito textualmente, conforme a autora, é sugestão do ato sexual presente na piada, o qual é equiparado popularmente ao ato de comer. Sendo assim “mulher”, neste exemplo, seria vista de forma pejorativa, uma vez que “cumpriria” na piada a função de alimento, que satisfaria os desejos sexuais dos trabalhadores da obra.

Justificando, portanto, o seu olhar para a referência, as autoras dizem que

Ao se introduzir, em LT, a noção de (re)categorização, deve-se ter claro seu status de fenômeno de interface, e não de fenômeno que se possa descrever e explicar apenas pelo que se manifesta na superfície do texto, numa relação entre elementos lexicais ou sintagmáticos, por processos como sinonímia, paráfrase, hiperonímia, diferentes formas de encapsulamentos (lexicais ou sintagmáticos), metáforas e metonímias. (LIMA; FELTES, 2013, p.41).

Pelo que foi aqui discorrido, os autores elencados justificam que a recategorização não se dá apenas pelo léxico. Existe, na verdade, uma integração entre a cognição e os elementos culturais de modo a promover a significação dos referentes. Encerrando este tópico, vemos, em Cavalcante (2011), uma síntese à ideia da não linearidade do referente. Deste modo, compreende-se que “os processos referenciais não precisam, necessariamente, estar associados à menção

de expressões referenciais para serem introduzidos no universo do discurso criado pelo próprio texto” (CAVALCANTE, 2011, p.119). Tal colocação traduz o pensamento de que o referente não estreia totalmente nos textos, como já dissera Costa (2007), uma vez que a cultura e a sociedade também fazem parte da linguagem.

2.3 A ESCRITA ESCOLAR COMO INTERAÇÃO

Muitos autores dividem a escrita em quatro etapas: planejamento, escrita, revisão e reescrita e editoração. Passarelli (2012), ao discorrer sobre cada etapa, menciona que elas ocorrem de maneira dinâmica. Também considera a ocorrência de um processo que percorre todas elas, que seria a monitoração. A função deste, segundo ela, é de promover uma espécie de vigilância que envolve “o bom senso do sujeito (realidade concreta), sua intuição (mundo das possibilidades), seus sentimentos (valores pessoais)” (PASSARELLI, 2012, p.170).

Assim como discorreu sobre as etapas da escrita, a autora também abordou determinados problemas que contribuem para o insucesso dessa prática na sala de aula. Um desses problemas é a correção do professor baseada no princípio higienista, ou seja, apenas na correção dos erros, dos desvios gramaticais apresentados na materialidade do texto, feito que dificulta o processo de interação professor-aluno. Acerca disso, condena as avaliações que se resumem à nota ou que expressam uma imposição do docente. A proposta lançada por Passarelli para contornar esses problemas seria uma avaliação formativa, a qual poderia “inserir o aprendente num processo avaliativo em parceria” (PASSARELLI, 2012, p.173).

A ação intersubjetiva lançada pela autora faria com que o aluno compreendesse a responsabilidade que deve ter com sua escrita. Os pensamentos dela, para nós, conciliam com os de Menegassi (2013). Ao tratar do processo de revisão textual com docentes em formação inicial, o autor faz uma revisão de literatura na qual discute os tipos de escrita costumeiramente observados na escola. Segundo ele, atividades que compreendem a escrita como inspiração divina (quando esta é vista como dom), como consequência (quando se objetiva a uma nota decorrente de uma aula de campo ou exibição de um filme), ou como reprodução estritamente da norma gramatical, tendem a não ter resultados positivos.

Tendo como pressuposto epistemológico o dialogismo bakhtiniano, o autor aborda a escrita como trabalho. Diferente dos três tipos de ações elencadas, as quais concorrem para resultados insatisfatórios da escrita, ele acredita haver mais chances quando há propósitos para ela. Sendo assim, a escrita como trabalho permite ao aluno ter um desenvolvimento escritor consciente, deliberado, planejado e repensado. O professor, ao propor atividades que permitam a assunção do interlocutor (suposto leitor) e conseqüentemente o desenvolvimento temático, composicional e estilo pelo aluno, acaba tornando-se, sob essa ótica, um coprodutor do texto. Adotada tal atitude, no campo da interação, há negociação de sentidos e possibilidades de atualização e recategorização referencial.

As atitudes do professor, mediante a escrita como trabalho, no que se refere às etapas de revisão e reescrita aliam-se ao que Passarelli (2012) tratou. Com a tentativa de inserir o aluno na avaliação do seu próprio texto, o autor propõe ações que favoreçam uma correção textual-interativa. Tais ações dão-se no campo do diálogo. A relação professor-aluno aconteceria por meio de bilhetes, questionamentos e reflexões inseridas no próprio texto do aluno. A ideia central é que o discente veja os posicionamentos do professor e os responda visando ao aprimoramento da escrita.

Ante essa estratégia pedagógica à qual poderia ser somada a interação face a face, podemos discutir sobre a demanda pela escrita. Na sala de aula, os alunos se enxergam como escritores e reconhecem de fato a função social dela? Diante dessa pergunta, podemos dialogar com Araújo (2001). Com um olhar focado na interação, no processo dialógico, a autora aborda as metáforas acerca do texto, reconstruindo a noção latina de *textum*. Ao discorrer sobre a trama textual, das redes de sentido, ela traz à tona a importância do elo comunicativo entre escritor e leitor mediado pelo texto.

Acerca da atividade de revisão e reescrita presentes no ato da produção textual, Araújo questiona quem de fato decide a melhoria do texto e quais os critérios estabelecidos nesse processo. Com o alicerce no dialogismo, ela adverte que o foco está sempre no outro, aquele a quem o discurso é dirigido. Sob essa ótica, e reconhecendo que as alterações no texto trazem nuances do projeto de dizer do aluno a esse outro, o professor deve ter a sensibilidade de desvelar o que se esconde por trás desses rabiscos, rasuras e rascunhos:

O rascunho não é apenas o lugar onde se revelam as dificuldades da criança que escreve, as suas lacunas em relação a uma escrita supostamente "ideal". O rascunho desvela as marcas do processo de textualização que se escondem no produto pronto. Mais ainda, o rascunho revela a elaboração de um pensamento, a gênese de um enunciado, a partir dos recursos que a criança dispõe e se apropria. (ARAÚJO, 2001, p.111).

As esclarecedoras palavras de Araújo quanto ao processo de textualização, o qual não descarta o que intencionalmente fora retirado ou incluído nos textos, revelam os cuidados do professor quanto a essa imprescindível tarefa de revisão e reescrita. Longe de entender essa etapa como algo estanque, uma vez que o processo de escrita é dinâmico e se dá no aqui-agora, percebemos que a autora reflete as concepções de texto enquanto evento. Sendo um processo inacabado, considerando a leitura como uma atividade singular, a reescrita também o seria. Sempre há algo a mudar no texto, uma vez que o olhar do escritor também se modifica mediante sua relação com o mundo, com as coisas e com o próprio escrito.

Pelo que vimos, os três autores elencados mantêm uma semelhança entre si: uma escrita escolar com foco na interação. Interação esta que é natural ao ato de escrever, bem como deve ser natural na sala de aula. A fim de encerrar esta seção, aprofundando um pouco mais a relação entre escrita e interação, avistamos os dizeres de Koch e Elias (2015). Em seu texto, as autoras retratam que a escrita pode ser estudada sob paradigmas teóricos distintos, seja com o foco na língua, no escritor ou na interação.

Defendendo este último paradigma, elas descrevem algumas demandas de quem escreve, como a necessidade de ativação do conhecimento de mundo, seleção e organização de ideias, balanceamento de informações implícitas e explícitas e revisão guiada pela interação pretendida para com o leitor. Essas demandas visam a garantir a construção dinâmica dos sujeitos nos e pelos textos. Como visto na primeira seção teórica, tal questão se alia aos dizeres de Beaugrande (1997), acerca dos aspectos linguísticos, cognitivos e sociais que concorrem para a construção dos textos.

Levando em conta, portanto, a escrita como interação, fica-nos clara a recategorização dos sujeitos que concorrem para este processo. Sendo participantes dos textos, os interlocutores acabam se transformando haja vista as singularidades presentes no processo de recepção e de produção. Modificando-se,

os sujeitos alteram constantemente seu projeto de dizer e atualizam os objetos-de-discurso. Quanto ao referente *O lugar onde vivo*, objeto de nossa pesquisa, visualizamos que as intervenções guiadas pela interação professor-aluno, aluno-mundo e aluno-lugar mobilizaram a reconstrução dele. Isso se associou às particularidades também do referente em estudo, sua mutabilidade e dinamicidade.

No tópico a seguir, daremos ênfase aos procedimentos metodológicos realizados em nossa pesquisa, os quais facilitaram a produção e compreensão dos dados.

3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

A sala de aula, sem sombra de dúvida, é um excelente laboratório. A todo instante as ações voltadas ao ensino-aprendizagem são férteis e passíveis de investigação. Bortoni-Ricardo (2015), por exemplo, ao discorrer sobre o papel do professor, afirma que a pesquisa qualitativa neste espaço visa desvelar ações educativas, que, por serem rotineiras, acabam se tornando invisíveis. Para chegar a esse invisível e apontar questionamentos sobre a prática docente, no nosso caso, docência em língua materna, cremos ser necessário romper com a rotina e situar a escola em discussões mais amplas sobre a realidade.

Levando em conta que essas discussões não escapam dos contextos reais de uso da língua, alguns autores da Linguística Aplicada, como Fabrício (2006) e Signorini (2007), sugerem a realização de pesquisas linguísticas em contextos reais a fim de que as demandas da sociedade e do mundo contemporâneo em que vivemos sejam percebidas sob a ótica do pesquisador. Acerca disso, as duas autoras refletem também sobre a emergência de teorias contrárias à visão representacional e determinista da linguagem, justificando, assim, a investigação de fenômenos sociais marginalizados.

Para que esses fenômenos, os quais muitas vezes são vividos pelos alunos, sejam palco de debates, é necessária uma ressignificação das condutas do professor, questão salientada por Demo (2014) ao relacionar pesquisa, educação e emancipação. Para o autor, o professor deve romper com o estereótipo de mero instrutor e gerir reflexões sobre questões políticas e sociais, e com isso criar contextos em prol de um pensamento crítico junto aos discentes.

Considerando a relevância de o professor investigar o invisível, as demandas da Linguística Aplicada em trabalhar com contextos reais do uso da língua e as ações docentes rumo a um questionamento da realidade, tratamos, nesta seção, sobre a metodologia empregada durante nossa pesquisa. Pretendemos, dessa maneira, discorrer sobre os passos tomados e apresentar o tipo e natureza em que a pesquisa se enquadra, os participantes e o contexto em que se desenvolveu, os instrumentos de coleta de dados e as categorias de análise.

3.1 TIPO E NATUREZA DA PESQUISA

“Os limites da ciência estão propriamente em nós, nos pesquisadores, não na natureza como tal”.
(DEMO, 2014).

Realizada de abril a agosto de 2016, esta pesquisa distanciou-se de qualquer pretensão em esgotar os caminhos da interpretação ou de lançar uma noção de verdade. Bebemos, portanto, do paradigma interpretativista, no qual o pesquisador interfere no campo e lança um olhar reflexivo sobre ele, como dissera Bortoni-Ricardo (2015). Para a autora, esse modo de fazer pesquisa rompe com os conceitos de certeza universal e de neutralidade, propostos pela ciência mais positivista.

Reconhecendo o papel do pesquisador enquanto agente que intervém no campo em que está inserido, desenvolvemos uma pesquisa etnográfico-colaborativa, na tentativa de desvelar parte do invisível que paira na rotina do fazer docente (BORTONI-RICARDO, 2015). Optando pela metodologia da pesquisa-ação, consideramos a cooperação dos sujeitos envolvidos no processo e a sua devida não passividade (THIOLLENT, 1989). Desta maneira, tivemos a oportunidade de acompanhar a mudança na escrita dos participantes, suas estratégias referenciais e ressignificação sobre o referente *O lugar onde vivo*, bem como alterar a metodologia conforme a demanda observada.

Nosso olhar para o objeto que se descortinou durante a pesquisa faz coro também ao que postulava Suassuna (2008). A autora que tratou do paradigma indiciário, um tipo de pesquisa qualitativa, trouxe em seu discurso a relevância em se trabalhar com o singular e com a unicidade dos dados. Percebendo que a realidade não é transparente, ela considera que os fenômenos educativos possuem um caráter inacabado e uma dimensão criativa, autotransformadora e aberta à mudança, o que inviabiliza o seu esgotamento em uma análise. A respeito disso, assim como a autora, que discorre sobre o enfoque interpretativo, verificamos que nosso processo investigativo passou por sucessivas definições de análise, cujos dados emergiram conforme os questionamentos que fomos realizando.

Como tivemos o propósito de investigar a recategorização do referente *O lugar onde vivo* no gênero artigo de opinião, escrito por alunos durante a etapa escolar da V edição da OLPEF, foi-nos necessária, durante nossas ações, a adoção

da perspectiva de gênero sob um viés dialógico, no qual os interlocutores são responsivos ao processo de interação (BAKHTIN, 2011), bem como a perspectiva de que os gêneros regulam a vida social, a partir de uma padronização e de uma tipificação não enrijecida, porém necessária para o convívio e para fins sociais (BAZERMAN, 2011a; 2011b).

O processo dialógico tratado na pesquisa em torno do gênero alia-se ao princípio básico que norteia a sociocognição: a interação. Tendo como base Mondada e Dubois (2003) cujas reflexões teóricas vão no sentido de que os interactantes constroem versões públicas do mundo, todo o processo de produção textual ancorou-se na perspectiva de uma aprendizagem situada. Acerca dessa questão, nossas ações se ampararam na ideia de Costa (2010) quando criticou o modo como o ensino de língua materna vem se desenvolvendo. Segundo ela, o ensino tem-se limitado aos protótipos de gêneros trazidos pelos livros didáticos, o que limita o espaço para a uso da língua de forma legítima, ou seja, lugar de interação.

Compreendendo que aspectos da categoria lugar colaboraram com a produção dos textos no contexto da OLPEF, alinhamos nossas ações ao seguinte pensamento de Bazerman (2011a, p.30, grifo nosso):

Cabe a nós, professores, ativarmos o dinamismo da sala de aula de forma a manter vivos, nas ações significativas de comunicação escolar, os gêneros que solicitamos aos nossos alunos produzirem. Isso pode ser feito, tomando-se como base a experiência prévia dos alunos com os gêneros, em situações sociais que eles consideram significativas, **ou explorando o desejo dos alunos de se envolverem em situações discursivas novas e particulares, ou ainda tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar.**

Pelo fato de o tema da OLPEF fazer parte da vida dos participantes, uma vez que eles influenciam e são influenciados pelo contexto de onde vivem, percebemos que eles se envolveram e tornaram o processo de escrita significativo. O ângulo tomado na hora da escrita do texto associou-se às experiências individuais que costumam travar com o entorno, seja mediato ou imediato, situação que lhes permitiu adentrar realidades conduzidas pela emergência de vários domínios cognitivos que se integram. Quanto à assunção desses domínios, haja vista as particularidades dos sujeitos em vivenciar o mundo, lembramo-nos aqui de Maturana (2001), que propõe o conceito de objetividade entre parênteses:

Na objetividade entre parênteses há tantas realidades quantos domínios explicativos, todas legítimas. Elas não são formas diferentes da mesma realidade, não são visões distintas da mesma realidade. Não! Há tantas realidades — todas diferentes, mas igualmente legítimas — quantos domínios de coerências operacionais explicativas, quantos modos de reformular a experiência, quantos domínios cognitivos pudermos trazer à mão. (MATURANA, 2001, p.37).

Essa visão epistemológica de Maturana também contribuiu com o fazer de nossa pesquisa pelo fato de ela considerar as múltiplas formas de realidade. Como, na pesquisa-ação (THIOLLENT, 1989), o pesquisador tem que avaliar constantemente o seu fazer, foram absolutamente necessários a compreensão e o respeito pelos diferentes modos que os sujeitos se expuseram no papel e também no plano da oralidade, quando falaram a respeito dos textos. Levando em consideração, portanto, as nossas orientações e intervenções, bem como, o modo como compreendemos os fenômenos linguísticos, sob a perspectiva da pesquisa-ação, podemos dizer que também fizemos parte dos textos. Justificamos isso tendo como base a ideia de que a linguagem é parte da negociação entre os interactantes, uma vez que as ações conjuntas colaboram na construção do objeto a ser estudado e detalhado.

Encerramos esse subtópico fazendo uma alusão à epígrafe de Pedro Demo. Estando o limite da ciência no pesquisador, novas formas de conhecer estão ainda por emergir. Outras condutas, outros olhares, outras abordagens, outros fenômenos (DEMO, 2014).

3.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino. Ela é localizada em uma região periférica da cidade de Fortaleza. À época das nossas ações, era oferecido ensino fundamental e ensino médio integral para turmas de primeiro ano. Atualmente, só funcionam turmas de ensino médio, e a modalidade integral foi ampliada para o segundo ano.

O contexto de pesquisa foi a V edição da OLPEF. Como dito, nossas ações foram projetadas tendo em vista a experiência que tivemos com a realização da IV edição desse evento no ano de 2014.

Nos tópicos a seguir falamos um pouco do contexto em que se deu essa pesquisa, do caderno orientador dirigido ao professor e dos participantes envolvidos.

3.2.1 A Olimpíada de Língua Portuguesa

Quando trabalhamos com o processo de leitura e escrita, independentemente do nível de ensino, precisamos desenvolver práticas situadas. Tais práticas preveem a ação dos interlocutores face a um determinado contexto, um tempo e um espaço. Descontextualizar o ensino de leitura e escrita da realidade, nesse sentido, é uma falha. Acerca disso, tomamos Marcuschi (2007) como referencial, pois a construção do conhecimento, segundo ele, tem como base as práticas situadas. "Esse é o caminho que vai do código para a cognição e, neste percurso, tudo indica que o conhecimento seja produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual" (MARCUSHI, 2007, p.62).

Reconhecendo a importância dessas práticas, trabalhamos com a proposta da OLPEF em uma unidade escolar da rede estadual de ensino, visando estimular atividades de escrita a partir da realidade do aluno, do lugar onde vive e das circunstâncias sociais às quais está entrelaçado. A OLPEF⁵ faz parte das ações do instituto Cenpec em parceria com a entidade Itaú Social. Trata-se de um concurso nacional bianual de produção de textos⁶ voltado para estudantes da escola pública, cujas etapas envolvem a escola (espaço principal do evento), os municípios, os estados e as regiões.

No espaço escolar, em anos pares, a OLPEF tem como prerrogativa o incentivo e o desenvolvimento de oficinas de produção de textos a partir de quatro gêneros textuais: poemas, memórias literárias, crônicas e artigos de opinião, os quais são estudados respectivamente pelos alunos de quintos e sextos anos; sétimos e oitavos; nonos e primeiros; segundos e terceiros do ensino médio.

O tema adotado na produção desses textos é "O lugar onde vivo", o que permite a reflexão do professor de língua materna e de seus alunos acerca da realidade concreta em que estão situados. Isso é relevante, pois os sujeitos envolvidos podem refletir sobre questões que abrangem as mais variadas

⁵ Para maiores informações sobre a OLPEF, visitar o seguinte site: <escrevendoofuturo.org.br>.

⁶ Depois de realizadas as oficinas de produção de texto, os professores de língua portuguesa escolhem, numa comissão escolar, um texto por modalidade de participação, conforme critérios previamente instituídos pelo concurso. Esses textos são inscritos na etapa municipal e podem avançar para as demais etapas (estadual, regional e nacional). Caso o texto do aluno vá para as etapas regional e nacional, o discente, acompanhado do(a) professor(a), participará de formações específicas em alguma capital brasileira com todos os gastos custeados pelo programa.

instituições, sejam estas familiares, sociais e/ou políticas, as quais precisam ser interpretadas e questionadas pelas vias discursivas.

Como dissemos, o desenvolvimento da OLPEF pode possibilitar contextos significativos de aprendizagem acerca do tema O lugar onde vivo. No entanto, em nossa prática, fizemos algumas intervenções de modo a construir nossa pesquisa, devido a algumas discordâncias com os materiais destinados ao professor na orientação de seus alunos. Esses materiais são cadernos orientadores que trazem oficinas para a produção dos gêneros relacionados durante a etapa escolar. No caso do artigo de opinião, o material destinado ao professor é o caderno Ponto de Vista, sobre o qual falamos rapidamente a seguir.

3.2.2 O Caderno Ponto de Vista

O caderno Ponto de Vista trabalha com a metodologia da sequência didática. Embora as suas 15 oficinas tratem de tópicos que constituem a produção do artigo de opinião, como o desenvolvimento da tese, argumentação, operadores e articuladores textuais, o professor, a nosso ver, não deve se ater piamente a essa proposta de ensino. Considerando a dinâmica dos alunos e o devir da aprendizagem, ele deve se apropriar do material, mas não ser “vítima” deste, uma vez que “nenhum aspecto do nosso mundo natural e vivo pode ser classificado a partir de delimitações precisas” (VARELLA, 1994, p.77).

Além da questão das sequências didáticas que julgamos ser relativizadas, pois a interação na sala de aula, na maioria das vezes, não se acomoda a scripts já previamente organizados, a nosso ver o componente temático norteador da OLPEF parece ficar em segundo plano no caderno em destaque devido a uma preocupação considerável com o esqueleto do texto. Visualizamos a ênfase no componente temático apenas quando é solicitado ao estudante que pesquise sobre problemas locais que dividem opiniões e no momento em que são realizadas a reescrita e a revisão final, considerando, nesses dois últimos casos, que o aluno abordou a temática exigida.

Sendo assim, trazendo algumas discordâncias do manual da OLPEF, que antecipa o estudo do gênero artigo de opinião ao investir mais na estrutura textual do que no tema O lugar onde vivo, percorremos um caminho a fim de que os participantes encontrassem, logo no começo, motivações para escrever seu próprio

artigo. Primamos, desde o início, pela liberdade de escolha dos recortes temáticos. Coube, dessa maneira, aos alunos decidirem sobre o que pretendiam escrever e, a partir dessa escolha, questionar os problemas desse lugar, condição que fez com que o gênero artigo de opinião se tornasse mais verdadeiro ao seu propósito. Além desses pontos elencados, investimos no processo de reescrita, ação restrita a poucas oficinas no manual.

3.2.3 Os participantes

Diferentemente do professor que trabalha com todas as suas turmas durante a etapa escolar da OLPEF, tivemos que fazer uma adaptação em prol das atividades de pesquisa. Geralmente, o docente desenvolve a OLPEF com todos os seus alunos. Ele se inscreve no portal desse concurso e, assim, permite a participação dos discentes. Devido ao afastamento para os estudos de mestrado, não pudemos realizar o trabalho com uma turma cheia. Isso se deveu a questões burocráticas da própria lotação em sala de aula. Uma vez afastado, o professor fica fora do mapa de lotação. A opção cabível, mediante as circunstâncias, e passível de um controle e operacionalização, foi formar um grupo de alunos de segundo e terceiro anos.

Quanto à seleção desses, podemos afirmar que foi cuidadosa e inclusiva. Tivemos o trato de não excluir ninguém da pesquisa, uma vez que já havia certa expectativa de alguns alunos em participar, haja vista os resultados positivos da escola (campo da pesquisa) em 2014, quando um dos alunos foi à etapa semifinal da IV edição da OLPEF, em Brasília. Ficamos, dessa forma, receosos em fechar, sem querer, as portas para os alunos que se interessassem pelo desafio de escrever. Para tornar o processo inclusivo, passamos com fichas de inscrição para que os interessados pusessem o nome nelas. O espantoso foi que cerca de 70 alunos preencheram a ficha. No entanto, quando de fato as ações para a pesquisa começaram, apenas 10 alunos mantiveram o desejo de participar do processo. Acreditamos que esse número exagerado de participantes deveu-se mais a empolgação inicial, não a um propósito genuíno.

Com esses alunos realizamos algumas atividades prévias à pesquisa, com o intuito de levantar dados sobre a competência leitora e escritora. Na ocasião, percebemos que determinados participantes tinham severos problemas de

organização tópico-discursiva, enquanto outros revelavam habilidades escritoras significativas. Entretanto, independente dos níveis de produção escrita de cada participante, percebemos a vontade do grupo em participar. Não discriminaremos, em termos percentuais, o avanço deles na escrita, até porque não desenvolvemos e muito menos tivemos a intenção de um método de aferição para tal, contudo, podemos destacar que houve mudanças positivas na escrita de todos.

Mesmo sabendo que a adoção de um grupo menor foi essencial para a viabilidade da investigação, haja vista o tempo curto de mestrado, não temos como mensurar como seria a realização da etapa escolar da OLPEF em uma turma cheia. Talvez as dificuldades ou possibilidades que vivenciamos na sala de aula convencional pudessem ter sido fator facilitador ou impeditivo para a pesquisa. Como essa questão está apenas no campo das hipóteses, justificamos que a formação do grupo foi acertada. Foi mais fácil trabalhar com aqueles que se demonstraram entusiasmados, interessados.

Apesar de o grupo ter sido montado de forma artificial para fins da pesquisa, é errôneo dizer que as ações também foram artificiais. A experiência desenvolvida foi bastante concreta e autêntica, haja vista que já conhecíamos todos os participantes, em virtude da função de professor coordenador de área, desempenhada anteriormente, questão que facilitou a entrada no campo. De forma semelhante, por frequentarem a mesma escola e morarem nas proximidades dela, a maioria dos alunos também se conhecia. Em face desses fatores, podemos justificar que a pesquisa teve um clima favorável e suscitou questões reflexivas para sala de aula.

A fim de encerrar esta seção, podemos considerar que certo grau de timidez, diferentes níveis de aprendizado, distintas habilidades escritoras e fluência na expressão oral fizeram com que houvesse formas bem diferenciadas de participação durante o processo de reescrita e durante a etapa das entrevistas. Sendo assim, determinados alunos foram mais fluentes que os outros, o que, de certa forma, era esperado, tendo em vista as individualidades e as particularidades.

3.3 DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como realizamos uma pesquisa qualitativa, escolhemos a entrevista semiestruturada e a observação participante como instrumentos para a coleta de dados.

3.3.1 Entrevista semiestruturada

A importância das entrevistas, no escopo da pesquisa qualitativa, é ressaltada por Fraser e Gondim (2004). Segundo as autoras, as falas elaboradas possibilitam que a interpretação dos dados não fique restrita ao olhar do pesquisador, questão com a qual também nos preocupamos. Dessa forma, o conteúdo das entrevistas serviu como suporte para a interpretação dos textos dos participantes, na corrente pesquisa. Como primamos pela interlocução e pela interação, é válido mencionar a seguinte reflexão:

[...] a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante. Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante. (FRASER; GONDIM, 2004, p.140).

Reconhecendo, portanto, a importância do interlocutor durante a pesquisa, as autoras revelam modelos distintos de realizar uma entrevista. Segundo elas, as modalidades de entrevista podem ser face a face ou através de determinados recursos, como o telefone. Optamos pela primeira modalidade, pois consideramos que a relação face a face é mais rica, dinâmica e concreta. Sob essa perspectiva, pudemos compreender melhor determinadas estratégias discursivas de alguns participantes, clareadas pelo processo de interação.

Quanto à estrutura, as autoras salientam que há entrevistas mais fechadas, pautadas na neutralidade, condição em que o pesquisador deve monitorar sua subjetividade e realizar perguntas previamente testadas. Em oposição, estariam as entrevistas não estruturadas e as semiestruturadas. As primeiras são focadas mais nos indivíduos, os quais têm maior liberdade na condução da interação. Não há nesse sentido perguntas realizadas antecipadamente. Já as segundas requerem um

roteiro inicial de indagações relativo ao objetivo ao qual se anseia chegar. No entanto, o diferencial desse modelo é a possibilidade de que novas perguntas, novos posicionamentos sejam acrescentados mediante o ritmo da relação intersubjetiva.

Priorizamos, dessa forma, a entrevista semiestruturada. As falas dos entrevistados e a singularidades dos textos nos fizeram aplicar um olhar particular ao processo. E, com isso, novas questões surgiram naturalmente durante as entrevistas. As respostas que se deram em sintonia à interlocução permitiram ampliar nosso entendimento sobre os textos produzidos.

3.3.2 A observação-participante

Como disse Minayo (2012, p.21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.”. Levando essa premissa para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pudemos enxergar determinadas questões subjacentes ao processo de produção de texto, as quais nos possibilitaram um agir mais consciente. Uma dessas questões foi o que estava subjacente à escolha temática e à motivação escritora, itens relevantes para uma melhor compreensão do processo de recategorização.

O que nos permitiu compreender essas questões foi o modo como adentramos o campo e a técnica de observação utilizada. Como realizamos uma pesquisa qualitativa, empregamos a observação-participante, a qual nos possibilitou enxergar determinadas nuances advindas do contexto em que nos inserimos, como a prontidão de alguns sujeitos em querer afinar sua competência escritora, questões de fórum pessoal e relatos acerca das mudanças nos textos mediante alguns questionamentos que fizemos durante a etapa de reescrita.

A observação-participante, assim como a observação simples e a de tipo sistemática, pode estar presente na entrada de campo, segundo Gil (2008). Esse autor, assim como Minayo (2012), destaca a importância da observação de tipo participante para pesquisas como a que realizamos, uma vez que a subjetividade dos participantes deve ser levada em conta. Acerca da filosofia desse tipo de observação, vemos que ela se relaciona à “necessidade que todo pesquisador social tem de relativizar o espaço social de onde provém, aprendendo a se colocar no lugar do outro” (MINAYO, 2012, p.70).

Colocar-se no lugar do outro foi fundamental, pois evitou pré-julgamentos, situações que poderiam ter comprometido a participação do pesquisador no grupo de pesquisa e frustrado de alguma maneira os participantes. Essa ideia trazida por Minayo, a nosso ver, dialoga com alguns pressupostos epistemológicos de Maturana (2001). Esse autor, ao propor um novo olhar para os fenômenos, aconselhou que não houvesse uma separação rígida entre o observador e a realidade observada.

Essa premissa decorre dos modos diferenciados de se perceber o universo, haja vista a emergência de domínios cognitivos distintos. Por serem distintos, não há uma compreensão do mundo melhor que outra. Maturana exemplifica essa questão, colocando lado a lado experimentos de laboratório e a vida cotidiana. Por serem de ordem diferente, o autor não faz juízo de valor entre essas duas formas de compreender o mundo. O olhar dele revela empatia, condição defendida por Minayo, a qual pode facilitar os processos de interação.

O processo de empatia que culmina no respeito à ética não se aparta da linguagem. Esta, por intermediar as práticas discursivas, segundo Maturana, está presente na ruptura de uma realidade transcendental. Nesse sentido, é mais interessante a preocupação com a realidade vivida pelos sujeitos. Esse olhar foi importante para nós, tendo em vista a diversidade de pensamento e de posicionamento dos participantes em meio a seus projetos de dizer. Além disso, a mediação que fizemos, calcada no respeito, possibilitou também a confiança dos participantes na pesquisa desenvolvida. Pelo que percebemos, o medo inicial do papel em branco, visto por Passarelli (2012) como um dos obstáculos dos alunos no desenvolvimento da escrita, foi contornado, e isso favoreceu a confiança dos participantes, que não relutaram em encontrar novos caminhos para seu projeto de dizer.

O olhar sensível permitido pela observação-participante acaba orientando a intervenção do pesquisador no contexto em que se encontra. Prova disso foi a tentativa que fizemos de aproximar os estudantes de pessoas que vivenciavam ou que tinham conhecimento de causa das questões levantadas nos textos. As aulas de campo, sobre as quais falaremos adiante, foram um desdobramento da ação de observar. Interessante, neste caso de observação, é que observamos observadores e também fomos observados. Nesse contexto, por essa via ser de mão dupla, surgiu o diálogo e novas possibilidades de negociação de sentidos.

A observação-participante, por ter sido a técnica elegida desde a fase de preparação dos textos, e por que não dizer, desde a fase de seleção dos participantes, permitiu-nos compreender a escrita de forma ampliada. Guiados pelas teorias mais recentes de texto, segundo as quais os interactantes são também elementos construtores dos textos, tivemos uma visão para além do papel de professor. Não recebemos o texto pronto e acabado; vimos sua emergência no processo. E isso só foi possível sob uma ótica particular de pesquisa.

3.4 DAS ETAPAS DO PROCESSO DE GERAÇÃO DE DADOS

Levando em conta o carácter mutante e dinâmico da recategorização que se apresenta nas práticas discursivas, criamos um contexto metodológico a fim de compreender a atualização do referente *O lugar onde vivo* durante a produção dos artigos de opinião. Para tanto, dividimos o nosso método em duas etapas: uma que objetivou a produção do primeiro texto por cada participante e outra que estimulou o processo de reescrita.

Na primeira etapa, fizemos uma adaptação das oficinas presentes no manual de apoio ao professor da OLPEF, dando ênfase a três ações. A primeira ação versou sobre o desenvolvimento do tema pelos participantes. Neste caso, eles fizeram uma escolha de subtemas⁷ relevantes ao local onde vivem. A segunda foi o estudo do gênero artigo de opinião, tendo como foco os elementos bakhtinianos: estrutura composicional, estilo e conteúdo. A terceira preocupou-se em promover discussões acerca de uma questão polêmica, uma questão que dividisse opiniões sobre um problema de ordem política, econômica ou social relacionado ao tema escolhido. Todas essas ações tiveram conexão entre si. Concernente a essa primeira etapa, discutimos também sobre a importância do ponto de vista, argumentação e sobre o papel político da escrita.

Terminada a primeira etapa, os participantes escreveram seu primeiro texto, o que nos permitiu iniciar a segunda etapa: a de reescrita. Tal ação ocorreu sob a orientação do professor-pesquisador em pequenos grupos, nos quais foram dadas oportunidades aos participantes para que avaliassem seus escritos e os modificassem conforme a necessidade. Registramos que houve também conversas

⁷ Falamos de subtemas, uma vez que o tema maior da OLPEF é O lugar onde vivo. Deste modo, os participantes fizeram um recorte deste e promoveram uma discussão em seus textos.

informais, durante essa etapa, nas quais alguns participantes puderam falar sobre seus textos e refletir sobre seu projeto de dizer.

Quanto à etapa de reescrita, na tentativa de fazer com que os alunos mobilizassem mais conhecimentos, promovemos aulas de campo, de modo a facilitar a visualização de determinadas questões sociais *in loco*. Tais ações, não previstas no caderno orientador do professor, foram embasadas na experiência que tivemos em 2014, momento em que facilitamos a IV edição da OLPEF. Além das aulas de campo, por termos percebido, durante a metodologia, que a compreensão sobre o que era recategorização não estava tão clara para alguns participantes, abrimos espaço também para a discussão e debate sobre esse tópico em outros textos, disponíveis em uma subseção específica.

Detalhamos a seguir as duas etapas que compuseram a coleta de dados. Registramos que ao todo fizemos 15 encontros de 2 horas/aula. Para a realização da primeira etapa, foram destinados 8 encontros, um a cada semana, do período de abril a maio de 2016. Para a segunda etapa, foram 7 encontros, também de frequência semanal cada, em todo mês de junho e nas três primeiras semanas de agosto do referido ano.

3.4.1 Primeira etapa da geração de dados: em busca da produção do primeiro artigo

Na etapa em comento a fim de que os participantes produzissem seu primeiro artigo, demos ênfase às três ações elencadas anteriormente: (I) definição do recorte temático pelos participantes, (II) discussão sobre o gênero artigo de opinião e (III) geração de questão polêmica. Tivemos cuidado de partir sempre da demanda dos sujeitos quanto ao que queriam escrever. Isso foi feito justamente para tentar fugir do caráter artificial de produção que costumeiramente acontece nas escolas, quando o professor oferece o tema sem saber se ele é palatável ao aluno. Terminados os encontros, os participantes produziram seu primeiro artigo.

Com a finalidade de facilitar a escrita dos participantes, os oito encontros destinados a essa etapa foram divididos da seguinte maneira: 4, para o recorte temático; 2 para o estudo do gênero artigo de opinião e 2, para a geração de questão polêmica.

3.4.1.1 Definição do recorte temático

Começamos nossas atividades de pesquisa falando rapidamente sobre nosso objetivo geral, que era compreender a recategorização do referente *O lugar onde vivo* em face da produção textual de artigos de opinião. Embora tenhamos comentado sobre nossas intenções anteriormente, quando da inscrição dos participantes, resolvemos num encontro informal, no qual oferecemos um pequeno coquetel, relembrar alguns detalhes da pesquisa e reiterar a necessidade do respeito e do sigilo ante ao processo. Após esse encontro informal, iniciamos a etapa de preparação para a produção do primeiro texto.

Como dito, tratamos, nos quatro primeiros encontros dessa etapa, da definição do recorte temático pelos participantes, momento em que demos ênfase às questões relativas ao lugar onde eles vivem. Sendo assim, não ficamos presos às recomendações do caderno orientador da OLPEF e reorganizamos algumas ações, pelo fato de o tema *O lugar onde vivo* ser pouco explorado no caderno *Ponto de Vista*.

Acreditando que o tema é essencial, uma vez que organiza e é organizado pelos gêneros textuais, partimos inicialmente da escolha temática pelos alunos a fim de dar-lhes a liberdade de se colocar no papel da maneira que lhes conviesse. A fim de trabalhar bem essa questão, dividimos essa primeira ação em três atividades (I) discussão sobre as categorias lugar e espaço; (II) exibição do filme *Saneamento Básico* com posterior resolução de questionários; (III) expressão gráfica sobre o lugar onde vivem.

Conforme mencionado em momento anterior, continuamos com a parceria com a professora de Geografia da escola em que o projeto fora realizado a fim de possibilitar aos alunos alguns conceitos típicos dessa área do conhecimento, tais quais, lugar e espaço, cujas definições implicitamente são convocadas pela OLPEF, bem como apresentar-lhes alguns problemas comuns às grandes cidades. Essa primeira atividade contemplou uma exibição de slides durante 2 horas/aula.

A segunda atividade foi a exibição do filme “*Saneamento Básico*”, cujo enredo dá-se pela tentativa de uma pequena e fictícia comunidade interiorana em resolver o problema de um esgoto a céu aberto, o qual afligia geração a geração. A escolha do filme deveu-se à noção de lugar muito bem representado e à tentativa de os personagens em resolver a situação que os afligia. Após a exibição e debate do

filme, foi solicitado, no encontro posterior, que cada um respondesse individualmente a um questionário que trazia perguntas sobre o lugar onde eles viviam. Ao todo levamos 4 horas/aula para a realização dessa atividade, considerando exibição do filme, debate e resolução dos questionários.

De posse dessas respostas, pedimos-lhes no encontro seguinte que esboçassem, de forma gráfica ou por meio de colagens, o que não conseguiram expor no papel. Dessa forma, eles tiveram a oportunidade de expressar suas impressões e amadurecer cada vez mais o recorte temático sobre o qual pretendiam discorrer. Para essa terceira atividade, também tivemos 2 horas/aula.

Em face das três atividades que oportunizaram uma reflexão sobre o tema, tivemos ainda alguns alunos que mudaram seu recorte temático antes da escrita do primeiro texto. Isso se deveu ao contrato de pesquisa firmado com eles, o qual deixava claro que poderiam fazer essa alteração. Ficou acordado que o único momento em que não poderiam mais mudar de foco temático seria quando iniciassem de fato o processo de reescrita, uma vez que outra linha de recategorização, provavelmente, surgiria. Em paralelo ao que fora aqui realizado, pedimos que pesquisassem sobre o recorte temático escolhido a fim de se aprofundarem.

3.4.1.2 O artigo de opinião e sua função social

Uma preocupação que sempre esteve presente no manejo dos textos, sobretudo quando iniciamos nossas atividades, foi a de disseminar a importância do ato de escrever. Inevitavelmente associamos a escrita às questões políticas e cidadãs. Demos ênfase a sua capacidade libertadora, caso tenha propósitos éticos, bem como destacamos seu viés persuasivo e, por vezes, manipulador, aspecto presente em determinados discursos ideológicos. Dessa forma, convidamos sempre os alunos a olharem-na a partir de um viés crítico, sensato e ético. Esse cuidado, para além da produção textual como foco de pesquisa, refletiu também nosso papel enquanto educadores.

A necessidade de compreender o texto sob um viés crítico deveu-se ao gênero com o qual trabalhamos durante a pesquisa: o artigo de opinião. Assim como o editorial e a resenha crítica, ele faz parte da categoria dos gêneros do argumentar, “uma vez que [ao produzi-lo] o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de

um assunto polêmico e a defende” (KÖCHE *et al.*, 2014, p.33). Em face dessas questões, no trabalho com esse gênero, que levou dois encontros de 2 horas/aula, tivemos o cuidado de não realizar discussões focadas apenas na estrutura do texto.

Partimos, desta forma, da compreensão da estrutura como uma ferramenta que auxilia o projeto de dizer do autor, e deixamos claro que tal projeto de dizer também influencia essa estrutura, uma vez que os múltiplos elementos que compõem o discurso são indissociáveis em qualquer gênero. Portanto, depois de lermos e debatermos os artigos escolhidos para os dois encontros, realizamos comparações entre eles, a fim de perceber semelhanças no que concerne à estrutura composicional e compreender os aspectos estilísticos dos autores. Ao realizar esse processo, facilitamos o reconhecimento de articuladores textuais e dos operadores argumentativos, partindo sempre do que os alunos já sabiam.

Os exemplares deste gênero apresentados fazem parte do material de apoio da OLPEF. Eram textos de articulistas já maduros, como Renato Janine Ribeiro, e de articulistas iniciantes, dentre os quais, finalistas das edições da OLPEF, de 2012. Embora, em seções distintas, o trabalho com o gênero artigo de opinião não foi apartado do desenvolvimento da questão polêmica, tratada no subtópico adiante. Sempre que líamos com os alunos esses artigos, preocupávamos-nos em debater a polêmica e compreender como ela participaria da construção do tema.

Por termos investido junto aos alunos na escolha do tema e por não termos nos preocupado em primeiro plano com o esqueleto do texto, acreditamos que a noção do gênero artigo de opinião ficou clara. Para os alunos, ficaram mais nítidos as intenções e propósitos comunicativos do gênero em foco, já que todos associaram a demanda da produção à definição de um recorte temático e de um ponto de vista a ser construído.

3.4.1.3 A geração de uma questão polêmica

Uma das solicitações dos idealizadores da OLPEF é que todos os textos discutam a respeito de polêmicas presentes no lugar onde se vive. Segundo as orientações, essa polêmica tem que destacar, de maneira clara, posicionamentos diferentes sobre um dado fenômeno ou situação social. Reconhecer, no lugar onde se vive, a mobilização de pontos de vista distintos possibilita ao aluno, entre outras

questões, a percepção de que a linguagem não é neutra, uma vez que ela ajuda a definir papéis sociais. Não sendo, portanto, imparcial, a linguagem está a serviço das intenções do locutor à medida que este visa convencer ou persuadir seus parceiros na comunicação. Sob essa ótica, a linguagem é ação, como muito bem dissera Austin, ao falar dos efeitos dos atos ilocucionários.

Partindo da importância de se desenvolver uma questão polêmica, trouxemos algumas notícias retiradas de jornal de grande circulação local e fizemos debates sobre as situações sociais ali abordadas. Divididos em duplas e/ou em trios, os participantes fizeram a leitura dessas notícias e depois foram convidados a pensar se tais acontecimentos sociais estavam vinculados a uma questão polêmica. Aproveitamos a oportunidade para distinguir fato de opinião, tendo em vista a função social específica dos gêneros notícia e artigo de opinião. Para essa ação, levamos 2horas/aula.

Continuando com a reflexão sobre a questão polêmica, levamos, ao encontro seguinte, dois artigos de opinião com a finalidade de perceber o modo como “O lugar onde vivo” era categorizado nos textos. Um dos textos foi de um aluno cearense, finalista da edição de 2012. Tal texto versava sobre a construção do Acquário em Fortaleza, questão que dividiu opiniões à época. O segundo texto foi finalista de 2014. Ele discorria sobre um ato de grafiteagem na Estação Ferroviária de Assis–SP. Para quem defendia a arte, tal feito dava vida às paredes da estação, que estava abandonada. Para os que se opunham, o grafite tirava a originalidade do prédio.

A discussão desses textos, realizada em um encontro de 2horas/aula, propiciou, além do aprofundamento do que era uma questão polêmica, o reconhecimento das estratégias argumentativas empregadas pelos dois autores. Desse modo, como existiam três pontos de vista, o do autor e um relativo a cada grupo social que divergia quanto à questão polêmica, foi relevante compreender o modo como cada ponto de vista era construído. Após facilitarmos esta compreensão, aludimos rapidamente aos seis tipos de argumento⁸ considerados na grade de correção da OLPEF. Fizemos isso a fim de mostrar aos alunos tais modelos de argumento, visando a respeitar também sua condição de participante da

⁸ Na grade de correção dos textos da OLPEF, entre outras modalidades de argumentação, são considerados seis tipos de argumento: exemplificação, comparação, princípio, autoridade, evidência e causa e consequência.

etapa escolar deste evento pedagógico associado a nossa pesquisa. Contudo, tivemos o cuidado para que eles não se fixassem em um ou outro argumento, nem se prendessem aos princípios da grade de correção. Orientamos, nesse sentido, para que eles deixassem os argumentos fluírem conforme a sensibilidade e o processo interativo mediado pelo texto.

A geração da questão polêmica permitiu aos participantes reconhecer que o discurso, devido ao processo de interação, é polifônico. Do mesmo modo, começaram a perceber que a construção do ponto de vista participa da construção e reconstrução dos objetos de discurso.

3.4.2 A produção do primeiro artigo

Depois de termos seguido o processo desenhado no tópico anterior, destinamos um encontro para que os estudantes escrevessem seu primeiro artigo. Dissemos a eles que poderiam trazer ideias esquematizadas no papel para, em seguida, produzirem seus textos. Esse encontro teve a duração também de 2 horas/aula. Foram produzidos textos sobre os seguintes temas: crise na saúde, animais abandonados, turismo sexual, o problema no lixo, obras inacabadas e violência contra a juventude na periferia.

3.4.3 Segunda etapa: a reescrita

Após a construção de um cenário propício para a produção de textos, que teve a duração de oito encontros de duas horas/aula, realizamos mais sete encontros, um por semana, com a mesma carga horária a fim de mobilizar o processo de reescrita. Esses encontros tiveram como foco a leitura e a discussão dos textos escritos pelos alunos, os quais puderam refletir sobre o plano do conteúdo e sobre aspectos relativos à microestrutura, como questões elementares de coesão, gramática e ortografia.

Durante essa etapa de reescrita, os alunos fizeram novas pesquisas no laboratório de informática, bem como acessaram outras fontes. Devido a algumas questões particulares, como a participação em estágios e em cursos, foram formados dois grupos, um no turno da manhã e outro no turno da tarde. No entanto, em virtude de imprevistos, alguns participantes faltaram no turno do seu grupo e

compensaram a falta participando no turno do outro grupo. Fomos flexíveis quanto a esta questão, pois não quisemos moldar a participação. Embora reconheçamos os grupos como imprescindíveis, eles não foram tomados como variável para análise dos dados.

Como esta pesquisa teve como perspectiva a intervenção do professor-pesquisador, achamos conveniente apostar na realização de aulas de campo e sugerir textos que se adequassem aos projetos de dizer de cada participante. Pelo fato de os temas escolhidos pelos sujeitos tocarem essencialmente em questões sociais, revelando, inclusive, desigualdades e desrespeito ao direitos dos cidadãos, buscamos parcerias que contemplavam, de forma geral, as demandas da escrita, no entanto houve também parcerias destinadas aos recortes específicos sobre o tema O lugar onde vivo.

Infelizmente, por questões individuais, apenas a metade dos participantes compareceu às aulas de campo. Estas aulas foram pensadas com o objetivo de estabelecer um contato entre os estudantes e algumas pessoas que vivenciam os dilemas trazidos nos textos. Constatamos que foram pertinentes e se fizeram presentes nas últimas versões escritas.

3.4.3.1 Os grupos de reescrita

Por vezes, na sala de aula, o diálogo, no ensino de língua materna, dá-se mais pela interação entre professor e aluno. Nem sempre os discentes tomam a responsabilidade do processo e interagem de forma consciente e colaborativa com o outro. A timidez, a questão da convivência ou algum sentimento aversivo acabam atrapalhando essa relação aluno-aluno. Entretanto, havendo a interlocução, defendida por Costa (2010), as possibilidades de êxito são mais significativas.

Em face dessa visão, baseados também na nossa experiência em sala de aula, montamos grupos de reescrita. Solicitamos aos participantes que houvesse respeito recíproco a fim de garantir a harmonia das ações. Por não termos a capacidade de controlar a subjetividade do outro e antever comportamentos, tendo em vista os processos de (des)contextualização ou de contextualização, emergência ou incorporação, fizemos um contrato entre os participantes para que evitassem rir ou zombar do colega. Esse contrato foi baseado no respeito, de modo que nenhum desvio gramatical ou problemas de construção fosse motivo para chacota.

Adotando esse cuidado com o respeito, realizamos, no primeiro encontro da reescrita, a leitura de todos os textos a fim de que cada aluno conhecesse o projeto de dizer de um e de outro. Foi dada liberdade para que o aluno, autor do texto, lesse seu próprio artigo com a intenção de que houvesse um processo de estranhamento. Esse processo de estranhamento visou à compreensão de partes ou porções textuais que comprometessem a fluência e ou a construção de sentidos pelo leitor, bem como a identificação de problemas no campo da superfície textual. Feito isso, mobilizamos a discussão acerca do que mais chamara atenção em cada texto. Como todos os textos versavam, de alguma forma, sobre assuntos políticos e direitos dos cidadãos, essas questões acabaram entrando em cena. No tópico de análises e discussões apresentamos alguns desses momentos.

O segundo, terceiro e quarto encontros foram destinados à reescrita propriamente dita. Os alunos puderam reavaliar seus textos e modificar aquilo que julgaram importante. Houve mudança nos aspectos de micro e de macroestrutura. Nesses momentos, também realizamos algumas intervenções e problematizamos junto aos participantes. Pedimos que levassem em consideração o referente *O lugar onde vivo* e percebessem sua relação com os demais referentes. Sugerimos mudança e questionamos a entrada, saída ou particularização de alguns elementos dentro do texto. Também enfatizamos o papel da argumentação, da defesa de ponto de vista, e de uma possível vinculação a alguma questão polêmica a respeito do recorte temático.

Nesses encontros, a relação aluno-aluno também foi estimulada. Quanto às intervenções propostas por eles, verificamos que estas se deram mais no plano do conteúdo, na inclusão de informação ou de mudança na orientação argumentativa, do que nas questões microestruturais. Todavia, a interação foi interessante, pois ela permitiu a escuta do outro, coisa, por vezes, não comum nas aulas de língua materna. Referimo-nos aqui à escuta que auxilia na tomada de decisões e que co-constrói ideias e mobiliza ações.

O período que incorporou a realização dos encontros dois, três e quatro, foi-nos útil uma vez que pudemos contatar algumas pessoas para facilitar as aulas de campo. Conseguimos estabelecer comunicação com três pessoas; duas são moradoras de uma das comunidades atingidas pelo VLT, a Lauro Vieira Chaves, e outra participa de uma ONG defensora dos direitos humanos, localizada no bairro Bom Jardim. A primeira aula de campo foi específica para as participantes que

tematizaram sobre as obras paralisadas, enquanto a segunda foi ampliada para todos os integrantes. Participaram desses encontros os alunos que escreveram sobre a paralisação de obras, a crise na saúde e a violência contra a juventude. Estas aulas de campo serão mais bem detalhadas num tópico específico. Sobre o momento de sua ocorrência, elas se deram antes do quinto encontro, e não foram contadas como grupo formal de reescrita.

Sobre o quinto e o sexto encontros, em face da relevância deles para a nossa metodologia, destinamos também um tópico exclusivo para cada um. No quinto encontro, trabalhamos com o artigo de opinião de um aluno de Fortaleza, finalista de 2014. Realizamos o trabalho com esse texto, objetivando rever com os alunos o processo de recategorização do referente *O lugar onde vivo*, bem como o plano da argumentação. Além disso, nesse mesmo encontro, trouxemos alguns textos verbo-visuais com a intenção de provocar a percepção de que um mesmo objeto ou fenômeno pode ser simbolizado, mediante os interesses de quem os profere, de maneira distinta, assim como identificar objetos que são decategorizados e assumem novas categorias.

No sexto encontro, fizemos com cada participante uma entrevista semiestruturada visando a conhecer melhor o projeto de dizer de cada sujeito. No sétimo e último encontro, demos a oportunidade de que os participantes reescrevessem o texto pela última vez, isso em respeito à participação deles atrelada à OLPEF e à formação da comissão escolar.

Entre o sexto e o sétimo encontro, uma das participantes fez uma nova versão de seu texto. Ela também participou do sétimo encontro, aprimorando, portanto, o que havia feito. Após a comissão escolar, o aluno que representaria a escola teve a oportunidade de rever e aprimorar seu escrito. Segue abaixo o quadro registrando o número de versões escritas por participante.

Quadro 1 – Recorte temático e número de versões escritas

Participante	Recorte Temático	Número de versões
1	Crise na saúde (1)	5
2	Animais abandonados	4
3	Turismo sexual	4
4	Obras inacabadas (1)	3
5	O problema do lixo	3
6	Crise na saúde (2)	6
7	Obras inacabadas (2)	5
8	Violência contra a juventude da periferia	5

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.4.3.2 Aulas de campo: um grupo de reescrita ampliado

Em 2014, quando desenvolvemos a IV edição da OLPEF, vimos como ponto positivo a realização de uma aula dialogada, facilitada pelo professor-pesquisador, pela professora de geografia da turma do terceiro ano e por dois moradores que estavam sofrendo o processo de remoção em virtude das obras preparatórias para a Copa do Mundo. Para a pesquisa em tela, por termos considerado significativo esse contato dos alunos com pessoas que vivenciavam o dilema trazido nos textos, resolvemos fazer duas aulas de campos, tendo a parceria da mesma professora.

Na primeira aula, levamos os alunos para conversar com moradores da comunidade Lauro Vieira Chagas, a qual sofrera remoção parcial devido ao VLT. Participaram dessa aula, as duas participantes que resolveram abordar a temática das obras paralisadas. Na segunda aula, fomos ao I Encontro do Ceará Pacífico, contexto em que fomos recebidos por um participante de uma ONG, localizada no Bairro Bom Jardim, que trata da defesa dos direitos humanos. Nessa aula, estiveram presentes os alunos que abordaram a questão da saúde e o que abordou o tema da violência. Como dito anteriormente, apenas a metade dos participantes pôde participar desses momentos.

Na visita aos moradores, constatamos visualmente parte dessa remoção. Onde havia casas, existe agora parte da linha que fará o percurso Parangaba-Mucuripe do VLT⁹. Como obra de mobilização urbana prevista para 2014, boa parte do percurso ainda está inativo. Em consequência da realização dessa obra, muitos moradores, de diferentes comunidades, tiveram que sair de suas casas. Outros ainda estão litigando na justiça o direito de terem condições mais adequadas de moradia, em local próximo de onde viviam. Essa realidade tem afetado a vida de aproximadamente 5000 famílias, residentes em 22 bairros por onde deve passar o VLT em questão.

Um dos moradores com os quais conversamos participou da aula dialogada em 2014 na escola que foi campo da pesquisa. Ele tem 17 anos e está finalizando o ensino médio. O outro morador, com idade em torno de 50 anos, é vendedor ambulante nas proximidades de onde mora. As casas onde eles residem não foram afetadas. No entanto, eles comentaram que essa conquista foi fruto de muitas movimentações, protestos e apoio de entidades que defendem o direito à moradia. O projeto inicial previa a retirada de mais da metade da comunidade, localizada nas imediações da Avenida dos Expedicionários. Devido às alterações, motivadas pela mobilização, menos pessoas foram afetadas.

Embora os dois moradores tenham narrado as conquistas que tiveram, eles também relataram momentos tristes por que passara a comunidade. Uma das participantes indagou sobre como a comunidade era antes. Em resposta, os dois disseram que lá era muito animado. Comentaram sobre as festas que ocorriam em ruas, desativadas naquele momento. Relembrou a ansiedade e as incertezas dos moradores. Falaram de senhoras e de senhores idosos que morreram com problemas respiratórios devido a fuligem e poeira provocadas pelo começo das obras. Lastimaram também as perdas econômicas motivadas, em parte, pela queda do comércio e pela demolição de pequenos pontos, como a estação de lan house, principal fonte de renda do morador mais velho com quem conversávamos. Ao fim do encontro, disponibilizaram às participantes um livro que continha informações sobre a luta pela moradia em todos os estados. Lutas contextualmente marcadas no plano político e social com a chegada da Copa de 2014.

⁹ Deve-se em consideração o tempo cronológico em que esta dissertação fora escrita, tendo em vista as transformações na obra em comento.

Na segunda aula de campo, fomos convidados por C, membro da ONG Centro de Defesa à Vida Herbet de Sousa. Mestre em sociologia, ativista e integrante da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Ceará, C agendou uma conversa conosco, na realização do I encontro Ceará Pacífico¹⁰. Durante o encontro, ele deixou os alunos muito à vontade para perguntar a respeito do tema sobre o qual estavam escrevendo.

Talvez por timidez, os alunos ficaram calados inicialmente. Com a tentativa de romper o silêncio, a professora de geografia contextualizou os temas de que eles estavam tratando e promoveu uma reflexão sobre problemas urbanos, entre os quais destacou a crise da saúde e a violência na periferia. Aberto o diálogo, C discorreu um pouco sobre os textos dos alunos, dos quais já tinha tomado conhecimento anteriormente. Tocou na chacina da Grande Messejana e relatou a situação difícil, de alto grau de pobreza dos habitantes do local dessa tragédia. Falou também da impunidade para com os envolvidos, entre os quais, policiais militares. Comentou sobre previsões nada positivas sobre os jovens, já trazida no texto do aluno que discorre sobre a violência contra a juventude. Segundo essas previsões, aproximadamente 2000 jovens podem ser assassinados até 2019 caso não haja políticas eficientes.

Em diálogo com o aluno que tratava da violência contra a juventude, falou sobre os índices de impunidade. Segundo ele, na capital cearense, a cada 10 homicídios, apenas um é resolvido. Comentou também sobre o modo como a periferia é vista, abordou a segregação social e as poucas expectativas dos adolescentes como fatores que os mobilizam ao crime. Em relação à crise na saúde, questionou os alunos por que a saúde privada tinha mais chances de sucesso que a saúde pública. E perguntou o que estava por trás de tal diferença. Embora não tenham respondido, pelas faces dos alunos, percebemos que haviam encontrado uma resposta.

Decidimos inserir as aulas de campo como etapa das atividades de reescrita, compreendendo a dinamicidade dos textos. Por estar sempre em

¹⁰ O encontro Ceará Pacífico contou com a presença de várias autoridades, entre elas a Vice-Governadora do Ceará, Izolda Cela, lideranças comunitárias e especialistas na área de segurança. O objetivo era debater sobre a questão da violência em Fortaleza, apresentando dados e índices da criminalidade por bairro, bem como propor rodas de conversa e minicursos para todos os participantes acerca desta problemática. A ideia era escutar a demanda das pessoas e traçar metas e planos para combater a violência. Após a conversa com C, assistimos a uma parte da fala da Vice-Governadora, que abriu os trabalhos.

processo, o texto sofre contínuas influências pelos novos modos como observamos o mundo e o negociamos coletivamente. Sendo assim, a oportunidade de aproximar os sujeitos de pessoas ligadas à problemática de que tratavam foi uma alternativa de fomentar discussões, mesmo que internamente. Cremos que as duas aulas de campo foram importantes não só para o processo de reescritura, mas também para a formação pessoal dos alunos.

Essas aulas poderiam ter sido substituídas por outras leituras, outras fontes, porém as consideramos primordiais pelo fato de ratificarem a noção de que a língua é encarnada e historicamente situada.

3.4.3.3 Quinto encontro de reescrita: revendo o conceito de recategorização por meio de “memes” e artigos

Passados quatro encontros de reescrita, logo após as aulas de campo, achamos conveniente rever conceitos que naturalmente foram introduzidos durante as ações da pesquisa. Apesar de termos abordado as mudanças dos referentes ao longo dos textos e o caráter plástico da linguagem, percebemos que tais questões não ficaram tão claras para alguns alunos. Desta forma, enfatizando que o mundo é recriado pela negociação de sentidos entre os interlocutores, fenômeno percebido também na escrita, resolvemos rever o processo de recategorização anafórica em um artigo finalista da OLPEF de 2014. Para enriquecer a discussão, trouxemos alguns exemplos de textos verbo-visuais com a intenção de dar a perceber esse fenômeno também nessa variedade textual e com eles começamos a discussão.

Iniciamos o quinto encontro com esses textos verbo-visuais. Eles solicitam a participação do leitor para a compreensão dos seus propósitos. Foram retirados da rede social Facebook¹¹.

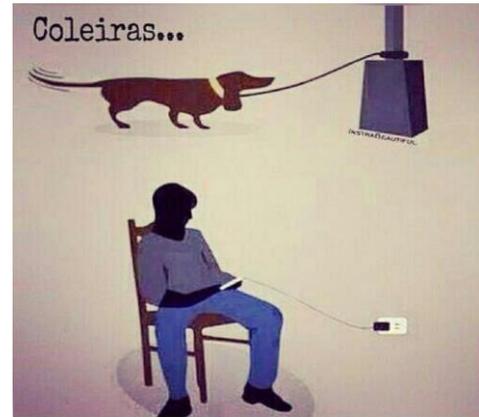
¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/omacholalphaoficial/photos/a.255886654597230.1073741829.255581884627707/435250409994186/?type=3&theater>>. Acesso em: 22 maio 2016.

Texto 1



Fonte: Facebook (acesso em: 22/05/2016).

Texto 2



Fonte: Facebook (acesso em: 22/05/2016).

Pelo que vemos, ambos exploram a noção de recategorização. Nos casos específicos, houve uma transformação dos referentes cadeira e coleira. Quanto à nova categorização de cadeira, houve aí uma aproximação do que seria um cabide, tendo em vista o excessivo número de roupas ali jogado. A compreensão da nova função para esse móvel, criada discursivamente, requereu ativação de conhecimentos de mundo e interpretação leitora das informações marcadas pelas múltiplas semioses do texto. A fim de mobilizar a discussão, realizamos as seguintes perguntas: a) O seu quarto é assim? b) Há alguma coisa de estranho no ambiente?

Por sua vez, o texto 2 atualiza o conceito de coleira. Levando em consideração a imersão da sociedade no mundo tecnológico, a representação da figura de um homem atrelado a um smartphone conectado a uma tomada, revela que tipo de coleira é retratada. Considerando isso, realizamos também algumas indagações aos participantes a fim de facilitar o processo de interpretação, tais quais: a) Quem estava preso involuntariamente? b) Quais os agentes dessa prisão?

Reativando por meio desses textos lúdicos o processo de recategorização, questão calcada no princípio de que o mundo não é anterior à linguagem, trouxemos para a discussão o artigo intitulado “Há uma praça no meio do caminho”, finalista da edição de 2014¹².

¹² Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/textos-dos-finalistas/artigo/1614/textos-dos-alunos-finalistas-de-2014>>. Acesso: 20 mar. 2015.

Texto 3

Há uma praça no meio do caminho¹³

Agna Ferreira Tavares Vieira

Com cerca de 2,5 milhões de habitantes, Fortaleza é a quinta maior capital do Brasil. Segundo o IBGE, há um grande número de brasileiros e estrangeiros interessados em se estabelecer aqui, na famosa Terra do Sol, pois consideram o bom clima, as belas praias e a hospitalidade do povo cearense, ao definirem suas moradias. É uma bela cidade, com vários pontos turísticos e em crescente desenvolvimento, mas, infelizmente, com área verde reduzida e poucas praças, e uma delas está causando muita polêmica.

A Praça Portugal, localizada no bairro Aldeota e criada em 1947, já passou por muitas reformas, mas sempre teve presença marcante na vida dos fortalezenses, além de ser um símbolo concreto dos laços de Portugal com o Ceará. Contudo, o Plano de Ação Imediata em Transporte e Trânsito de Fortaleza (Paitt) propõe a construção do binário Santos Dumont/Dom Luís e eventualmente a substituição da rotatória (da qual a praça faz parte) por um cruzamento e quatro pequenas praças. Essa intervenção está dividindo a opinião da população, de políticos e de especialistas em arquitetura, urbanismo e engenharia de tráfego.

De um lado, há os defensores da destruição da praça, pois pode ser benéfica tanto para a população quanto para as pessoas. “Vai melhorar os passeios, facilitar o caminho dos pedestres e integrar os modais – pedestre, ciclista, ônibus e veículos”, defende Roberto Cláudio, prefeito da cidade. “Isso não é uma praça, é uma rotatória”, acrescenta. Ainda expõe dois objetivos com o projeto: aumentar a fluidez das vias e reduzir os constantes acidentes na área. Para Luiz Alberto Saboia, coordenador do Paitt, a intenção da prefeitura é requalificar e aumentar a praça, não destruí-la: “A alteração do formato da praça implicará um aumento de mais de 30% em seu tamanho”.

Por outra ótica, os defensores da manutenção da praça apontam uma relação afetiva com ela, que é uma peça histórica de Fortaleza. A arquiteta Marcella Lima, em entrevista, afirma que a referência afetiva que todos têm por ela não pode ser

¹³ Texto finalista da OLPEF 2014.

preenchida, deixando um “buraco” na memória da cidade. Uma rotatória ícone, tomada pela população como praça, pode ser destruída?

“Dizer que a praça não é uma praça é um insulto à nossa cidade e à inteligência das pessoas”, diz o empresário e ativista Bosco Couto em carta ao prefeito. “Dizer que não é uma praça por ser pouco frequentada [...] não é um argumento plausível, pois o fato é que as praças estão inseguras, abandonadas e mal iluminadas”.

De fato, há déficit em relação à passagem de pedestres; no entanto, deve haver um estudo mais cauteloso, pois a troca da rotatória por semáforos não terá efeitos no trânsito a longo prazo. A construção do binário já foi finalizada, um túnel foi construído na Avenida Santos Dumont, semáforos foram colocados, mas as vias permanecem congestionadas nos horários de pico, evidenciando que semáforos não são alternativas inteligentes para os congestionamentos. Luiz Nogueira, engenheiro civil, afirma: “Vejo diversas pessoas achando que o problema do trânsito [...] será resolvido com a retirada e substituição das rotatórias por semáforos. Não poderia haver maior engano”.

É imprescindível ressaltar a presença da praça na vida dos fortalezenses. Apesar do descaso evidente, vários grupos de jovens, desde os anos 1990, frequentam a praça, também eu, que passo por lá todas as manhãs e noites. Os protestos contra a intervenção, como a “Virada”, mostram que ela não é importante apenas para mim, mas para toda a população. Dizer que os mais de sessenta anos da praça e o tão conhecido “Natal de Luz”, que ocorre todo ano, não significaram nada, é como negar a nossa história.

Por todas as histórias que a envolvem, sou contra a destruição da praça, pois há várias alternativas, propostas por arquitetos, que evitam tal destruição, como a instalação de sinais antes da entrada dela, além de evitar o estacionamento próximo à rotatória. Ademais, é imprescindível que sejam construídos túneis sob a praça, para a passagem de carros ou de pedestres, como há no Arco do Triunfo, em Paris. É evidente que a Praça Portugal não tem tanto peso histórico quanto o Arco, mas como as nossas praças poderão ter a mesma importância desses monumentos mundiais se destruímos os poucos que restam?

Diz Castro Alves: “A praça é do povo como o céu é do condor”. Na democracia grega, o povo reunia-se na praça para decidir o futuro da cidade. Agora que o povo quer decidir o futuro da praça, não pode, pois houve uma votação fechada, feita por secretários e vereadores, em vez de uma decisão coletiva, popular e, acima de tudo, democrática.

Há uma praça no meio do caminho dos planos da prefeitura. Mas o poder municipal, em vez de tratar da questão democraticamente, renegou sua história como se ela fosse um mero empilhado de pedras.

Professora: Suziane Brasil Coelho

Escola: E. E. M. Governador Adauto Bezerra – Fortaleza (CE)

Esse texto abordou uma questão polêmica presente na época de sua produção: a intervenção na Praça Portugal em Fortaleza. Como esse projeto teve adesão de um grupo social e o repúdio de outro, é visível o modo como a recategorização de determinados referentes, entre eles, a própria Praça Portugal e a obra de intervenção, é influenciada pelos distintos pontos de vista. Em face disso, discutimos sobre como tais referentes foram representados pela seleção lexical.

A discussão dos textos, neste quinto encontro do processo de reescrita, foi pertinente para a revisão de alguns conceitos elementares e necessários à pesquisa, como categorização e recategorização, e para a valorização do espaço social sobre o qual se fala. Além disso, como feito na etapa de “preparação”, a estratégia em insistir na apresentação de textos cujos autores se encontravam na mesma faixa etária dos participantes serviu para incentivar os alunos e para mostrar-lhes que a escrita é algo possível, uma vez que ela pode ser desenvolvida em prol do processo de interação e não como consequência.

3.4.3.4 O sexto encontro de reescrita: a entrevista semiestruturada

Como a pesquisa desenvolveu-se pelo prisma da interação, trouxemos a entrevista para um dos encontros da reescrita. Realizada, portanto, no sexto encontro, ela teve como objetivo central implicar o aluno em seu processo de produção textual e clarear alguns mecanismos de referência em sua escrita que contribuíram com o processo de recategorização do referente *O lugar onde vivo*.

Sendo assim, foram feitas perguntas do tipo: Qual foi sua motivação escritora? Como ocorreu o processo de reescrita? Quais mudanças aconteceram? Em que consistiu a substituição de um termo por outro? O núcleo dessas perguntas de âmbito geral estiveram presentes em todas as entrevistas, contudo houve perguntas voltadas de forma específica para cada participante, haja vista as peculiaridades dos textos, assim como surgiram outras mediante o processo de interação que se estabeleceu.

Nossas condutas durante a entrevista foram embasadas no princípio da entrevista semiestruturada, comum às pesquisas qualitativas. Tomando como destaque Fraser e Gondim (2004), justificamos que nossas perguntas, ações e reflexões permitiram compreender significados, valores e símbolos dos entrevistados, questão garantida pela relação intersubjetiva estabelecida com eles. Outro ponto também favorável, nesse processo, foi a flexibilidade de avaliar os dados enquanto apareciam, o que nos permitiu elaborar novos questionamentos e compreendê-los durante o processo de análise, isso em consonância com a produção de textos que se concretizava.

3.5 QUADRO SINÓPTICO DA METODOLOGIA

A fim de sintetizar as ações da metodologia, realizamos um quadro sinóptico apresentando os passos desse processo.

Quadro 2 – Sinopse da Metodologia

1 Instrumentos de análise	1.1 Entrevista semiestruturada
	1.2 Observação Participante
2 Geração de Dados	2.1 Preparação para a produção do primeiro artigo
	2.2 Etapa de reescrita
2.1 Preparação para a produção do primeiro artigo	Número de encontros: 8
	Ações: 2.1.1 Definição do recorte temático 2.1.2 O artigo de opinião e sua função social 2.1.3 Geração de uma questão polêmica

	2.1.4 Escrita do primeiro artigo
2.1.1 Definição do recorte temático	<p>Ações:</p> <p>2.1.1.1 Aula sobre as categorias espaço, lugar e paisagem pela professora de Geografia</p> <p>2.1.1.2 Exibição do Filme Saneamento – 1 encontro de 2 horas/aula</p> <p>2.1.1.3 Debate e resolução de questionário – 1 encontro de 2 horas/aula</p> <p>2.1.1.4 Expressão gráfica sobre os temas – 1 encontro de 2 horas/aula</p>
2.1.2 O artigo de opinião e sua função social	<p>Ações:</p> <p>2.1.2.1 Discussão do texto enquanto viés crítico</p> <p>2.1.2.2 Discussão sobre a escrita e participação cidadã</p> <p>2.1.2.3 Debate sobre o gênero artigo de opinião e reconhecimento de sua função social</p> <p>2.1.2.4 Leitura dos textos dos alunos finalistas de 2012:</p> <p>a) “Natal: Noiva do Sol, Amante da Prostituição” (Taiana Cardoso Novais)</p> <p>b) “Revolução Verde?” (Carloci d’Avila Menezes)</p> <p>Leitura do texto do artigo “Corrupção cultural ou organizada?” (Renato Janine Ribeiro)</p> <p>A discussão sobre texto, escrita e função social ocorreu em dois encontros de 2 horas/aula. A leitura dos artigos de opinião dos alunos finalistas foi realizada no primeiro encontro. A leitura do artigo de Renato Janine ocorreu no segundo encontro.</p>
2.1.3 Geração de uma questão polêmica	<p>Ações:</p> <p>2.1.3.1 01 encontro de 2 horas/aula:</p>

	<p>a) Leitura e debate de notícias</p> <p>b) Problematização da realidade apresentada</p> <p>c) Relação entre os fatos e questões polêmicas na cidade</p> <p>2.1.3.2 1 encontro de 2horas/aula:</p> <p>a) Leitura do artigo finalista de 2012 “Quem me dera ser um peixe” (Italo Rodrigues Gomes da Silva)</p> <p>b) Leitura do artigo finalista de 2014 “(Re)criar ou abandonar?” (Ana Amália Rodrigues Luna)</p> <p>c) Distinção entre fato e opinião</p> <p>d) Reconhecimento dos pontos de vista acerca da questão polêmica desenvolvida</p> <p>e) Discussão sobre argumentação</p>
2.1.4 Escrita do primeiro artigo	2.1.4.1 Os participantes puderam trazer um esboço do que queriam escrever para o encontro destinado à escrita do primeiro texto (Duração: 2horas/aula)
2.1.5 Grupos de reescrita/aulas de campo/última reescrita	<p>2.1.4.2 Os encontros:</p> <p>1º encontro de reescrita: Leitura dos textos e comentários</p> <p>2º, 3º e 4º encontros de reescrita: reorganização do texto conforme as demandas dos alunos, diálogo entre os membros e intervenção do pesquisador</p> <p>Encontro fora da escola: 2 aulas de campo (Comunidade Lauro Vieira Chaves e I Encontro do Ceará Pacífico)</p> <p>5º encontro de reescrita: revisão do conceito de recategorização por meio de textos do <i>Facebook</i> e artigos de opinião</p> <p>6º encontro de reescrita: realização da entrevista semiestruturada</p>

	<p>7º encontro: espaço concedido para a última reescrita</p> <p>*Excetuando as aulas de campo, a cada encontro foram destinadas 2horas/aula</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.6 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Durante o processo de pesquisa, preocupamo-nos em analisar a recategorização do referente “O lugar onde vivo” nos textos dos participantes. Compreendemos, portanto, esse processo, ao investigarmos as versões reescritas, tendo como suporte a visão sociocognitivista da linguagem. Analisamos, portanto, o modo como esse referente é atualizado em cada versão escrita e no percurso de um texto a outro, tendo em vista: (a) expressões e predicções nominais, (b) ancoragem referencial promovida pelo “O lugar onde vivo”, (c) a não linearidade da referência.

4 O PROCESSO DE ESCRITA E A DISCUSSÃO DOS DADOS

De acordo com o capítulo anterior, o processo de pesquisa concentrou-se na realização de 15 encontros, 8 para a produção do primeiro texto, 7 para o momento da reescrita, além de duas aulas de campo com a finalidade de aprofundar o recorte temático dos participantes. Na seção que abrimos agora, temos como objetivo apresentar brevemente como se desenvolveu o processo de escrita nesses encontros e realizar a análise dos dados, justificando a ênfase na compreensão da escrita de alguns participantes.

Para ficar mais claro, no momento em que nos referirmos aos participantes, resolvemos usar P, para designar participante, e os algarismos 1, 2, 3 [...] para indicar de quem se trata, preservando, portanto, a identidade do envolvidos. Como dois participantes incorporaram informações de outros textos sem se referirem à devida fonte, resolvemos não analisar a participação deles. Sendo assim, dos 10 participantes, trataremos da escrita de apenas oito, designados de P1 a P8. Resgatando a lista com os recortes temáticos escolhidos por eles, temos o seguinte:

Quadro 3 – Participantes e recorte temático

Participante	Recorte Temático
1	Crise na saúde
2	Animais abandonados
3	Turismo Sexual
4	Obras inacabadas
5	O problema do lixo
6	Crise na saúde
7	Obras inacabadas
8	Violência contra a juventude na periferia

Fonte: Elaborado pelo autor.

Acerca da produção textual, tivemos um número de versões escritas diferenciadas. P6 foi o participante que mais escreveu, ao todo foram 6 versões. Como explicado anteriormente, isso aconteceu em virtude de ele ter sido escolhido pela comissão escolar para representar a escola nas etapas posteriores. Quem

escreveu menos foram P4 e P5, totalizando 3 versões. P2 e P3, quatro versões. P1, P7 e P8, cinco versões. A média de escrita ficou na ordem de 4 textos. Acreditamos que o número de versões distintas deveu-se ao empenho de cada um. Por exemplo, P1 e P6 não faltaram a nenhum encontro e sempre debatiam sobre as pesquisas que faziam sobre o tema. No entanto, não podemos dizer que os fatores individuais foram exclusivos quanto a essa questão. Questões contingenciais podem também ser levadas em conta. P5, por exemplo, adoeceu durante a pesquisa, o que comprometeu sua participação em alguns encontros, entre os quais, a entrevista semiestruturada.

Durante a pesquisa, os participantes sentiram-se motivados para escrever sobre o lugar onde vivem. Observamos, inclusive, que foram sensíveis a querer discorrer sobre problemas que incidiam sobre o seu viver. Questões próximas à realidade deles emergiram nos encontros que facilitamos, tanto no que trabalhou a produção do primeiro texto, quanto no que investiu na etapa de reescrita. Assim, esses participantes trataram de alguns temas, tais quais, insegurança, irregularidade das ruas, violência e drogas, até definirem o que gostariam de escrever.

Esses temas iniciais surgiram à medida que facilitamos o processo de definição do recorte temático e se deveu, entre outros, ao debate sobre a categoria lugar e espaço geográfico, mediado pela professora de Geografia; às discussões mobilizadas a partir do filme *Saneamento Básico*; aos questionários e às expressões gráficas realizadas pelos participantes.

Depois de definidos os temas, alguns participantes resolveram tratar de temáticas afins. Foi o que aconteceu com P1 e P6, que abordaram a crise na saúde, e com P4 e P7, que trataram da questão das obras paralisadas. Não impedimos que isso ocorresse, haja vista a liberdade que os participantes tinham nesse sentido. Além desses recortes temáticos, também tivemos a discussão sobre violência contra a juventude na periferia (P8), problemas no lixo (P5), turismo sexual (P3) e animais abandonados (P2). Tais discussões motivadas pela vontade de denunciar falhas na estrutura da cidade refletem também demandas do cotidiano dos participantes.

Na etapa do estudo do gênero artigo de opinião e da geração de questões polêmicas, à medida que fomos realizando a leitura dos artigos selecionados para embasar o debate, verificamos que os estudantes foram se apropriando do texto que iriam produzir. As temáticas dos artigos lidos foram variadas e seus autores também. Tivemos autores que já eram articulistas renomados, bem como estudantes,

finalistas, das edições de 2012 e 2014. Tais textos encontram-se também nos anexos.

Passadas essas ações, os estudantes escreveram seu primeiro texto, que foi tido como base para as versões reescritas. A reescrita foi facilitada em grupos, em que os alunos puderam debater seus textos. Apesar de os grupos terem propiciado a reescrita, como vemos na análise texto a texto, não utilizamos a interação no grupo como categoria de análise. Aproveitamos, entretanto, alguns dados que se tornaram mais salientes, sobretudo quando das nossas intervenções. Quanto às aulas de campo, percebemos que elas foram relevantes, sendo visível seu reflexo em alguns momentos da reescrita.

A seguir, apresentamos a análise e discussão dos dados, tendo em vista as categorias que verificamos com a leitura dos textos.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Uma característica peculiar ao tema da OLPEF (O lugar onde vivo) é que o referente lugar, além de não ser mencionado estritamente na esfera linguística, uma vez que se dá num contrato intersubjetivo, acaba sendo influenciado pelo recorte temático escolhido pelos sujeitos escreventes. Tomando como exemplo as edições da OLPEF de 2014 e 2016, temos dois excertos que refletem essa questão, ou seja, o plano da recategorização decorre da discussão e da orientação argumentativa de cada aluno. Vejamos esses dois casos:

(1) O lugar onde vivo é uma metrópole moderna, de povo alegre e hospitaleiro. Lugar para se viver, ouvir, sentir, guardar na lembrança e nunca mais esquecer. Aqui na capital cearense tudo é pensado e voltado para o turismo, onde a calma e o agito dialogam em total harmonia. Agregadas a essas particularidades, existem as características arquitetônicas da cidade, algumas delas são realçadas nas praças, que assumem destaque expressivo nos bairros da cidade. Ao longo da história, elas se tornaram locais de encontro de várias gerações, construindo e preservando a cultura do povo fortalezense.

Um desses espaços, a Praça Portugal, localizada no coração do bairro Aldeota, é um diferencial em nossa cidade. Seu contorno circular é único e se destaca pelo

tamanho e simetria. Situa-se no centro das duas maiores e mais movimentadas avenidas do bairro, Dom Luiz e Desembargador Moreira [...] No entanto, nos últimos meses, o espaço vive em meio a uma polêmica: a prefeitura anunciou um projeto que prevê a extinção desse ícone histórico, parte da memória de minha cidade¹⁴.

(2) Quixeramobim ostenta a alcunha de “Coração do Ceará”. Porém, esse coração bate cada vez mais monótono ao ver sua força vital desfalecer em favor do progresso. A essa força vital – inerente à identidade do município – dou o nome de “Patrimônio histórico”. Resignada, minha visão constata dia após dia esse diálogo degradante entre o passado e o presente. À margem dele estão as principais vítimas: construções históricas demolidas ou abandonadas e monumentos que, de tão alheios a cuidados, tornaram-se peças esquecidas de um mosaico.

De acordo com a arquiteta Beatriz Kother, da PUC-RS: “A demolição do patrimônio histórico é uma página apagada de nossa história”. Está claro que essa citação concretiza-se paulatinamente no lugar onde vivo. Dessa forma, a fragmentação da memória continua: a precariedade da Capela Circular do Cemitério Municipal, com sua abóbada abrigando ervas invasoras, denuncia o abandono; a demolição quase completa do casarão de José Felício – marco de nossa arquitetura colonial – comprova a leniência com a memória local. Porém, o que poucos sabem é que a Capela de Nossa Senhora do Carmo é considerada uma exceção na arquitetura brasileira, existindo semelhante apenas na Itália¹⁵.

Nos excertos acima, percebemos que o recorte temático utilizado pelos autores abre um leque de recategorizações acerca de *O lugar onde vivo*. No primeiro caso, a questão polêmica girou em torno do desmembramento da Praça Portugal a fim de fluir o trânsito nas imediações da Av. Dom Luiz, em Fortaleza. A

¹⁴ *Praça Portugal: ícone histórico em ameaça* – artigo finalista da edição de 2014 escrito pelo aluno Gleiton de Sousa Vasconcelos Gomes e orientado pela professora Clariany Ferreira Correia, EEEF Paulo VI (Fortaleza/CE). Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/textos-dos-finalistas/artigo/1614/textos-dos-alunos-finalistas-de-2014>>. Acesso: 20 mar. 2015.

¹⁵ *Patrimônio histórico: a peça esquecida de um mosaico* – artigo finalista da edição de 2016 escrito pelo aluno Julio Cesar da Silva e orientado pela professora Ana Virgínia Domingos de Oliveira, EEEP Dr. José Alves da Silveira (Quixeramobim/CE). Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/textos-dos-finalistas/artigo/2290/texto-dos-alunos-finalistas-de-2016>>. Acesso: 20 fev. 2017.

predicação *uma metrópole moderna, de povo alegre e hospitaleiro* aliada à expressão *Lugar para se viver, ouvir, sentir, guardar na lembrança e nunca mais esquecer* nos antecipa o núcleo temático dessa questão. O autor escolheu discutir sobre a extinção da praça e defende-a, apelando para a história da cidade e para a lembrança dos moradores. Tal defesa, misturada a uma questão telúrica incide na relação metonímica Fortaleza/características arquitetônicas/praças/Praça Portugal. Desse modo, o lado afetivo que transborda no texto contribui também para as questões referenciais.

No segundo caso, o dilema apresentado reflete também a ideia do descaso ao patrimônio histórico. O cenário de onde emerge toda a cadeia referencial é a cidade de Quixeramobim, recategorizada como *Coração do Ceará*. O ritmo que o autor confere ao seu artigo, em face da degradação de construções históricas da cidade, repercute na metáfora: *esse coração bate cada vez mais monótono*. Assim, como no primeiro caso, vemos, nesse excerto, mais um exemplo de que a subjetividade invade a cena argumentativa e insufla o ponto de vista. O leitor, portanto, pode sentir-se convidado a continuar o texto e quiçá pesquisar sobre os lugares desgastados pelo descuido do homem e pela falta de planejamento. Tal reflexão, embora afetiva, critica por demais a postura política em relação às culturas locais, “uma leniência à memória”, como fora dito.

Os dois casos, tal qual discorremos em seções teóricas anteriores, fazem-nos perceber que o processo de recategorização em tela dá-se por meio de predicações, expressões definidas, relações metafóricas e metonímicas, além de questões outras que extrapolam a materialidade linguística. Embora extrapolada, é essa mesma materialidade que serve de sinal para novas relações de sentido, que podem ser construídas por meio de aspectos cognitivo-referenciais, uma vez que determinados elementos avivados pelo pertencimento ao lugar, como a memória discursiva local, são convidados à atualização e reconfiguração deste. Afinal, o leitor pode voltar ao tempo e enxergar, enquanto ator social, as mudanças físicas e simbólicas por que passaram Fortaleza e Quixeramobim, as quais serviram de mote para a facção dos textos.

Levando em consideração essas ideias, destacamos que o referente *O lugar onde vivo* nos textos analisados nesta pesquisa, entre outras possibilidades, pode ser compreendido também: (I) nas predicações e expressões definidas; (II) em sintonia aos demais referentes apresentados textualmente.

Como o processo de recategorização é dinâmico e ocorre na interação, observamos, ao longo do processo de produção de textos, uma inclinação dos participantes em discorrer sobre alguma problemática social que afeta diretamente os cidadãos em sua dignidade. Nessa tônica, a cidade de Fortaleza, encabeçada por todos como o referente supracitado, ou seja, “o lugar onde os participantes vivem”, foi particularizada conforme o ângulo sob o qual os alunos olharam para ela. A partir dos recortes temáticos livremente escolhidos por eles, percebemos construções referenciais que contribuem para a compreensão de uma cidade desigual e desrespeitosa com os menos favorecidos.

Embora essa atualização do referente, a qual se dá por meio de uma crítica social, seja percebida em todos os textos, as construções referenciais variaram conforme a escrita e o eixo temático desenvolvido. Uma coisa, por exemplo, é a designação “Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de homicídios de adolescentes” (trecho de P8); outra completamente diferente é “Fortaleza se transformou em um verdadeiro canteiro de obras” (trecho de P7). Extraídas do seu contexto de produção, tais colocações, apesar de críticas, escondem o valor que ocupam nos textos, bem como as estratégias referenciais a elas relacionadas, dadas sobretudo durante o processo de reescrita.

Como todos os participantes foram submetidos a esse processo, constatamos que essa atividade comportou-se como agente de recategorização. Em paralelo ao refinamento dos textos, correções em nível microestrutural, como uso dos pronomes oblíquos, retificação na ortografia e pontuação, a reorganização textual-discursiva promoveu algumas mudanças na cadeia referencial, questão que implicou a (re)construção de “Fortaleza” enquanto objeto do discurso.

As estratégias envolvidas na alteração da cadeia referencial emergiram, entre outros, a partir de predicções e expressões nominais, bem como de uma relação metonímica desencadeada nos textos, uma vez que Fortaleza pode ser entendida como âncora para surgimento de novos referentes. Tais referentes, nesse último caso, funcionam como uma extensão da cidade, como bairros, entidades, instituições ou até mesmo intervenções no plano urbano.

Considerando essas questões, as três categorias de análise - (a) expressões e predicções nominais, (b) ancoragem referencial promovida pelo “O lugar onde vivo”, (c) não linearidade da referência - dialogam entre si. Dessa forma, é inviável separá-las durante a nossa discussão. Contudo, daremos ênfase às duas

primeiras quando abordarmos o processo de reescrita e à terceira ao analisar a emergência de referentes implícitos nos textos de um dos participantes.

Durante a análise do processo de reescrita, avaliamos fragmentos de textos de P1 e P2, a partir dos quais abordamos o avanço sobretudo nos aspectos microestruturais, e de P6 e P7, destacando a alteração na cadeia referencial. No caso de P6, a cadeia referencial é alterada em prol do desenvolvimento do referente saúde superlotada, enquanto a cadeia referencial de P7 estabelece relações sobre as obras inacabadas.

Por sua vez, no momento, em que abordaremos a emergência de referentes implícitos, os quais concorrem para uma relação de desigualdade e de desrespeito na cidade, analisaremos a escrita de P8, tendo em vista o processo de interação. A fim de destacar a escrita de P8, apresentamos alguns traços do percurso de seu texto que tratou sobre a violência contra a juventude na periferia.

4.2 A REESCRITA COMO AGENTE RECATEGORIZADOR

O processo de reescrita permitiu alterações tanto no campo da microestrutura quanto no que compete a alteração da cadeia referencial. Tais alterações fizeram emergir expressões e predicções, bem como deixou saliente a ancoragem referencial promovida pelo referente *O lugar onde vivo*. Apresentamos a seguir dois blocos. O primeiro trata de alterações mais perceptíveis no campo da superfície, no qual percebemos refinamento no que se refere à pontuação e à supressão de informações desnecessárias, tendo em vista o grau mínimo de conhecimento ofertado pelo contexto, e o segundo aborda alterações que se deram ao longo dos textos, as quais vão promovendo mudanças no projeto de dizer dos participantes.

4.2.1 Reorganização da escrita considerando aspectos microestruturais

4.2.1.1 A (re)escrita de P1

P1 resolveu escrever sobre a crise na saúde de Fortaleza. Sentiu-se motivado a tratar do tema, a fim de denunciar a situação da nossa capital quanto a esse quesito. Suas pesquisas sobre o tema foram relacionadas, inicialmente, ao

Sistema Único de Saúde (SUS). Essa questão o fizera abordar o problema de uma forma muito radial. À medida que foi escrevendo, passou a detalhar mais seu foco temático e a reorganizar os aspectos sintáticos do texto. Constatamos que ele avançou bastante na organização textual-discursiva. Verificamos esta questão na comparação entre a primeira e a última versões.

Quadro 4 – Reescrita de P1: primeira e última versões

Primeiro Texto	Quinto Texto
<p>O Brasil tem uns dos piores sistemas de saúde</p> <p>Até mesmo Fortaleza conhecida como a cidade maravilhosa nem escapa cada dia mais o sistema esta piorando com o passar dos anos vai chegar um tempo que vai ter hospital mais não vai ter médicos trabalhando e enquanto isso a população ser prejudica o único sistema que eles possuem que é o SUS indo de mal a pior uma pesquisa realiza mostra que o Brasil gastar milhões na área de saúde, mais eles podem gasta ate mesmo bilhões na saúde mais isso não vai adiantar ta faltando uma gestão boa de qualidade que possa controla as verbas que entra e saem [...]</p>	<p>A saúde em Fortaleza</p> <p>Nos últimos anos, foi criado um Sistema Único de Saúde, conhecido como sus. No Brasil só 70% da população é beneficiada por ele e o resto sofre por falta dele.</p> <p>Fortaleza está na sua pior crise na área de saúde, como superlotação nos hospitais, e o sus não está localizado em todos os bairros da cidade. Certos bairros nobres de Fortaleza têm saúde privada, enquanto outros eles não têm esses privilégios em ter saúde privada. No momento, a única solução é sair de casa para se consultar em outra cidade.</p> <p>[...]</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na devida comparação, percebemos que, no primeiro texto, o referente *O lugar onde vivo* estreia de forma abrupta. Não existe um cuidado em criar um contexto linguístico para que ele apareça, embora alguns elementos referenciais como “Brasil” e “SUS” permitam cognitivamente seu surgimento. A estrutura, como se vê, é precária e há certa confusão também do participante no modo como nomeia

Fortaleza. A forma referencial “cidade maravilhosa”, usada frequentemente pelos brasileiros quando se referem ao Rio de Janeiro, é empregado, erroneamente, em relação à capital cearense.

No último texto, ainda que pesem desvios, percebemos um cuidado do participante em criar um contexto sociocognitivo para inserir o referente. Primeiro, verifica-se a mudança no título a fim de salientar a temática da saúde. O título “A saúde em Fortaleza” traz isso mais demarcado. Segundo, o problema do “SUS” surge de forma geral, no primeiro parágrafo, e depois de maneira específica, na cidade, quando da escrita do parágrafo seguinte. Além disso, houve uma pontuação mais precisa para separar os períodos.

4.2.1.2 A (re)escrita de P2

Quanto à motivação escritora de P2, percebemos que, desde o princípio, ele mostrou simpatia pelo tema dos Animais abandonados, demonstrando muito ânimo ao procurar outras fontes para fundamentar sua ideia. O processo de escrita de forma geral fez com que ela discutisse em fóruns de redes sociais seus posicionamentos a respeito dos animais na cidade, o que ilustra desdobramentos de seu projeto de dizer. Assim como P1 que avançou na organização textual-discursiva, P2 também refinou seu texto, como verificamos abaixo ao tomarmos como comparação a segunda e a terceira versões.

Quadro 5 – Reescrita de P2: segunda e terceira versões

Segundo texto	Terceiro texto
<p>A quantidade de animais abandonados, principalmente cachorros e gatos, tem aumentado em Fortaleza, cerca de 30 mil animais estão abandonados.</p> <p>E facil ver eles abandonados em univercidades, praças, parques, centro e ruas da cidade de Fortaleza. E isso se deve ao aumento da reprodução descontrolada dos animais nas ruas. Uma cadela pode ter de 4 a 12 filhotes com 2 partos por ano, e uma gata em média a 7 filhotes e com 3 partos em um ano... E tudo isso acontece pela falta de responsabilidade e compromisso com o animal, a maioria dos animais são abandonados quando ficam doentes, velhos agressivos ou quando tem filhotes e seus criadores jogam eles na rua [...]</p>	<p>O abandono de animais em Fortaleza</p> <p>A quantidade de animais abandonados, principalmente cachorros e gatos, tem aumentado em Fortaleza, cerca de 30 mil animais estão abandonados.</p> <p>É fácil vê-los abandonados em univercidades, praças, ruas e no centro da cidade de Fortaleza. E tudo isso acontece pela falta de responsabilidade e compromisso com o animal, a maioria dos animais são abandonados quando ficam doentes, velhos, agressivos ou quando tem filhotes e seus donos jogam eles nas rua. [...]</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo que constatamos, em se tratando da linguagem formal, houve alguns avanços, como a devida colocação do pronome oblíquo “los” relacionado ao verbo ver. Contudo, considerando nossas intervenções no grupo de reescrita, chamou-nos atenção a supressão de informações passíveis de serem resgatadas pelo contexto discursivo e pelo conhecimento de mundo dos interlocutores. Trata-se da questão da procriação dos animais, presente no segundo texto e ausente no terceiro. Acreditamos que essa alteração decorreu das nossas intervenções nos grupos de reescrita, quando debatemos sobre a economia linguística organizada pelo contexto, o qual pondera as relações textuais explícitas e implícitas.

4.2.2 A reorganização da escrita e a alteração na cadeia referencial

Nesta subseção, ilustramos alguns achados no processo de reescrita de P6 e P7 no que compete à cadeia referencial. Desse modo, ao longo das duas análises, faremos considerações a partir do diálogo entre o referente *O lugar onde vivo* e os demais referentes ancorados a ele, o que para os estudos da referenciação equivaleria a anáforas indiretas, assim como apresentamos algumas expressões nominais e ou predicções que foram visíveis na análise da reescrita desses participantes.

4.2.2.1 A cadeia referencial de P6: Fortaleza e a crise na saúde

P6, dentre os 10 alunos que encararam o desafio da escrita e a participação na pesquisa, teve seu texto escolhido pela comissão escolar, constituída por professores de Língua Portuguesa, História e Geografia, condição que lhe permitiu a escrita de mais uma versão de texto, além da realizada após a entrevista semiestruturada, ponto salientado na seção da metodologia. Desde o começo, mostrou-se muito empenhado em suas ações e empolgado com a iniciativa do projeto de escrita. Como escolhera um tema comum a muitas regiões, a crise na saúde, orientamos que ele tivesse cuidado para não generalizar a discussão e perder as particularidades do problema em âmbito local.

Uma saída interessante que P6 utilizou para fundamentar a escrita foi abordar a superlotação no serviço de saúde de Fortaleza, a qual é motivada pela demanda de municípios vizinhos, situação que justifica o título por ele utilizado na primeira versão: *Uma saúde superlotada*.

Vários referentes presentes nos textos são compreendidos por P6 como consequência deste problema e apresentados no processo de reescrita, tais quais: *elevado número de cesáreas* (da primeira a quinta versão); *risco de infecções* (todas as versões); *risco à saúde de várias crianças* (primeira e segunda); *cirurgias canceladas no setor pediátrico do Hospital de Messejana* (primeira e segunda); *consultas nos corredores* (primeira e segunda).

Dentre esses referentes, vale destacar o modo como ele se referiu à condição de atendimento dos pacientes. Avaliando esse tipo de atendimento, P6 traz à cena discursiva o referente *corredômetro*, fruto do desequilíbrio entre a demanda e

a oferta de serviços de saúde. Esse referente entra em cena da terceira a quinta versão. Na última versão, entretanto, ele é incorporado ao processo argumentativo do participante. Embora não marcado linguisticamente no último texto, *corredômetro* faz-se presente quando P6 recria a realidade e diz que os pacientes atendidos em macas ou mesmo no chão passam por verdadeiros testes de sobrevivência:

Quem procura a saúde pública daqui vai na esperança de ser atendido, mas, em muitos casos, essas pessoas são literalmente abandonadas. Presenciamos verdadeiros “testes de sobrevivência”, no Hospital Geral de Fortaleza (HGF) e no Instituto Doutor José Frota (IJF), nos quais só irão ser atendidos aqueles que aguentarem por mais tempo, esperando em uma maca ou até no chão (Última versão escrita).

Além dessa questão que reflete a percepção crítica de P6 quanto a este cenário, ele faz uso do qualificador *debilitadas*, condizente às crianças nas duas primeiras versões, bem como avalia a situação dos atendimentos de modo geral, situação exemplificada pelos rótulos avaliativos: (I) “é desumano ver alguém a beira da morte devido a falta de atendimentos, sem respeito algum com o cidadão” (na segunda e na terceira versões); (II) “Uma situação desesperadora e desumana que evidencia o descaso com a população”, presente na última versão.

Desde o primeiro texto, P6 faz alusão a algumas unidades de saúde, entre postos, maternidades e hospitais. Alguns destes referentes, compreendidos como anáforas indiretas, entre os quais, *Hospital de Messejana*, *Hospital Geral de Fortaleza*, *Maternidade Escola Assis Chateaubriand*, *Maternidade César Cals* e *Instituto Dr. José Frota*, são inseridos e/ou suprimidos à medida que a reescrita ocorre. A frequência dá-se da seguinte maneira:

Quadro 6 – Frequência de referentes que sinalizam a crise da superlotação (escrita de P6)

Unidade de Saúde	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5	Texto 6
Hospital de Messejana	X	X				
Hospital Geral de Fortaleza		X				X
Maternidade Escola Assis Chateaubriand					X	X
Instituto Dr. José Frota						X
Maternidade César Cals						X

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pela distribuição dos referentes, verificamos que eles estão presentes quase todos no último texto, momento em que o nível de concisão e argumentação de P6 tornou-se mais significativo. A emergência, por exemplo, do *Instituto Dr. José Frota* e a reinserção do *Hospital Geral de Fortaleza*, no último texto, refletem a preocupação do participante em querer enfatizar o problema da superlotação, uma vez que tais unidades de saúde de Fortaleza recebem constantemente pacientes de outras localidades do estado. Também no último texto, P6 menciona o *Hospital Regional do Sertão Central*¹⁶, em Quixeramobim, na tentativa de realizar uma crítica à construção de hospitais sem um equipe médica adequada.

Em torno do referente *superlotação*, a progressão referencial desenvolvida por P6 ilustra também uma espécie de antagonismo entre a capital cearense e os demais municípios. Esse antagonismo é acentuado neste último texto, versão em que a expressão nominal *principal centro de atendimento do estado* surge e recategoriza o referente *O lugar onde vivo*. A sequência textual *A falta de estrutura, leitos e atendimentos específicos e de alta complexidade nos municípios cearenses* permite a introdução dessa recategorização. Contudo essa sequência textual foi sendo formulada aos poucos, a ver:

Quadro 7 – Reformulação permitida pela reescrita (P6)

Sequência textual	Versão
A falta de estrutura nesses locais	1
A falta de estrutura nesses locais	2
A falta de estrutura nesses locais	3
A falta de estrutura, leitos e atendimento nesses locais	4
A falta de estrutura, leitos e atendimento nesses locais	5
A falta de estrutura, leitos e atendimentos específicos e de alta complexidade nos municípios cearenses	6

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁶ O contexto de produção de P6 deu-se antes da inauguração do hospital em tela. Contudo, em termos de memória discursiva, o participante traz a voz da indignação social presente na sociedade e em várias plataformas de comunicação, como redes sociais e jornais.

Pelo que vemos, à medida que o texto ganha nova roupagem, dado a reescrita, verificamos que as expressões *nesses locais* e *atendimentos* são modificadas. A primeira expressão utilizada por P6 para retomar o referente *municípios vizinhos* até a quinta versão é deixada de lado e substituída por *municípios cearenses* na última versão, o que ancora a expressão recategorizadora *principal centro de atendimento do estado*. Quanto a *atendimentos*, inserido na quarta versão, verificamos os qualificadores *específicos* e *de alta complexidade*.

Acerca dessa disparidade no sistema de saúde do estado, P6, no último texto, faz menção a leis que regulam esse serviço e que garantem a universalidade em todos os níveis de assistência, contudo ele alude às *barreiras* que dificultam esse acesso universal, dando como exemplo *a irregular distribuição de equipamentos, transporte e medicamentos especializados*:

Uma situação desesperadora e desumana que evidencia o descaso com a população. De acordo com o Art. 7 da Lei Orgânica de Saúde nº 8.080/1990 todo cidadão tem direito a “universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência”. No entanto, há barreiras que limitam e dificultam esse acesso, como a irregular distribuição de equipamentos mais especializados, falta de transporte e de medicamentos, o que torna essa universalização uma realidade difícil de ser garantida para os interioranos (Última versão escrita).

Embora P6 tenha explicitado o referente *lei* apenas no último texto, o desrespeito aos postulados dela faz-se presente na superfície das versões anteriores, uma vez que esse participante já deixa marcada a ideia de que o sistema de saúde não chega de forma equânime a todos. Quanto a essa questão, tomando como premissa o atendimento precário, vale a pena destacar a mudança de título realizada por ele durante o processo de escrita. O primeiro título *Uma saúde superlotada*, presente na primeira versão e ausente na segunda e terceira, foi substituído por *A busca do atendimento prometido*, na quarta versão. Em face dessa alteração, verificamos a comparação dos pacientes a peregrinos, nos textos 3, 4 e 5.

Quadro 8 – Mudança na materialidade textual: reflexo na titulação (P6)

Texto 3	Texto 4	Texto 5
Pessoas que diariamente saem de seus bairros e até cidades para realizarem uma verdadeira peregrinação, mas que ainda estão longe de encontrar a “terra prometida” ou o atendimento prometido no caso.	Uma verdadeira peregrinação é realizada por pessoas que diariamente saem de seus bairros e até cidades, mas ainda estão longe de encontrar a “terra prometida” ou o atendimento prometido no caso, pois enquanto a saúde não for vista como um serviço, mas sim um direito nós nunca conseguiremos progredir.	É evidente também a verdadeira peregrinação realizada por pessoas que diariamente saem de seus bairros e até cidades, mas que ainda estão longe de encontrar a “terra prometida” ou o atendimento prometido no caso, pois enquanto a saúde não deixar de ser vista como um serviço, no qual só irá usa-la puder quem pagar, mas sim um direito, nunca será possível progredir.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pela via da observação-participante, podemos inferir que a peregrinação dos pacientes rumo ao atendimento prometido reflete uma metáfora de cunho religioso. Dizemos isso, tendo como base a forte ligação do participante a cultos evangélicos. O par de referentes *terra prometida*, uma alusão bíblica inclusive, e *atendimento prometido* colabora com essa interpretação e vai ao encontro de que a referência é uma co-construção social e encarnada nos sujeitos.

Encerrando os comentários sobre estratégias empregadas por P6, tendo em vista a relação metonímica entre o referente *O lugar onde vivo* e os demais referentes ancorados a ele, os quais surgiram durante a reescrita, visualizamos a emergência de uma cidade que sofre com problemas de saúde, efeito de uma superlotação. Isso prejudica grávidas, crianças, provoca vários atendimentos nos corredores e submete os pacientes, conforme P6 diz, *a um teste de sobrevivência*.

Em torno disso, uma série de referentes, vistos acima, vêm à tona para dar contorno a esse cenário desesperador, dito por ele em seus textos. Um ponto relevante é que, à medida que o texto avança no processo de reescrita, o referente

“crise na saúde” vai promovendo um contraste entre Fortaleza e os demais municípios cearenses, o que salienta um caos nesse serviço em todo o Ceará.

Mesmo ocupando o destaque de *principal centro de atendimento do estado*, o efeito de sentidos provocado pelo título *A busca do atendimento prometido*, sugere que Fortaleza está longe de ter uma saúde digna, haja vista a peregrinação de pacientes também da cidade ao que seria “uma terra prometida”, “um atendimento prometido”.

Para compreender este fluxo discursivo, foi necessário entender os diversos matizes que o texto de P6 traz. É claro que outras formas de compreensão poderiam ter emergido, não esgotando, portanto, a análise.

4.2.2.2 A cadeia referencial de P7: Fortaleza e as obras inacabadas

A mobilização dos conhecimentos durante a produção textual é fundamental para o encaixe das ideias e das informações sobre as quais se pretende tratar. Acreditar naquilo que se escreve também é imprescindível. Considerando essas duas questões, observamos que P7, uma das autoras que versou sobre as obras inacabadas, passou por um dilema quanto a escolha do recorte temático e também quanto à credibilidade no ato de escrever. Segundo dados levantados na entrevista realizada com ela, percebemos que ela gostaria de ter falado sobre o Hospital da Mulher, de Fortaleza, porém não encontrou muitas informações a respeito. Outra questão foi o desânimo e a vontade de não participar mais da pesquisa, tendo em vista o contexto de produção mais amplo, como a corrupção escancarada e o processo de *impeachment* da presidente Dilma.

Ante a essas questões, ela chegou a questionar se a escrita teria o papel de emancipação e de contestação aludido por nós durante a etapa de preparação para o primeiro artigo. Mencionou, inclusive, em tom jocoso, que a solução seria dar fim aos políticos. Em contrapartida, contestamos e reiteramos o papel libertador do ato de escrever e a função da argumentação no processo de mobilização das pessoas. Devido às nossas colocações, ela resolveu permanecer no projeto e remodelou a sua escrita acerca das obras paralisadas em Fortaleza, as quais deveriam ter sido entregues no contexto da Copa de 2014.

Pelo que percebemos, mesmo desenvolvendo outro recorte temático, a motivação escritora de P7 parece ter nascido em diálogo com a ideia da corrupção

escancarada no país, questão que lhe angustiava bastante. Ao tratar das obras inacabadas, ela a desenvolveu em consonância ao referente *corrupção*. Em todo o seu discurso, justifica a corrupção como fator para a não concretização dessas intervenções em tempo hábil.

Por ter falado de obras inacabadas e de corrupção em um lugar específico, percebemos que essas questões influenciaram sobremaneira o modo como ela vê o referente *O lugar onde vivo*. A respeito de algumas estratégias que tocam nesse assunto, observamos uma recategorização simultânea de referentes que promove a atualização de Fortaleza. Apresentamos, assim, (a) o modo como o referente obras inacabadas surge nos textos - dando destaque à visão crítica de P6 – (b) as estratégias de encapsulamento e (c) o papel do referente corrupção.

4.2.2.2.1 *Ampliação, melhoria e “puxadinho”*

Para subsidiar seu texto, além da experiência enquanto cidadã, P7 realizou pesquisas sobre o tema nos jornais locais e nas mídias nacionais, tendo em vista o contexto da Copa de 2014. Levando em consideração as cinco versões que escreveu, três referentes se mostraram mais salientes presentes em seu discurso: (1) *O lugar onde vivo*, reconfigurado em algumas expressões nominais e predicções; (2) *Obras inacabadas*, sendo enfatizados a ampliação do Aeroporto Internacional Pinto Martins e o Veículo Leve Sobre Trilhos (Parangaba/Mucuripe); (3) *Corrupção*, compreendida por ela como principal fator que ocasiona a letargia na conclusão dessas obras. Tendo em vista as âncoras propiciadas pelo referente *O lugar onde vivo*, é visível uma rede que o interliga aos outros dois referentes mencionados. Algumas passagens textuais salientam essa questão, tais quais, *Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, Fortaleza se transformou em um verdadeiro canteiro de obras e Fortaleza é apenas um retrato deste cenário*.

Considerando a primeira passagem, a expressão nominal *Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos*, P7 situa o referente *O lugar onde vivo* em um contexto mais amplo (Mundo-Brasil-Fortaleza) e justifica a necessidade de as cidades-sede se prepararem para o evento no que concerne a obras de mobilidade urbana. No entanto, parte do que fora planejado para Fortaleza não foi concluído e, acerca disso, ela inaugura, no texto, o referente *obras inacabadas*, cujo desenvolvimento repercute na construção de seu ponto de vista.

A primeira obra que aparece no texto de P7 foi a que tratou da intervenção do Aeroporto de Fortaleza. O modo como ela é (re)tratada no texto reflete uma crítica que pode ser verificada com a reescrita. À medida que os textos foram reescritos, P7 vai se utilizando de vocábulos diferenciados para sinalizar o referente *obra de ampliação*¹⁷, como *ampliação*, *melhoria* e *puxadinho*.

No terceiro texto de P7, a palavra *ampliação* fora inserida para retomar o referente em comento. No quarto texto, por outro lado, houve a substituição do termo pelo vocábulo *melhoria*. Tais mudanças lexicais provocam um contraste com o termo *puxadinho*, estreado a partir da terceira versão. Verificamos essas alterações logo abaixo, comparando as versões três e quatro:

Quadro 9 – Reescrita de P7: construções de significado sobre a intervenção no Aeroporto Pinto Martins

Terceira versão	Quarta versão
Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paralisadas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Em janeiro de 2014, a Infraero – Empresa de Infraestrutura Aeroportuária – reconheceu que a ampliação não ficaria pronta até a copa do mundo, como previa o cronograma inicial. Por conta dos atrasos, o aeroporto recebeu um “ puxadinho ” de 3,5 milhões para atender a alta demanda durante o mundial.	Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paralisadas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Em janeiro de 2014, a Infraero – Empresa de Infraestrutura Aeroportuária – reconheceu que a melhoria não ficaria pronta até a Copa do Mundo, como previa o cronograma inicial. Por conta dos atrasos, o aeroporto recebeu um “ puxadinho ” de R\$ 3,5 milhões para atender a alta demanda durante o mundial.

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁷ P7, ao reconstruir a cadeia referencial condizente com a ampliação do Aeroporto Internacional Pinto Martins, levou em consideração dados da INFRAERO em março de 2016. Segundo a INFRAERO, apenas 15% da obra inicial foi concluída. Em face da demanda, a solução foi alterar o plano original da obra e realizar uma construção paliativa, a qual fora denominada pela participante de puxadinho.

A estratégia referencial revela, mediante a interação desenvolvida na pesquisa, uma ironia de P7 em face da letargia do poder público com a(s) obra(s), ponto frequente na entrevista realizada. Considerando que *puxadinho* é uma expressão de tom popular, que denota pequenas obras de ampliação residencial, parece-nos que P7 realiza um movimento de emergência e incorporação no corpo do texto, até porque ela significa durante a entrevista *puxadinho* como *quartinho*, dando a entender construções de fato residenciais. A ironia dá-se em torno do que fora prometido e o que fora feito. O paliativo para uma obra de porte maior, segundo P7, tornou-se um *puxadinho*.

4.2.2.2.2 Fortaleza se transformou em um verdadeiro canteiro de obras

Além da obra de ampliação do Aeroporto de Fortaleza, P7 aborda em seguida o *VLT*. Ao longo dos textos, a incorporação de determinadas expressões associadas a esse referente, como *canteiros de obra abandonados, sem operários, acumulando entulho e material enferrujado*, reflete novas formas de significação. Intrigante, no entanto, é o gancho que a participante realiza entre o *VLT* e o referente *O lugar onde vivo*. No terceiro e no quarto textos, *canteiros de obras* era uma expressão ligada apenas ao *VLT*. No quinto, a situação muda de figura. Essa relação com o *VLT* ainda continua, contudo, ela acaba condicionando o modo como trata o referente em questão. A oração *Fortaleza se transformou num verdadeiro canteiro de obras* (inédita na última versão) possibilita a reconstrução de sentidos, que se dá a partir de uma nítida relação metonímica e de encapsulamento. Isso se deve ao fato de a cidade ser local onde fora iniciada a obra *VLT*, mas também tantas outras que ficaram inacabadas.

A oração recategorizadora mencionada surge após P7 dar um novo título a seu texto, quando da escrita da quinta versão. Do texto 1 ao 3, o título era *Obras paradas*; na versão 4, ele passa a ser *Obras paradas (Esqueletos de Concreto)*; no último, *Esqueletos de Concreto*¹⁸, o que acaba encapsulando as obras paralisadas na cidade. No entanto, se *O lugar onde vivo* é tratado por P7, tendo como

¹⁸ *Esqueletos de Concreto* também fora utilizado também por P4 como título, porém na última versão. Talvez isso tenha sido reflexo da aproximação entre os participantes durante a pesquisa. Não fomos taxativos dizendo que não poderia haver repetição de título, deixamos que titulassem conforme a criatividade e a coerência com as demais partes do texto. Agimos dessa forma para não interferir na cadeia referencial dos participantes.

perspectiva as obras inacabadas, existe aí uma polissemia quanto ao título. Fortaleza, sendo recategorizada a um canteiro de obras, parece tornar-se também esqueleto de concreto.

4.2.2.2.3 O referente corrupção: Fortaleza é apenas um retrato desse cenário

P7, conforme dito anteriormente, situa a cidade de Fortaleza em um contexto mais amplo. Desta forma, adverte que a presença de obras inacabadas não é restrita apenas ao lugar onde vive. Sendo assim, introduz logo no primeiro texto a oração *Fortaleza é apenas um retrato deste cenário*. Permanecendo até a última versão, tal oração agrega o referente *O lugar onde vivo* a uma realidade vivenciada também nacionalmente. Tal realidade é explicada a partir do referente corrupção, desenvolvido ao longo dos textos. Citamos, abaixo, alguns dos casos aludidos por P7 para tratar desse referente:

Quadro 10 – O referente corrupção no texto de P7

Fraudes e crimes de improbidade administrativa	Textos 1 e 2
A corrupção é, de longe, o maior fator responsável por atrasos nas obras em andamento	Texto 2
A CGU – Controladoria Geral da União – abriu uma auditoria para a investigação de obras paralisadas	Texto 3
“A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa.” (Jô Soares)	Textos 4 e 5

Fonte: Elaborado pelo autor.

As estratégias diferenciadas para aludir à corrupção salientam a construção do ponto de vista de P7. Sobre essa questão, ante à experiência política atual e ao passado que evidencia casos de enriquecimento ilícito, posiciona-se criticamente. À medida que escreve, ela passa a se apoiar em fatos, como a investigação iniciada pela Antiga CGU para apurar o motivo da paralisação das

obras, assim como reflexões de autores sobre o problema da corrupção. Esse referente faz-se presente também na seguinte passagem presente na quarta e na quinta versões: *Sob o pretexto de investimentos em infraestrutura, esquemas de corrupção são instalados em nossa sociedade.* Tal passagem, avaliativa, reflete o ponto de vista de P7, bem como relaciona os referentes corrupção e obras paralisadas.

Além do que fora escrito, P7, durante a entrevista que realizamos para conhecer um pouco mais sobre seu processo de escrita, referiu-se aos políticos de forma geral e promoveu uma fusão entre os dois referentes supracitados.

Quadro 11 – Recategorização do referente obras inacabadas no discurso oral (P7)

P: Pensando aqui a questão 2, de que forma a ativação dos seus conhecimentos prévios, que são os conhecimentos do mundo. De que forma esses conhecimentos influenciaram na produção escrita? Você tomou ciência, você já sabia desse tema antes de escrevê-lo minimamente?

P7: Sim, né

P: Ou só soube a partir do processo de pesquisa?

P7: Quando você vê algum escândalo de corrupção. O que na maioria das vezes está no centro dessa corrupção é alguma obra parada, que eles param pra pegar mais dinheiro ou refazer todo o orçamento, é como se fosse **uma máquina de jogar dinheiro** no bolso deles.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo que vemos, o discurso oral e o discurso escrito de P7 entram em sintonia, e uma nova recategorização é realizada. *Uma máquina de jogar dinheiro* reflete, nesse caso, uma nova forma de significar as obras inacabadas.

Pela leitura das cinco versões escritas por P7 e pela via da observação-participante e das entrevistas, percebemos o desenvolvimento de novas estratégias referenciais da participante para aludir aos três referentes *O lugar onde vivo*, *Obras inacabadas* e *Corrupção*. Isso se deveu, entre outros, à dinamicidade promovida pela tessitura e pelo processo de interação durante a pesquisa.

A compreensão do diálogo, portanto, entre os três referentes mencionados, implicou um olhar mais apurado para os movimentos de produção de texto de P7. Reconhecer esse processo foi de suma importância, uma vez que permitiu perceber a dinâmica construção da referência. Referência que é reelaborada em face da cognição, sociedade e linguagem.

4.3 REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DE P8: A EMERGÊNCIA DE REFERENTES E A CULMINÂNCIA NA ÚLTIMA REESCRITA

A construção da referência dá-se pelo processo interativo, no qual os interlocutores negociam sentidos por meio de um contexto sociocognitivo. Em se tratando da escrita de P8, talvez o integrante mais preocupado em lançar mão da crítica social, percebemos que seu projeto de dizer permitiu a emergência do referente *esquecimento*, atribuído à juventude e aos bairros da periferia de Fortaleza, quando da entrevista com ele. Com a intenção de tornar clara a emergência desse referente, que não se dá na materialidade chapada do texto, embora haja indícios na materialidade linguística, apresentamos de forma sistematizada uma via pela qual ele pode ter percorrido até torna-se explícito no discurso do participante. Sendo assim, traremos à tona o contexto discursivo que ancorou o desenvolvimento do tema escolhido *violência contra a juventude da periferia de Fortaleza*, a relevância da aula de campo e o próprio processo de escrita acompanhado por nós. Por fim, apresentamos como esse referente emergiu no discurso do participante e o levantamento de fatores que culminaram na última reescrita.

4.3.1 O contexto discursivo: dados sobre a violência contra os jovens e a Chacina da Grande Messejana

P8 resolveu escrever sobre a violência contra a juventude na periferia da cidade. Certa vez, justificara sua intenção tendo em vista a entrada de amigos seus para o mundo da criminalidade. A fim de fundamentar seu texto, além dos conhecimentos de mundo sobre essa situação, realizou algumas pesquisas em jornais virtuais sobre a temática. Nessas pesquisas, apresentou dados do Programa

de Redução da Violência Letal. Segundo esses dados, aproximadamente 2000 jovens podem morrer em Fortaleza até o ano de 2019, caso não haja maiores investimentos em políticas para esse público. Em torno dessa informação, ele traz a seguinte expressão recategorizadora sobre a cidade de Fortaleza, a qual se faz presente em todos os textos: *Fortaleza é a capital brasileira com o maior índice de homicídios de adolescentes.*

Em vista desses dados, ele relaciona a violência a que os jovens estão envolvidos com problemas de desigualdade social, como falta de oportunidades, e situa os bairros vulneráveis como os locais onde a relação criminalidade e juventude é mais acentuada. Nesse contexto, o referente *Chacina da Grande Messejana* é incorporado ao texto, funcionando, a nosso ver, como uma anáfora indireta, pois o contexto discursivo que envolveu a produção do texto de P8 estava ainda muito próximo ao cenário em que foram assassinadas 11 pessoas, sendo 9 menores de 19 anos. A relação entre *juventude*, *violência* e *desigualdade*, explicitadas no texto, são também partícipes do surgimento do referente *Chacina*, promovendo, dessa forma, uma continuidade entre linguagem e contexto.

Em torno ainda do contexto discursivo e das pesquisas realizadas por P8, Fortaleza, enquanto espaço de práticas sociais, não é apresentada sob uma ótica positiva. Prova disso são os títulos de algumas notícias que encapsulam uma rede de informações acerca da juventude na cidade e a ocorrência da *Chacina: Uma violência devastadora que aniquila sonhos e vidas; Meireles, o bairro mais desenvolvido, Palmeiras, o menos; Moradores fogem da comunidade e escolas cancelam aulas após chacina.* Esses títulos refletem de pronto uma cidade marcada pela desigualdade, pela negligência e pela violência, questão que repercutiu no desenvolvimento do texto de P8.

4.3.2 A relevância da aula de campo

Como vimos, P8 mobilizou em seus textos algumas ideias sobre a cidade de Fortaleza tomando como parâmetro a violência contra a juventude. Mencionada na seção metodológica, a aula de campo da qual ele participou foi muito pertinente para consolidar sua argumentação e apresentar uma via crítica sobre a mortandade dos jovens. Nessa aula, realizada no I Encontro do Ceará Pacífico, C, representante da ONG Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, favoreceu uma releitura das

conjunturas sociais e reiterou questões apresentadas no texto de P8 sobre a violência contra a juventude. C salientou também uma espécie de *apartheid* social e o esquecimento político em alguns bairros, em virtude de uma segregação propositadamente armada pelas ideologias dominantes. Falou sobre a Chacina da Grande Messejana e sobre uma dificuldade em se resolver o caso, considerando, nesse sentido, uma negligência para com as vítimas e suas famílias. Acreditamos, em vistas da materialidade textual, que essa aula contribuiu sobremaneira para o “fechamento” do texto de P8.

4.3.3 O processo de interação por via da escrita

P8 fez, ao todo, cinco versões de texto. Não houve tanta variabilidade no que compete a primeira e a quarta versões escritas, contudo os referentes-chave de seu texto - *juventude*, *desigualdade*, *violência* - são bastante significativos em seu projeto de dizer. Para além do acompanhamento que fizemos, algumas conversas informais, a interação no grupo de reescrita e a entrevista semiestruturada, fizeram com que percebêssemos a fluência desses referentes. Iniciando o comentário sobre o processo de interação, abordamos o modo como o referente *juventude* é recategorizado, considerando a atualização do termo *jovens*.

Quadro 12 – Recategorização do referente jovens (P8)

Recategorização do referente jovens
Uma enorme poluição mental que se manifesta cada vez mais nos jovens de Fortaleza – Todas as versões
Jovens de nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social – Todas as versões
9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. (Jovens enquanto vítimas da Chacina da Grande Messejana – Todas as versões

Fonte: Elaborado pelo autor.

Avaliando cada passagem textual que ajuda a descrever que jovem é este, segundo a perspectiva de P8, deparamo-nos, inicialmente, com a questão da poluição mental aludida por ele. Num dos grupos de reescrita, perguntamos o que

essa expressão queria significar e reiteramos esse questionamento na oportunidade da entrevista. Nas duas ocasiões, ele mencionou que o jovem parecia estar cada vez mais doido, com a “mente suja”. Ao apresentar novas configurações sobre esse jovem, ele tenta justificar a entrada deste na criminalidade da cidade. E, conforme o que percebemos na sequência acima, há uma frequência significativa de elementos textuais que encerram a *juventude* a uma situação crítica em Fortaleza, contexto em que ela é vista por P8 como vítima. O participante exemplifica essa questão nas passagens textuais com duas sucessivas recategorizações dos jovens. A primeira delas remete-os às estatísticas da criminalidade localizada em bairros vulneráveis. A segunda apresenta o jovem como vítima da Chacina da Grande Messejana, uma região também vulnerável.

Nas duas recategorizações, marcadas pela segunda e terceira passagens, visualizamos uma relação imbricada entre *jovens*, *violência* e *desigualdade*. Quanto ao referente *violência*, o modo como o termo *crimes* é atualizado também implica um novo olhar de P8 a essa situação. Na primeira versão, a palavra *crimes* recebe o qualificador *violentos*. Da segunda em diante, o qualificador é modificado. O adjetivo *bárbaros* entra em cena e ressignifica uma das realidades a que é acometida a *juventude* na periferia. Assim como o referente *juventude* é reconstruído também no plano da oralidade, durante o primeiro grupo de reescrita, P8 comenta que a violência ao jovem está como se fosse uma *guerra*.

Quanto ao referente *desigualdade*, principal fator que leva a juventude à criminalidade, percebemos no texto de P8 a referência a alguns dados, como o IDH. Ao trazer à cena discursiva o referente *IDH*, ele demarca a diferença entre os bairros, questão a ser pormenorizada adiante. Tendo em vista essa questão de IDH, o próprio local da Chacina ilustra essa situação.

4.3.4 A emergência do referente esquecimento

Em face do que P8 vinha escrevendo, vimos como interessante o título *Uma juventude esquecida*, empregado em seu último texto, tendo o contexto da desigualdade e da violência como forte marca. Verificamos a condução para a titulação em uma pequena conversa realizada no intervalo de uma atividade desenvolvida na escola, dias depois da entrevista com ele. O foco dessa conversa girou em torno da dificuldade que ele estava tendo em concluir o texto, contudo

algumas questões foram debatidas, como a ideia de um possível etnocentrismo relativo à juventude na periferia, um dos tópicos aludidos na entrevista com ele.

Por sabermos da recategorização dos jovens que P8 vinha realizando em seus textos, durante essa conversa informal, indagamos se essa juventude estava integrada ou apartada da sociedade. Em uma de suas colocações, ele disse que parecia estar esquecida. Depois de refletir, sugeriu o título: *A juventude esquecida*. Em cima disso, questionamos sobre o papel do artigo definido e perguntamos se a juventude de Fortaleza era homogênea ou heterogênea. Percebendo a divisão dessa juventude, optou pelo uso do indefinido, chegando ao título *Uma juventude esquecida*, de caráter encapsulador, já que engloba as características dos jovens da periferia da cidade apresentadas por ele na escrita de seus textos.

Compreendemos o referente *esquecimento*, um termo substantivo, tomando como premissa a não linearidade na construção da referência. O que P8 escrevera nas cinco versões traduz esse *esquecimento*, bem como sua relação contígua com o adjetivo *esquecida*, atribuída à juventude. Além da juventude, também os bairros são *esquecidos*. Acerca dessa caracterização, tomamos como exemplo o fragmento da entrevista com P8, em que percebemos uma incorporação do contexto da aula de campo ao momento em que conversávamos.

Quadro 13 – Recorte da entrevista com P8: os bairros esquecidos

P8: Não eu acho que tá faltando minha opinião. Eu falo dos dois lados, do lado do pobre e do rico. Será que o governo só atua nas áreas..., será que ele centraliza as políticas dele em apenas uma área? Centraliza?

P: Centralizar é focar.

P8: Tipo a ideia do Caio lá do...

P: Do Bom Jardim

P8: Que fala dos bairros esquecidos

P: Ahran

P8: Será? Tô pensando. Será que o governo atua nas áreas mais... Como se diz uma área bem desenvolvida? E ricos?

P: É área nobre?

P8: Será que o governo atua apenas nas áreas nobres?

P: Hunrun

P8: E esquece das outras áreas?

P: É uma indagação, né?

P8: O que é isso?

P: Uma indagação, uma pergunta. Interessante que se faça, até porque já colocaria essas Fortalezas aí, né. Esse conflito que existe, entre uma pequena Fortaleza, uma Fortaleza de minoria. É uma minoria que possui essa riqueza toda, digamos a maior parcela da riqueza. E a Grande Fortaleza, que é essa Fortaleza mais populosa, essa Fortaleza que sofre mais com esses problemas né? Essa Fortaleza mais desigual. Uma pergunta se encaixaria de forma interessante, eu achei legal. Questionar é interessante.

Quando P8 coloca lado a lado bairros distintos, ele salienta a segregação visível na cidade de Fortaleza. Com essa questão ele avalia mais uma vez o referente *desigualdade* e passa a considerar a centralização de políticas em bairros que seriam privilegiados. Nesse contexto, ele recupera o momento vivenciado na aula de campo e sinaliza *os bairros esquecidos* em seu discurso.

Dentro do mesmo fluxo discursivo, porém num lapso de tempo anterior, encontramos outro fragmento da entrevista realizada. Neste caso, ainda em alusão ao que denominara *bairros esquecidos*, a relação contextual da entrevista parece incorporar o momento da Chacina de Messejana.

Quadro 14 – Recorte da entrevista com P8: a Chacina da Grande Messejana

P: Vamos imaginar o leitor, quando ele pega o teu texto, que sentido ele constrói sobre o referente O lugar onde vivo, que imagem ele conclui? Se você quiser apresentar alguma expressão no texto, pode apresentar, se quiser falar do texto como um todo, fique à vontade.

P8: Qual a expressão que ele vê?

P: A imagem. A imagem que ele tira, a imagem que ele conclui.

P8: A imagem que ele conclui é que o jovem participa dos dois lados, de vítima e de autor. E que o jovem está cada vez mais... A expressão popular é doido. Aqui quando falo de crimes banais, oh, bárbaros...

P: E por falar nisso, olha no primeiro texto, como você se referiu aos crimes? Crimes cada vez mais...

P8: Cada vez mais violentos.

P: E no segundo você troca por bárbaros. A gente percebe que esse referente crime é recategorizado dentro do processo de escrita. Ou seja você sai da palavra violentos e vai para a palavra bárbaros, e tem uma significação interessante aí. Quer falar sobre ela? Quer falar sobre essa modificação, o que ela representou para o texto?

P8: Acho que bárbaros é a palavra ideal para o momento, bárbaros é a palavra ideal pelo momento. A palavra ideal no tempo certo.

P: Por quê?

P8: Devido aos crimes que estão acontecendo. Devido ao que eu cito. 11 pessoas mortas é bárbaro.

P: Sim!

P8: De uma vez só numa noite

P: Ahrân

P8: E numa comunidade. Se fosse no estado todo? Não é tranquilo né, não é aceitável, mas a gente já está acostumado. Agora 11 crimes num bairro, na Messejana... Ela tem as divisoriazinhas dela não é? Se eu não me engano foi no Curió.

P: São Miguel

P8: Não no Curió, divisão pequena, e foi numa rua praticamente não foi? Chegaram. Essa rua aqui. Escolheram e matou 11. E o pior não foi solucionado não é? Não foi solucionado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O fragmento acima amplia nossa compreensão sobre a escrita do participante. Existe, como vemos, uma relação estreita entre os referentes *juventude* e *O lugar onde vivo*. Visualizamos isso na resposta que ele dera ao ser indagado sobre o sentido ou imagem que um leitor construiria sobre esse referente a partir dos textos. De pronto, discorre que o jovem pode ser visto como autor e como vítima de crimes.

Um ponto também bastante interessante no fragmento é a ramificação do qualificador *bárbaros*. Além de reconfigurar os crimes pelos quais a juventude da periferia é acusada, isso na escrita dos textos, *bárbaros* também é aplicado para referir a Chacina na Grande Messejana e, conseqüentemente, mobiliza sentidos sobre o referente *O lugar onde vivo*, tendo em vista a relação metonímica.

Ao referir-se também à Chacina, algumas informações são avivadas para construir o cenário em que ocorreu. Pelo que verificamos na entrevista, P8 apresenta o número alarmante de pessoas assassinadas numa só noite, a escolha

das vítimas, o lugar e a impunidade. O modo, inclusive, como ele destaca o local da chacina, aludindo às pequenas *divisoriinhas* dá-nos a impressão de que ele se transportou para o local em que ocorrera, promovendo um entrecruzamento de cenários e uma incorporação de elementos contextuais.

4.3.5 A culminância na última reescrita

Tendo em vista a disparidade entre os bairros e tudo sobre o que falara da *juventude* e da *violência*, verificamos que essas construções redimensionam o projeto de dizer do participante na última versão. As partes sublinhadas surgem apenas no último texto, mas, pelo que acompanhamos, elas já estavam em processo de desenvolvimento à medida que o participante refletia, questionava e se implicava em seu projeto de dizer. O referente *O lugar onde vivo*, neste caso a cidade de Fortaleza, já descortinado nos textos anteriores a partir de uma desigualdade e destituição de direitos sentida por uma parcela da população, passa a ser tratado sob a ótica do esquecimento.

Quadro 15 – A última versão escrita de P8

Uma juventude esquecida

[...]

Dados do IBGE apontam que o IDH de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com o de países desenvolvidos e não possuem altos índices de criminalidade. Já outros bairros possuem tanta criminalidade que chegam a ser comparados à países de situação precária. A problemática da diferença dos bairros está ligada muitas vezes a centralização dos serviços de infraestrutura nos bairros nobres de Fortaleza, enquanto os mais carentes desses serviços são esquecidos e ficam apenas com um pequeno proveito dessas grandes obras.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana onde em novembro de 2015 ocorreu a maior chacina já registrada em Fortaleza com 11 homicídios. 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. E vale lembrar que das vítimas, nove nunca responderam por crimes, e apenas dois teriam antecedentes, um por ameaça e outro por delito de trânsito. Porém a impunidade foi o que realmente marcou nessa chacina. Segundo o jornal O POVO foram denunciados 45 policiais militares, o que corresponde quase ao tamanho de um pelotão, e as autoridades praticamente fecharam os olhos, já que não foi divulgado um número final de acusados pelo caso.

Devemos questionar o porquê de as autoridades não terem solucionado o caso. E se essa chacina tivesse ocorrido em um bairro nobre? Será que ocorreria tanta impunidade? As autoridades ficariam sem vontade para resolver o caso?

Portanto a impunidade deve ser algo bem estudado pelos nossos representantes para que os mais carentes de justiça não sejam mais prejudicados. Eles também devem investir mais em educação porquê de lá que sairão futuros profissionais cada vez mais qualificados. É necessário também que os pais acompanhem a vida social do seu filho, porque já dizia o velho ditado: “Me diz com quem tu andas, que eu te direi quem és”.

Ao retratar *O lugar onde vivo* sob essa ótica, o participante, a nosso ver, deixa transparecer também a destituição de direitos por que passa a juventude na periferia. E ao relacionar isso, suas dúvidas no texto traduzidas por meio da conjunção condicional “se” refletem as vozes das vítimas da Chacina e dos familiares delas. A referência, no caso ilustrado, não se resume apenas a falar do lugar, tomando-o como objeto inerte, mas sim como elemento de uma rede segregadora e etnocêntrica.

4.3.6 A escrita de P8 e a recategorização de “O lugar onde vivo”

Na escrita de P8, houve predicacões que se referiam diretamente à cidade de Fortaleza, tais quais *Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de homicídios de adolescentes* e *Fortaleza é a 5ª (capital) do país com maior diferença de renda*. No entanto, como acompanhamos o processo de escrita do participante e vimos a maneira como ele se referia à juventude e aos bairros periféricos, resolvemos apresentar essas questões no percurso que desenvolveu. O lugar onde P8 vive foi categorizado a partir da situação de desigualdade, injustiças e violência à juventude. No entanto, essa categorização escapa ao texto do participante. Ela surge em um entorno sociocognitivo marcado linguístico e discursivamente por questões sociais segregadoras. Dessa forma, as expressões nominais e a ancoragem referencial promovida por “O lugar onde vivo” não são suficientes para dar conta de toda a construção referencial. O contexto da violência, da Chacina, a interação na pesquisa, os textos lidos pelo participante, tudo conflui para uma não linearidade de *O lugar onde vivo*. O próprio texto tem que ser compreendido como um todo na tentativa de ampliar as lentes para esse referente movediço e dinâmico em face das práticas sociais. Sendo assim, priorizamos observar a relação desenvolvida entre a cidade de Fortaleza e o que brota dela enquanto espaço social.

Encerrando aqui a seção de análises, apresentamos a seguir nossas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que “finalizamos” foi projetado a partir de uma experiência que tivemos em 2014 com a etapa escolar da Olimpíada de Língua Portuguesa. Na ocasião, visualizamos distintas maneiras utilizadas pelos nossos estudantes para referir ao lugar onde vivem. Contudo, nessa prática, não nos preocupamos em avaliar como se deu o processo de produção textual, tendo em vista a implicação dos sujeitos no ato de escrever, ou seja, se refletiam sobre seu projeto de dizer.

Nesta pesquisa, além de termos realizado algumas mudanças aos cadernos orientadores, visando também a um trabalho que não limitasse o estudo do texto a questões gramaticais, facilitamos, haja vista um contato interdisciplinar, uma reflexão mais crítica sobre a escrita. Enfatizamos, nesse sentido, a conexão entre estilo, estrutura composicional e conteúdo temático, com a finalidade de mostrar ao aluno a funcionalidade do gênero artigo de opinião e tornar propícia a prática da argumentação sobre o lugar onde vivem.

Nossas ações giraram em torno do alcance do objetivo geral: compreender a recategorização do referente *O lugar onde vivo* no percurso de escrita dos participantes. Sendo assim, investimos na prática da reescrita de modo a permitir o contato dos sujeitos com seu próprio texto e encaminhá-los ao reconhecimento de suas demandas enquanto escreventes iniciantes. O recorte teórico que ampliou nosso olhar foi a sociocognição, tendo como princípio a construção discursiva da referência.

A fim de alcançar esse objetivo, orientamo-nos, ao longo da pesquisa, a partir das seguintes perguntas: (a) Que tipos de estratégias referenciais são realizadas pelos alunos na recategorização do referente “O lugar onde vivo” no processo de reescrita dos artigos de opinião? (b) Como esse referente dialoga com os demais referentes presentes? (c) Em face do processo de reescrita, como os alunos percebem a teia referencial que realizaram na construção desse referente?

Tendo em vista essas perguntas, podemos assinalar alguns resultados deste processo de pesquisa. O primeiro deles é que todos os participantes escreveram seus textos considerando uma espécie de crítica social. Cremos que isso se deveu ao próprio caráter do gênero artigo de opinião, determinado pela OLPEF, assim como aos recortes temáticos escolhidos livremente por eles: animais

abandonados, crise na saúde, problemas do lixo, obras paralisadas, turismo sexual, violência contra a juventude na periferia.

Os participantes, sob a perspectiva desses recortes temáticos que retratam parte da realidade em que estão inseridos, apresentaram formas particulares de ver e vivenciar o espaço e levaram suas reflexões para o texto a que foram convidados a escrever. Utilizaram-se, portanto, de sua voz para “colocar a boca no trombone” e denunciar determinadas questões que viram como entraves para a sociedade fortalezense. Tendo em vista essas questões sociais, pudemos perceber que o referente *O lugar onde vivo* foi ressignificado, pelos textos observados, como um lugar de segregação e de desigualdade. Vimos, por essa ótica, bairros que sofrem com o descaso, com o esquecimento; uma juventude marginalizada; uma saúde em crise; obras que se estendem e parecem não ter fim; lugar de corrupção e maus-tratos aos animais.

O segundo resultado que observamos a que chegamos é que a reescrita teve efeito recategorizador. Percebemos, desse modo, que a reorganização textual-discursiva promovida pelos participantes contribuiu com a emergência de novas expressões nominais e predicções que atualizaram o referente, objeto de estudo desta dissertação. Além disso, a própria ação da reescrita permitiu com que os alunos refinassem seu texto e retificassem alguns desvios na superfície gramatical.

O terceiro resultado indicia que a interação com os sujeitos, durante o processo de produção de textos, contribuiu para que eles se engajassem enquanto autores iniciantes. Por meio da interação, tivemos a oportunidade de reconhecer estratégias referenciais que foram acontecendo naturalmente, como a titulação no processo de escrita de um dos participantes, a emergência de referentes implícitos e a culminância na escrita do último texto, questões apresentadas durante a análise dos dados.

Um dos resultados que nos chamou a atenção foi a baixa variabilidade de estratégias referenciais recategorizadoras do referente *O lugar onde vivo* no que compete a expressões anafóricas diretas. Nossa expectativa inicial era a de que cada escrevente renomeasse de forma diversa esse referente durante o processo argumentativo. Por outro lado, percebemos a reconstrução, em todos os textos, desse referente por meio das relações metonímicas. Pelo fato de ter um caráter espacial, tudo que emergiu dele acabou trazendo vestígios e novos significados,

novas janelas a partir das quais Fortaleza foi descortinada. A recategorização, nesse sentido, comportou-se sobretudo de forma não linear.

Acreditamos que, se tivéssemos ampliado nosso *corpus* de modo a analisar textos de diferentes estudantes, de escolas e bairros também distintos, de realidades outras, encontraríamos talvez uma diversidade no emprego de expressões anafóricas diretas. Entretanto, avaliando o processo de escrita dos sujeitos participantes da pesquisa, devemos também julgar que a capacidade de variabilidade anafórica reflete o hábito de leitura e escrita. E como sabemos não é de repente que esse hábito se desenvolve, tampouco as habilidades relacionadas a ele. Por isso nos mostramos pelo menos satisfeitos com o fato de os alunos terem se implicado neste desafio de escrever e aceitado e acreditado em nossa proposta.

Além dos resultados assinalados, ao longo da pesquisa, mas sobretudo ao final dela, várias questões que foram surgindo merecem ser destacadas. Uma delas remete ao caderno orientador ao qual fizemos uma adaptação. Embora não tenha sido objetivo nosso propor uma metodologia alternativa a esse caderno no intuito de desconstruir as estratégias das sequências didáticas que ele traz, acreditamos que regular a escrita por meio de dicas ou condutas indicadas ao professor pode fazer com que os resultados sigam um caminho de padronização, excluindo a escrita do texto enquanto evento e a assunção da autoria pelo participante.

Outra dúvida é relativa ao caráter competitivo que pode ocorrer em face da OLPEF tratar-se de um concurso de redação. Fica-nos a questão se os sujeitos participantes de nossa pesquisa foram influenciados de alguma forma por esse caráter competitivo, mesmo com a promoção de um ambiente ético que visou sobretudo à reflexão do texto. Apesar de termos reconhecido que houve, nos textos produzidos, avanços no que compete à textualidade, algumas estratégias de referência e argumentação, os alunos que se aventuraram no processo de escrita para esta pesquisa farão da reescrita algo natural? Uma necessidade de revisar e refinar o texto para um outro a quem se dirige?

Talvez essas dúvidas sejam um reflexo das práticas de ensino em que ainda estamos inseridos, cujas técnicas na maioria das vezes exclui o aluno enquanto sujeito de seu dizer. Infelizmente, muitas atividades docentes abordam aquilo que o professor deseja que seja feito, apartando assim o aluno de práticas de escrita mais genuínas, que visem à resolução de questões próprias de sua realidade

ou demandas sociais cotidianas. Não devemos, é certo, nos penitenciar ou dizer que nós professores somos os únicos culpados por esse problema. Entendemos que, por vezes, o próprio aluno, sua família e os exames admissionais para o ensino superior, estes na maioria das vezes propalados pelas unidades de ensino como alvo da escrita escolar, acabam tornando a escrita um processo artificial.

Pensamos ser necessário, para reverter esse quadro, que as aulas de escrita e de leitura contextualizem o universo em que o aluno está inserido e sejam condição para a emergência dos mais variados domínios cognitivos, realidades diferenciadas e únicas. Considerando esse pensamento, a situação da escrita requer uma maior atenção por parte da escola, do professor, da sociedade como um todo. Investir em temáticas semelhantes à da OLPEF a fim de aproximar o aluno de sua realidade deve ser uma prática cotidiana, uma vez que a realidade deve ser fator provocador dos textos. Recorrer aos estudos da sociocognição, como fizemos, pode ser uma estratégia também interessante para promover a prática do diálogo em sala de aula. Diálogo construtor de significados em face de práticas sociais.

Encerrando esta seção, julgamos pertinente apontar, a partir da experiência que desenvolvemos, algumas sugestões para estudos futuros. Ainda que tenhamos situado nosso olhar para a recategorização de um referente específico, acreditamos que outras pesquisas podem ser realizadas no que compete os estudos da referenciação e a seara da Linguística Aplicada. Um deles é a relação entre o gênero artigo de opinião e os processos referenciais que ocorrem em virtude de suas particularidades. Outra questão seria o estudo do processo de estranhamento durante a prática da reescritura. Embora não tenhamos o estranhamento do texto como foco de análise, visualizamos esse fenômeno nos grupos que formamos.

No que se refere a estudos interdisciplinares, acreditamos que os efeitos de ações que envolvam diferentes disciplinas podem ser analisados. Dizemos isso amparados pela prática que realizamos nesta pesquisa ao trazer o saber da Geografia como componente do processo de produção textual, bem como na realização das aulas de campo, quando questões urbanas foram levantadas.

Mesmo iniciantes enquanto pesquisadores, vimos que é positivo lançarmos mão de uma teoria que subjaz nossa prática cotidiana na sala de aula. Embora os modos de aprendizado sejam ainda um “mistério”, pela perspectiva da sociocognição, sabemos que ele decorre de uma complexa rede que envolve ações

históricas, cognitivas e sociais. Essa rede de significados ancora o modo como interagimos com o texto, com as pessoas e com o mundo que nos cerca. Essa mesma rede é partícipe do processo de recategorização e contribuiu sobremaneira no modo como os estudantes atualizaram o lugar onde vivem.

Por fim, esperamos que este trabalho possa provocar reflexões aos professores de língua materna, sobretudo quando da associação da teoria a suas práticas cotidianas. Além disso, esperamos que os professores vejam o texto não apenas como produto, mas como processo, o qual é marcado sociocognitivamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. B. Implicações discursivas e cognitivas no ensino da referenciação. **Revel**, v.13, n.25, 2015. Disponível em: <<http://revel.inf.br/files/1e06b1cb639f437cc88ae402f4d21cee.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017

ARAÚJO, L. C. Tecendo sentidos: reescrita e produção de textos. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, 2001. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2841/2017>> Acesso: 02 jan. 2017

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, F, L. **A autoria nas produções de crônicas da olimpíada da língua portuguesa**: um olhar enunciativo-discursivo. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Organização de Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização de Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2011b.

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse**. Freedom of access to knowledge and society through Discourse: Norwood: Ablex, 1997. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm>. Acesso em: 22 set. 2015.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. v.1. São Paulo: Cortez, 2012. p.261-303.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, I. **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2014. p.19-46.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2015.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. G; MORATO, E. M.; BENTES, A. C (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p.125-150.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M. PINHEIRO, C. L.; LINS, M. P. P.; LIMA, G. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. L (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 201p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COMTE, M-H. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA E SILVA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. 2007. 176p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____. Linguagem como interlocução e aprendizagem como cognição situada. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v.2, n.2, p.151-167, 2010.

CUSTÓDIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v.12, n.3, p.839-858, set./dez., 2012.

CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, O. F. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, C. M. S. (Orgs.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

DIJK, T. A. V. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p.45-65.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA E SILVA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

FRASER, D. T. M.; GONDIM, G. M. S. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, p.139-152, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Organização de Ana Christina Bentes, Renato C. REZENDE e Marcos Antônio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p.39-58.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Introdução à Linguística Textual**: Trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V.; CORTEZ, S. L. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013. p.9-29.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. v.3. São Paulo: Cortez, 2011. p.251-297.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**: gêneros textuais do argumentar e do expor. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013. p.30-58.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. In: SEMINÁRIO SOBRE HIPERTEXTO, 1., 2000, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p.53-102.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Veredas, 2001.

MENEGASSI, R. J. A revisão de textos na formação docente inicial. In: GONÇALVES, A. V.; BAZARIM, M. (Orgs.). **Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. A construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA E SILVA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

MONTEIRO, B, C, B. **A perspectiva sociocognitiva da referência na abordagem didática do texto**: implicações na percepção do leitor aprendiz. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

OLIVEIRA, R. P. Semântica. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. v.2. São Paulo: Cortez, 2012. p.23-64.

PASSARELLI, L. M. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

RANGEL, E. O.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. **Pontos de vista: caderno do professor: orientação para produção de textos**. São Paulo: Cenpec, 2014.

RODRIGUES, M. C. C. **O título e a construção referencial em textos de jornal escolar**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

RUIZ, E. M. S. D. Formação (des)continuada e representação do professor em materiais didáticos da Olimpíada de Língua Portuguesa. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v.12, n.36, p.549-573, maio/ago., 2012.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, MG, v.3, n.1, p.61-79, 1999.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. G.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p.151-168.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, C. M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVA, B, P. **Educação linguística e projetos de letramento**: as condições de produção do gênero artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2014.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva**, Florianópolis, v.26, n.1, p.341-377, jan./jun., 2008.

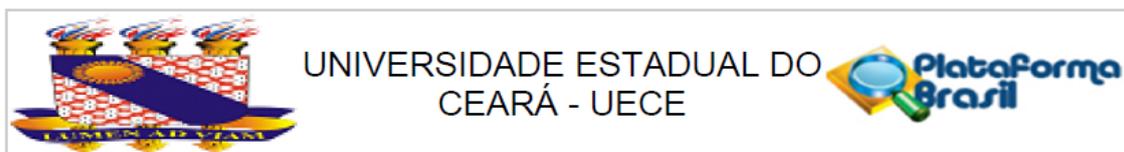
THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1989.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VARELA, F. J. **Conhecer as ciências cognitivas**: tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A recategorização do referente O lugar onde vivo em artigos de opinião destinados à V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro

Pesquisador: FILIPE FONTENELE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53199416.6.0000.5534

Instituição Proponente: Centro de Humanidades

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.476.380

Apresentação do Projeto:

A pesquisa intitulada "A recategorização do referente O lugar onde vivo em artigos de opinião destinados à V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro" terá como público-alvo alunos de segundo e terceiro anos de uma escola estadual localizada em Fortaleza. "Trata-se de uma pesquisa-ação, a partir da qual o pesquisador junto aos alunos estimulará a produção de artigos no contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa, que ocorrerá entre os meses de abril e agosto. Serão também realizados encontros em grupo, nos quais primaremos pela interlocução e participação crítica dos participantes a fim de que reflitam sobre seu projeto de dizer em virtude da prática da reescrita, situação esta que poderá facilitar a recategorização do referente em comento. Da atividade de reescrita, poderemos analisar junto aos participantes como o referente é reconstruído no processo de escrita. Esta análise será realizada nas relações intra e intertextuais. Do mesmo modo, é mister compreender as operações sociocognitivas dos participantes subjacentes ao processo de recategorização (reconstrução de sentidos) do referente O lugar onde vivo, ou seja, como os participantes entendem a teia referencial que constituíram em seus textos".

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador tem como objetivo Primário "Investigar o processo de recategorização do referente

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

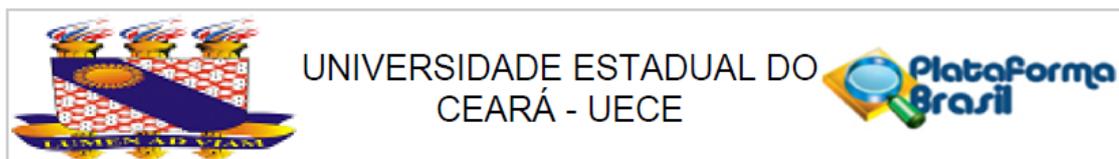
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.476.380

O lugar onde vivo durante a escrita do gênero artigo de opinião por alunos de 2º e 3º anos do ensino médio de uma escola pública de Fortaleza, tomando como contexto pedagógico a realização da V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro” e o objetivo secundário acompanhar a recategorização do referente O lugar onde vivo no processo de reescrita dos artigos de opinião dos sujeitos da pesquisa; verificar como o referente O lugar onde vivo dialoga com os demais referentes presentes na cadeia textual; examinar junto aos alunos seu projeto de dizer, após a escrita do último texto, e entender como eles compreendem a teia referencial que realizaram na construção desse referente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- 1) No que se refere aos riscos, o pesquisador expõe “A nosso ver, não há riscos significativos que possam comprometer a integridade física e ou moral dos participantes. Entretanto, como o processo de pesquisa ocorrerá sobretudo em grupo, é oportuno que nos preocupemos com a tranquilidade e condições satisfatórias da realização dos encontros voltados para a realização desta”. Já no TCLE ele descreve “alguns riscos poderão ocorrer, tais quais a sensação de ansiedade pelos participantes, uma vez que o contexto de pesquisa coincide com a realização de um evento pedagógico nacional, a Olimpíada de Língua Portuguesa, que tem como um de seus objetivos a promoção de um concurso nacional de redação”.
- 2) O pesquisador afirma que “Apesar da possibilidade de esses problemas existirem, garantimos contornar as eventuais situações de ansiedade e ou outras que venham ocorrer durante o processo de pesquisa”. Mas não evidencia o que será feito para contornar essa ansiedade. Sugere-se que fique atento a esse risco e que, caso haja necessidade, seja providenciado o encaminhamento do voluntário para um profissional realmente habilitado a tratar sintomas de ansiedade;
- 3) Os benefícios são evidenciados pelo proponente do trabalho ao mencionar que “a participação gerará mudanças na prática de escrita do aluno”.

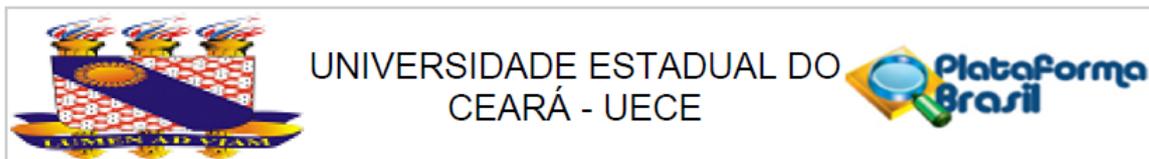
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa já foi submetida à qualificação do mestrado. Acredita-se, deste modo, que o estudo foi considerado tecnicamente adequado para ser realizado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) Quanto ao TCLE:
 - Está em forma de convite-ok;
 - Apresenta o título e o objetivo da pesquisa-ok;

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700	CEP: 60.714-903
Bairro: Itaperi	
UF: CE	Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890	Fax: (85)3101-9906
	E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.476.380

- Explicita adequadamente os riscos e benefícios-ok;
 - Consta o telefone, endereço e e-mail do CEP-ok;
 - Há telefone, e-mail, nome completo e campo para assinatura do pesquisador responsável-ok;
- 2) Quanto à Folha de rosto:
- Contém a assinatura do pesquisador responsável – ok;
 - Contém a assinatura e carimbo do responsável pela instituição a onde se realizará a pesquisa – ok;
- 3) Quanto à Carta de Anuência:
- O número de cartas de anuência corresponde ao número de instituições a onde será realizada a pesquisa-ok;
 - Está descrito o título da pesquisa e o nome do pesquisador principal-ok;
 - Está descrito na carta de anuência exatamente o que será realizado na instituição-ok;
 - Está descrito o período em que os dados serão coletados-ok;
 - Apresenta o carimbo da instituição e assinatura do responsável-ok;
 - Indica que não haverá repercussões negativas aos participantes do estudo ou que dele se recusem a participar-ok.
- 4) Quanto ao Termo de assentimento para participantes com menos de 18 anos;
- Está em forma de convite-ok;
 - Apresenta o título e o objetivo da pesquisa-ok;
 - Explicita adequadamente os riscos e benefícios-ok;
 - Consta o telefone, endereço e e-mail do CEP-ok;
 - Há telefone, e-mail, nome completo e campo para assinatura do pesquisador responsável-ok;
- 5) A pesquisa não envolverá o uso de fontes secundárias e por isso dispensa a necessidade de Termo de fiel depositário;
- 6) Quanto ao cronograma:
- Está adequadamente descrito, indicando quando começará cada fase do estudo-ok;
 - Embora não tenha mencionado a submissão ao CEP no cronograma, o fez em tempo hábil às datas estimadas nas diferentes etapas da pesquisa-ok;
- 7) Quanto ao orçamento:
- Há financiamento próprio-ok;
 - Não descreve o que será feito com os recursos, dificultando que se compreenda se o mesmo está adequado ao método. De qualquer modo, como a pesquisa será realizada na escola onde os alunos estudam, há indícios que será garantido que os mesmo não tenham gastos com o

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

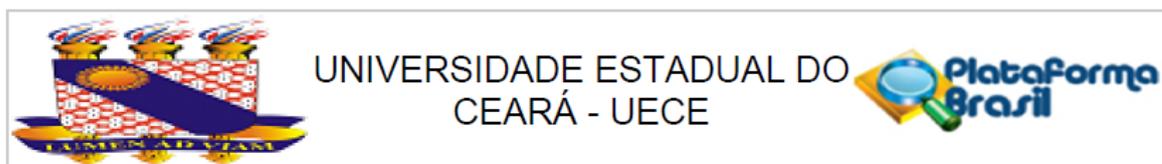
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.476.380

- Explicita adequadamente os riscos e benefícios-ok;
 - Consta o telefone, endereço e e-mail do CEP-ok;
 - Há telefone, e-mail, nome completo e campo para assinatura do pesquisador responsável-ok;
- 2) Quanto à Folha de rosto:
- Contém a assinatura do pesquisador responsável – ok;
 - Contém a assinatura e carimbo do responsável pela instituição a onde se realizará a pesquisa – ok;
- 3) Quanto à Carta de Anuência:
- O número de cartas de anuência corresponde ao número de instituições a onde será realizada a pesquisa-ok;
 - Está descrito o título da pesquisa e o nome do pesquisador principal-ok;
 - Está descrito na carta de anuência exatamente o que será realizado na instituição-ok;
 - Está descrito o período em que os dados serão coletados-ok;
 - Apresenta o carimbo da instituição e assinatura do responsável-ok;
 - Indica que não haverá repercussões negativas aos participantes do estudo ou que dele se recusem a participar-ok.
- 4) Quanto ao Termo de assentimento para participantes com menos de 18 anos;
- Está em forma de convite-ok;
 - Apresenta o título e o objetivo da pesquisa-ok;
 - Explicita adequadamente os riscos e benefícios-ok;
 - Consta o telefone, endereço e e-mail do CEP-ok;
 - Há telefone, e-mail, nome completo e campo para assinatura do pesquisador responsável-ok;
- 5) A pesquisa não envolverá o uso de fontes secundárias e por isso dispensa a necessidade de Termo de fiel depositário;
- 6) Quanto ao cronograma:
- Está adequadamente descrito, indicando quando começará cada fase do estudo-ok;
 - Embora não tenha mencionado a submissão ao CEP no cronograma, o fez em tempo hábil às datas estimadas nas diferentes etapas da pesquisa-ok;
- 7) Quanto ao orçamento:
- Há financiamento próprio-ok;
 - Não descreve o que será feito com os recursos, dificultando que se compreenda se o mesmo está adequado ao método. De qualquer modo, como a pesquisa será realizada na escola onde os alunos estudam, há indícios que será garantido que os mesmos não tenham gastos com o

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

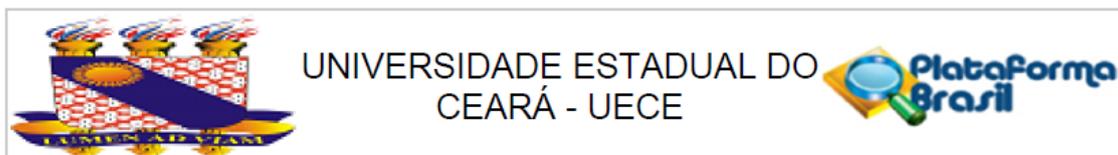
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.476.380

transporte ou de qualquer outra natureza para participar da pesquisa-ok.

Recomendações:

Sugere-se que para estudos futuros o pesquisador descreva com que será usado cada recurso na pesquisa

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- 1- Folha de rosto adequada-ok;
- 2- Riscos aos participantes foram identificados-ok;
- 3- Benefícios informados-ok;
- 4- Cronograma adequado-ok;
- 5- TCLE-ok;
- 6-Apresenta termo de anuência-ok;
- 7- Termo de assentimento-ok;
- 8-Orçamento parcialmente informado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_654085.pdf	14/02/2016 23:44:27		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_menores.pdf	14/02/2016 23:43:04	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Folha_de_aprovacao_qualificacao.pdf	14/02/2016 23:33:13	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_qualificado.pdf	14/02/2016 23:32:48	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_colaboracao.pdf	14/02/2016 23:28:11	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_a_Pais.pdf	12/02/2016 20:13:42	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

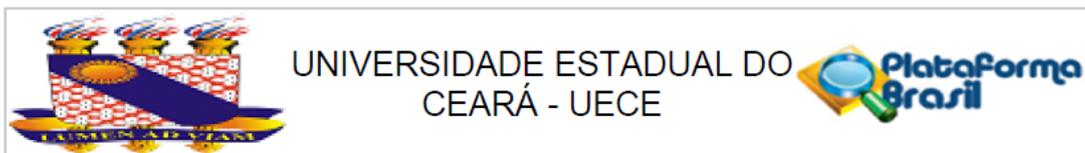
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.476.380

Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Sefor.pdf	12/02/2016 00:11:18	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Escola.pdf	12/02/2016 00:03:18	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	11/02/2016 23:32:49	FILIFE FONTENELE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 31 de Março de 2016

Assinado por:
Rhanna Emanuela Fontenele Lima de Carvalho
 (Coordenador)

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido aos pais

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a Pais

Eu, Filipe Fontenele Oliveira, mestrando em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, matrícula nº 15006003, convido seu(sua) filho(a) a participar voluntariamente da minha pesquisa de mestrado intitulada como: “A recategorização do referente O lugar onde vivo em artigos de opinião destinados à V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro”.

Meu objetivo geral é investigar o processo de recategorização do referente O lugar onde vivo durante a escrita do gênero artigo de opinião por alunos de 2º e 3º anos do ensino médio de uma escola pública de Fortaleza, tomando como contexto pedagógico a realização da V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Nossa atuação não só identificará e descreverá dados, como também gerará mudanças na prática de escrita do aluno.

Tendo em vista o alcance do meu objetivo, necessito colher dados; para isso, facilitarei, em grupo, aproximadamente 10 encontros de 2 horas/relógio. Tais encontros ocorrerão entre os meses de abril e agosto, momento da realização da Olimpíada de Língua Portuguesa nas escolas. Os cinco primeiros terão como propósito realizar, junto aos alunos, pesquisas sobre questões polêmicas presentes na cidade de Fortaleza, discutir com eles sobre a importância da argumentação e da defesa de um ponto de vista, apresentar as características textuais do gênero artigo de opinião e estimular a escrita de um texto desse tipo por cada participante.

Os cinco últimos têm como iniciativa estimular o processo de reescrita do texto produzido pelos participantes a partir da interlocução, interação e participação crítica. Acreditamos que a reescrita pode permitir a reconstrução de sentidos (recategorização) do referente O lugar onde vivo, uma vez que os estudantes realizarão naturalmente mudanças na hora de escrever novamente seus textos. Em todos esses encontros, os alunos terão acesso a computadores com acesso à internet e de textos que abordem a temática que escolheram desenvolver em seus artigos a fim de ajudá-los no processo de escrita.

Nos dez encontros previstos, realizaremos gravações de áudio que poderão ser analisadas posteriormente a fim de reorientar nossa metodologia e

permitir maior clareza no momento em que formos analisar os textos dos alunos participantes. Após os encontros, faremos também entrevistas individuais com a finalidade de compreender os motivos que levaram aos alunos a realizar as mudanças que fizeram no texto durante o processo de reescrita, fator imprescindível para a nossa análise.

Todos os encontros acontecerão na EEFM Senador Fernandes Távora onde o(a) seu (sua) filho(a) estuda. Não haverá prejuízo quanto ao conteúdo das demais disciplinas, pois estes encontros ocorrerão entre 18h e 20h, não coincidindo com o período de aulas.

Se seu (sua) filha não se sentir à vontade de participar do processo de pesquisa, quando esta já tiver começado, ele(a) poderá desistir a qualquer momento sem problema algum.

Advirto, entretanto, que alguns riscos poderão ocorrer, tais quais a sensação de ansiedade pelos participantes, uma vez que o contexto de pesquisa coincide com a realização de um evento pedagógico nacional, a Olimpíada de Língua Portuguesa, que tem como um de seus objetivos a promoção de um concurso nacional de redação. Os textos produzidos pelos participantes podem inclusive ser submetidos à comissão avaliadora escolar, porém não é certo que avancem, pois tal decisão depende dos professores que farão parte dessa banca avaliadora.

Apesar da possibilidade de esses problemas existirem, garantimos contornar as eventuais situações de ansiedade e ou outras que venham ocorrer durante o processo de pesquisa. Afirmamos, por outro lado, que há chances consideráveis para que o(a) seu(sua) filho(a) tenha suas habilidades textuais amadurecidas durante o contrato de pesquisa.

Caso aceite a participação de seu(sua) filho(a), asseguro que os dados fornecidos por ele(a) não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação dele(a). Garanto, ainda, que os dados produzidos pelos participantes serão acessados apenas pelo pesquisador e pelos participantes. As informações colhidas farão parte do meu banco de dados e serão tratadas de forma sigilosa, não havendo divulgação personalizada de nenhuma delas. Os resultados obtidos por meio dos dados poderão ser apresentados e publicados em eventos científicos.

Você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento. Todos os participantes receberão esclarecimentos sobre qualquer dúvida a respeito da pesquisa. Para facilitar esse processo, disponibilizo o número do meu telefone, (85) 98894-2307, e meu email: filipefontenele@hotmail.com. Este termo está elaborado em duas laudas, sendo uma para o sujeito da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Assinatura do pesquisador

Eu, _____
(nome do pai/mãe/responsável), declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do meu filho(a) _____
(colocar o nome do filho(a)) sendo assim:

() ACEITO que ele(a) participe () NÃO ACEITO que ele(a) participe

Fortaleza, _____ de _____ 2016.

Assinatura do responsável pelo participante

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará (UECE) neste endereço: Avenida Paranjana, 1700-Itaperi; CEP 60.740-903; Fortaleza-Ceará. Ou por este telefone (085) 31019890, ou ainda pelo email cep@uece.br.

ANEXO C – Termo de assentimento a menores de 18 anos

Termo de Assentimento a estudantes menores de 18 anos

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A recategorização do referente O lugar onde vivo em artigos de opinião destinados à V edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro”. Caso você autorize, você irá participar dos encontros realizados com os demais participantes. Estes encontros ocorrerão em duas etapas.

Na primeira etapa, a ser realizada aproximadamente em cinco encontros, estudaremos o gênero artigo de opinião, leremos outros textos argumentativos, refletiremos e faremos pesquisas sobre o tema O lugar onde vivo, bem como questões polêmicas relativas a ele. No fim dessa primeira etapa, você será convidado a escrever o primeiro artigo de opinião sobre o tema escolhido por você. A produção desse primeiro texto é importante para começarmos a segunda etapa de encontros para esta pesquisa.

Nessa segunda etapa, você será convidado a reescrever seu texto. Ao todo serão cinco encontros dedicados à reescrita. A reescrita ocorrerá a partir da interação entre os participantes, os quais poderão sugerir mudanças nos textos de um e outro. O pesquisador também fará perguntas a cada participante na tentativa de provocar a reflexão e a reestruturação do que foi escrito.

Nas duas etapas, você terá acesso a computadores com internet e textos de outras fontes para ajudar despertar suas ideias, seus argumentos. Durante a realização da segunda etapa, faremos gravações de áudio a fim de entendermos o desenvolvimento do grupo e as intervenções feitas por cada participante durante o processo de reescrita. Terminada esta etapa de reescrita, realizaremos uma entrevista com você com a finalidade de compreendermos melhor as mudanças textuais feitas por você durante o processo de escrita.

Tudo foi planejado para minimizar os riscos de sua participação, porém, como o projeto de pesquisa está vinculado à realização da Olimpíada de Língua Portuguesa na EEFM Senador Fernandes Távora, não garantimos que seu texto seja selecionado para representar a escola na categoria Opinião, uma vez que esta decisão não compete a nós, mas apenas à comissão escolar a ser formada, em

momento posterior, pelos professores de língua portuguesa e núcleo gestor. Advertimos isso para que você não se sinta desconfortável com eventuais resultados. Mas, se, durante esta pesquisa, você se sentir algo desagradável, poderá interromper a sua participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador sobre o assunto.

Você não receberá remuneração pela participação, entretanto, a participação dos encontros poderá amadurecer suas habilidades de escrita, uma vez que terá oportunidades de pensar sobre seu texto nos aspectos de conteúdo e de estrutura composicional.

Os textos que você escreveu serão estudados por mim e farão parte da minha dissertação, podendo ser utilizados também em eventos científicos posteriores. Garantimos, contudo, total sigilo quanto ao seu nome e à sua identificação.

Você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir do processo de pesquisa. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Estadual do Ceará.

Filipe Fontenele Oliveira,

Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará
Contato: 98894-2307; email: filipefontenele@hotmail.com

Eu, _____ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação, sendo que:

() aceito participar () não aceito participar

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE que funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email cep@uece.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

ANEXO D – Slides sobre lugar, paisagem e espaço geográfico
 (Elaborado pela Profa. Ms. Antonia Martovania Sousa Monte)

Conceitos da Ciência GEOGRAFICA

Espaço Geográfico, Paisagem e Lugar



Espaço Geográfico

- Engloba os elementos e os aspectos existentes nas paisagens e as diferentes ações que as pessoas produzem nas paisagens.
- Essas ações, que envolvem as relações econômicas, sociais e políticas, são as diversas atividades que a sociedade realiza.

- "espaço geográfico é a união dos elementos físicos e culturais da paisagem"

Prof. Roberto Lobato

- "espaço geográfico é a natureza socializada, pois, muitos fenômenos apresentados como se fossem naturais, são, de fato, sociais"

Prof. Milton Santos

O que é paisagem?

"Tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem [...]. Não apenas formada de volumes, mas também de cores, odores, movimentos, sons etc."

Milton Santos

É o espaço passível de percepção visual, constituído materialmente através de processos naturais e sociais, podendo ser classificada de duas formas:

- **Natural:** Resultado de processos da própria natureza ao longo do tempo.



Disponível em: www.vale.com.br

- **Antropizada:** Produzida e constituída através do ação do homem a partir de sua capacidade técnica, econômica e cultural.



Disponível em: figuras.com

Os tipos de paisagem:

Paisagem Natural	Paisagem Humanizada
↓	↓
natural	transformada pela ação humana

A transformação das paisagens

As paisagens naturais podem ser modificadas para dar lugar, por exemplo, às plantações, às cidades, às rodovias ou para a obtenção de recursos naturais, como madeira, minérios, água e outros.

O que é LUGAR?

Espaços que nos são familiares, que fazem parte da nossa vida.

Lugar

- Lugar é onde as pessoas moram e realizam atividades cotidianas. É a primeira referência que cada um tem no mundo.
- Os lugares não estão isolados uns dos outros. Eles se relacionam, uma vez que as pessoas e as empresas de lugares também estabelecem relações.
- São, portanto, as pessoas que dão sentido ao lugar. Por isso é importante conhecer as relações entre elas e os diversos lugares.

Prof. Elian Alabi Lucci

Lugar: Espaço do singular e de realização do global; palco onde ocorrem as relações de consenso e de conflitos, de dominação e resistência, base da (re)produção da vida.



Disponível em <http://www.fotobank.com.br/stockphoto/stockphoto>

Disponível em <http://www.fotobank.com.br/stockphoto/stockphoto>

FORTALEZA, CEARÁ: 2.447.409 hab., 2010



Foto: <http://www.foto.com.br/stockphoto/stockphoto>



Bairro Meireles, Fortaleza

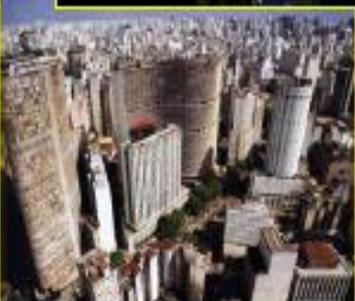


URBANIZAÇÃO: CONCEITOS E ASPECTOS GERAIS

Definição

- Processo de crescimento da população urbana mais rápido que o crescimento da população rural.
- Causa: êxodo rural.





SÃO PAULO

Consequências da Urbanização

- São mais graves nos países pobres.
- Falta de políticas agrícolas.
- Falta de investimentos em infraestrutura urbana.
- Geração de todo tipo de contradição urbana, tais como: degradação ambiental, tráfego congestionado, violência, poluição, lixo, etc.

Desigualdades

- No início do século XIX 8% da pop. mundial residia em cidades.
- Atualmente essa porcentagem subiu para 50%.
- Processo antes restrito aos países industrializados, espalha-se pelo mundo juntamente com as transnacionais.
- América Latina: 80% de urbanização em 2015.
- Taxas baixas não significam pequena população urbana: A China possui 45% da população residindo em cidades (630 milhões de pessoas).




Rede Urbana

- Sistema de relações políticas, econômicas e culturais que as cidades estabelecem em um determinado espaço geográfico.
- Quanto maior o desenvolvimento do capitalismo, mais densa e integrada é a rede urbana.

Taxa de Urbanização

País	%
Argentina	90
Chile	87
Brasil	84
México	76
Sri-Lanka	15
Bangladesh	25
Laos	20
Guiné-Bissau	30

- ### Causas e Consequências
- ❑ **Causas:** processo de industrialização e êxodo rural.
 - ❑ **Consequências:** crescimento urbano rápido e desordenado; caos infra-estrutural; esgoto; água; etc.
 - ❑ **Segregação espacial:** favelas e bairros nobres e condomínios fechados;
 - ❑ **Poluição, marginalização, criminalidade, trânsito, enchentes, etc.**

- ### SUBDIVISÃO
- 1) Grande Metrópole Nacional: SP;
 - 2) Metrópole Nacional: RJ e Brasília;
 - 3) Metrópole: Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, BH, Ctha, Goiânia e PoA (1,6 milhão até 5,1 milhões);
 - 4) Capital Regional: são 70 centros. São os municípios mais importantes de uma microrregião. Ex.: Florianópolis.
 - 5) Centro Sub-Regional: 169 centros com atividades de gestão menos complexas.

- ### REGIÃO METROPOLITANA
- ❑ São áreas administrativas formadas pelos maiores municípios do país e os municípios a eles conurbados.
 - ❑ **Objetivo:** formação de pólos de desenvolvimento com a polarização de indústrias e serviços em determinadas regiões.
 - ❑ Para o IBGE, existem doze regiões metropolitanas plenas e dez emergentes.



A CIDADE

-  Cidade nordestina com a maior área de influência regional.
-  Importante centro industrial e comercial do Brasil, com o 7º maior poder de compra do país.
-  Oitavo maior centro empregador no Brasil, com 1,6 milhão de trabalhadores.
-  Sede da Copa do Mundo FIFA de 2014.
-  119 bairros distribuídos em 7 Regiões administrativas.

A CIDADE



- Localizada no litoral Atlântico, com 34 km de praias.
- Capital brasileira mais próxima da Europa, estando a 5.606 km de Lisboa (Portugal).
- Três Cabos de Fibra Ótica - melhor concentração na América Latina.

Distância das principais cidades do país:

- Brasília - 2.200 km;
- Rio de Janeiro - 2.800 km;
- São Paulo - 3.100 km.



ECONOMIA

Fortaleza é integrante do Mercado Comum de Cidades (Mercocidades) desde 1996.

Fortaleza possui a 2ª maior área de influência do Brasil em número de municípios, abrangendo 786 cidades, atrás apenas de São Paulo.

Possui um comércio muito atuante e diversificado.

Dispõe de 19 shopping centers.

Para cada real movimentado pela economia cearense, R\$ 0,47 centavos estão em Fortaleza.

Entre as 300 maiores economias do mundo e a 9ª maior do Brasil.



ANEXO E – Textos utilizados na fase preparatória de escrita

Natal: Noiva do Sol, Amante da Prostituição

Aluna: Taiana Cardoso Novais

É evidente o motivo pelo qual a cidade de Natal é conhecida como Noiva do Sol. Tudo se deve às belas praias aqui existentes, ao céu quase sempre ensolarado, ao clima quente e convidativo. O inimaginável, no entanto, é o que se esconde à noite nessas mesmas praias: o turismo sexual, que dá à cidade a alcunha de Amante da Prostituição.

Nas praias, às sombras dos coqueiros, há mulheres e até garotas – pasmem! – à espera de que os turistas, principalmente os estrangeiros, venham procurá-las. Uma realidade vergonhosa não somente para os habitantes daqui, como eu, mas para todos os brasileiros. Sendo assim, é coerente questionar: “Por que a indústria do turismo sexual tem um crescimento exponencial que desafia toda sorte de organizações, bem como o poder público?”.

O “prostiturismo” é, muitas vezes, estimulado pela nata natalense: donos de hotéis, de agências de turismo, de empresas de táxi, todos lucram com a prática, chegando até a anunciá-la mundo afora. Por mais inacreditável que pareça, os cartões-postais da cidade, agora, vão além do Morro do Careca e, à proporção que a publicidade aumenta, crescem também as sórdidas estatísticas. Segundo uma pesquisa do Unicef, a exploração sexual está presente em 930 centros urbanos brasileiros, dos quais 436 são cidades nordestinas, sendo Natal a líder, paraíso do sexo fácil.

É muito comum ouvirmos comentários de que a culpa da prostituição é das próprias mulheres submetidas a essa vida. No entanto, dificilmente é citada a maior causa, provavelmente, de muitas se iniciarem nessa profissão: a sobrevivência. Uma pesquisa realizada pelo setor de ciências humanas da UFRN constatou que as mais movimentadas zonas de prazer, entre as 29 já conhecidas pela polícia civil no município, são a Rua do Salsa e a Avenida Roberto Freire, ambas situadas em um dos bairros mais nobres da cidade, onde boa parte dos turistas/clientes se hospeda.

André Petry, renomado jornalista, em artigo para a revista Veja, defende a regulamentação da prestação de serviços sexuais como profissão efetiva, dizendo ser essa a única maneira de retirar as prostitutas da míngua. Em minha opinião, essa não é a solução mais viável, pois não basta dar condições de trabalho a quem usa a prostituição como meio de sobrevivência. O que deveria ser defendido era a abolição desse tipo de serviço, posto que é visto pela maioria como algo degradante e que fere a dignidade de quem o pratica.

Vale ressaltar também que tal prática se associa concomitantemente à violência e ao uso de drogas, o que é confirmado pelos dados da pesquisa da Associação dos e das Profissionais do Sexo e Congêneres do Rio Grande do Norte (Aspron). Segundo ela, mais da metade das prostitutas utilizam algum tipo de psicoativo, entre os quais estão o álcool, o crack e a cocaína. Além disso, essa mesma parcela já sofreu ou infligiu algum tipo de violência. Um dado arbitrário à ética.

Infelizmente, diante dessas circunstâncias está o descaso de parte da sociedade natalense e do poder público para com a problemática. Penso que esse desinteresse se dá devido à relação direta que a cidade de Natal tem com a indústria do turismo sexual. E, em razão de o turismo ser a principal atividade econômica da capital, o raciocínio é simples: garotas de programa atraem visitantes, que, por sua vez, injetam dinheiro na economia.

A prostituição é um problema de ordem social e coletiva e, nesse contexto, é preciso a formação de uma aliança entre os cidadãos potiguares e as instituições públicas responsáveis no intuito de que sejam elaboradas medidas que evitem a entrada de novas mulheres e jovens nesse mercado ilícito, tais como a fundação de mais escolas técnicas, no ímpeto de profissionalizá-las.

Outra medida a ser tomada seria a fiscalização do prostiturismo pela polícia, além da intensificação do cumprimento das leis que combatem a questão. Sendo assim, unidos – Estado e sociedade –, possivelmente poderemos evitar a consolidação do título de Amante da Prostituição e invalidar o dito do grande mestre Câmara Cascudo de que o potiguar só está de acordo se for para ouvir ou narrar anedotas.

Professor: Ladmires Luiz Gomes de Carvalho

Escola: E. E. E. Professor José F. Machado – Natal (RN)

III Edição da OLPEF (2012)

Revolução verde?

Aluno: Carloci d'Avila Menezes

A partir da década de 1970 intensifica-se a chamada “revolução verde”, programa idealizado para multiplicar a produção agrícola nos países menos desenvolvidos. O modelo incentiva o uso de sementes geneticamente modificadas, insumos, mecanização, produção em massa, irrigação, barateamento dos custos e gerenciamento de produção.

Santa Margarida do Sul, pequena cidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, mas com uma área rural significativa, não foge a esse modelo. Hoje, ao cultivar grãos como a soja, cevada, canola, trigo e milho, além de uva, cítricos e hortaliças, ostenta uma economia diversificada.

Para manter e ampliar a produção dessas culturas, os produtores se sentem dependentes dos fertilizantes, para “enriquecer” o solo, e dos agrotóxicos, para combater as pragas que atacam as suas lavouras. Com o passar do tempo, os efeitos dos agrotóxicos surgem, como a contaminação humana e do meio ambiente. As pragas tornam-se resistentes e, por isso, eles deixam de ser efetivos, levando à adição de mais aplicações ou o uso de novas moléculas ainda mais potentes. Quanto a isso, há posições antagônicas, que geram discussões.

Os defensores dos agrotóxicos argumentam que não há como garantir a produção e a sua qualidade sem os agrotóxicos e que inexistem a produção de agentes naturais que possa atender, só no Brasil, milhões de hectares de terra. O senhor Rogério Estrazulas, um dos proprietários da Fazenda Santa Eulália, reforça dizendo que são feitas várias pulverizações anuais nas suas lavouras e, se todos os produtores deixassem de fazê-las, a produção entraria em colapso, pois as pragas destruiriam as plantações e, como efeito, haveria a escassez de alimento.

Já os que são contra o uso dos agrotóxicos afirmam que os riscos à saúde são evidentes, como aborto, distúrbios cognitivos, de comportamento, endócrinos, conforme afirma a pesquisadora da Fiocruz, Lia Geraldo. Isso se manifesta de forma crônica pelos alimentos, ou aguda, naqueles que estão expostos ao produto, como ocorreu com o senhor Isaltino Teixeira, 71 anos, que disse, em entrevista, que, quando há pulverização, sofre náuseas, dor de cabeça e alergia. Ademais,

argumentam que contaminam o solo, o ar e os cursos d'água, ameaçando a biodiversidade. O engenheiro agrônomo, Paulo Fassina, da Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, alerta-nos que o aquífero fissural do escudo cristalino, que abastece o município, ainda não registra contaminação, mas isso poderá ocorrer, pois o uso dos agrotóxicos é abusivo e não há monitoramento adequado.

Embora reconheça que ainda inexista a produção de agentes tecnologicamente corretos que venham atender a todas as lavouras quanto ao combate às pragas, discordo do uso dos agrotóxicos. Sou partidário da cultura orgânica, porque não provoca malefício ao meio ambiente e ao ser humano. É mais saudável, nutritiva e saborosa que a convencional. Ainda que seu custo seja alto, vale a pena investir mais em qualidade do que na aquisição de um alimento mais barato, mas que ofereça riscos. Também apoio as técnicas que não lesem a natureza, como o chá produzido a partir de plantas bioativas que repelem pragas e atraem predadores naturais, e o falcão, um predador natural de ratos e caturritas que atacam o milho. Essa prática já é vivenciada por duzentos agricultores familiares da Região Sul do Estado. O seu sucesso fez com que a Embrapa, em Pelotas, encampasse a ideia, fazendo experimento com cinco plantas: camomila, chinchilho, arruda, funcho e pata-de-vaca.

Assim, penso que não se resolverá a questão dos agrotóxicos em curto prazo, mas creio que somente com forte investimento em pesquisa, tanto de iniciativa governamental quanto privada, é que se vislumbrará o caminho de uma agricultura sustentável. Temos que tirar lições do ontem e do hoje para alcançarmos um amanhã sem agressões ao planeta. A revolução verde não pode dar margem a interrogações. Há necessidade urgente de promover a mudança de cultura, assim como de priorizar a atenção à responsabilidade social. Os princípios da agroecologia precisam ser resgatados, pois, caso contrário, materializar-se-á o pensamento do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss: “O mundo começou sem o homem e acabará sem ele”.

Professor: Luiz Carlos Leivas Saldanha

Escola: E. E. E. M. Marechal Hermes – Santa Margarida do Sul (RS)

III edição da OLPEF (2012)

Corrupção cultural ou organizada?

Renato Janine Ribeiro

Ficamos muito atentos, nos últimos anos, a um tipo de corrupção que é muito frequente em nossa sociedade: o pequeno ato, que muitos praticam, de pedir um favor, corromper um guarda ou, mesmo, violar a lei e o bem comum para obter uma vantagem pessoal. Foi e é importante prestar atenção a essa responsabilidade que temos, quase todos, pela corrupção política -por sinal, praticada por gente eleita por nós.

Esclareço que, por corrupção, não entendo sua definição legal, mas ética. Corrupção é o que existe de mais antirrepublicano, isto é, mais contrário ao bem comum e à coisa pública. Por isso, pertence à mesma família que trafegar pelo acostamento, furar a fila, passar na frente dos outros. Às vezes é proibida por lei, outras, não.

Mas, aqui, o que conta é seu lado ético, não legal. Deputados brasileiros e britânicos fizeram despesas legais, mas não éticas. É desse universo que trato. O problema é que a corrupção "cultural", pequena, disseminada -que mencionei acima- não é a única que existe. Aliás, sua existência nos poderes públicos tem sido devassada por inúmeras iniciativas da sociedade, do Ministério Público, da Controladoria Geral da União (órgão do Executivo) e do Tribunal de Contas da União (que serve ao Legislativo).

Chamei-a de "corrupção cultural" pois expressa uma cultura forte em nosso país, que é a busca do privilégio pessoal somada a uma relação com o outro permeada pelo favor. É, sim, antirrepublicana. Dissolve ou impede a criação de laços importantes. Mas não faz sistema, não faz estrutura.

Porque há outra corrupção que, essa, sim, organiza-se sob a forma de complô para pilhar os cofres públicos -e mal deixa rastros. A corrupção "cultural" é visível para qualquer um. Suas pegadas são evidentes. Bastou colocar as contas do governo na internet para saltarem aos olhos vários gastos indevidos, os quais a mídia apontou no ano passado.

Mas nem a tapioca de R\$ 8 de um ministro nem o apartamento de um reitor -gastos não republicanos- montam um complô. Não fazem parte de um sistema que vise a desviar vultosas somas dos cofres públicos. Quem desvia essas grandes somas não aparece, a não ser depois de investigações demoradas, que requerem talentos bem aprimorados -da polícia, de auditores de crimes financeiros ou mesmo de jornalistas muito especializados.

O problema é que, ao darmos tanta atenção ao que é fácil de enxergar (a corrupção "cultural"), acabamos esquecendo a enorme dimensão da corrupção estrutural, estruturada ou, como eu a chamaria, organizada.

Ora, podemos ter certeza de uma coisa: um grande corrupto não usa cartão corporativo nem gasta dinheiro da Câmara com a faxineira. Para que vai se expor com migalhas? Ele ataca somas enormes. E só pode ser pego com dificuldade.

Se lembrarmos que Al Capone acabou na cadeia por ter fraudado o Imposto de Renda, crime bem menor do que as chacinas que promoveu, é de imaginar que um megacorrupto tome cuidado com suas contas, com os detalhes que possam levá-lo à cadeia -e trate de esconder bem os caminhos que levam a seus negócios.

Penso que devemos combater os dois tipos de corrupção. A corrupção enquanto cultura nos desmoraliza como povo. Ela nos torna "blasé". Faz-nos perder o empenho em cultivar valores éticos. Porque a república é o regime por excelência da ética na política: aquele que educa as pessoas para que prefiram o bem geral à vantagem individual. Daí a importância dos exemplos, altamente pedagógicos.

Valorizar o laço social exige o fim da corrupção cultural, e isso só se consegue pela educação. Temos de fazer que as novas gerações sintam pela corrupção a mesma ojeriza que uma formação ética nos faz sentir pelo crime em geral.

Mas falar só na corrupção cultural acaba nos indignando com o pequeno criminoso e poupando o macrocorrupto. Mesmo uma sociedade como a norte-americana, em que corromper o fiscal da prefeitura é bem mais raro, teve há pouco um governo cujo vice-presidente favoreceu, antieticamente, uma empresa de suas relações na ocupação do Iraque.

A corrupção secreta e organizada não é privilégio de país pobre, "atrasado". Porém, se pensarmos que corrupção mata -porque desvia dinheiro de hospitais, de escolas, da segurança-, então a mais homicida é a corrupção estruturada. Precisamos evitar

que a necessária indignação com as microcorrupções "culturais" nos leve a ignorar a grande corrupção. É mais difícil de descobrir. Mas é ela que mata mais gente.

Disponível na coletânea de textos, material de apoio da OLPEF

Quem me dera ser um peixe!

Aluno: Italo Rodrigues Gomes da Silva

Fortaleza, cidade de grandes belezas naturais, recebe anualmente milhares de turistas nacionais e internacionais, atraídos, principalmente, por suas belas praias e pelo seu rico artesanato. Mas, em breve, a capital do Ceará será conhecida como a cidade que abriga o maior aquário da América Latina. Alegando aumentar o fluxo turístico e promover o conhecimento científico, o governo do Estado deu início à construção do Acquário Ceará, obra orçada na “pequena” quantia de 250 milhões de reais.

Mas a pertinência da referida obra vem sendo questionada pela população, que, através de manifestações públicas, abaixo-assinados e redes sociais, vem exigindo da administração municipal a não concessão do alvará de construção da obra.

Críticos alegam que essa intervenção arquitetônica não dialoga com a paisagem da praia de Iracema, sendo uma afronta ao que já existe no lugar. Além disso, a centenária comunidade de Poço da Draga sofrerá, de forma irreversível, os impactos da especulação imobiliária, correndo o risco de ser removida do local.

Mas nem todos são contra a execução desse projeto. Muitos defendem que o Acquário Ceará será motivo de orgulho para os cearenses e que uma obra desse porte acabará trazendo muitos recursos para o Estado, além de beneficiar a população com a geração de novos empregos.

Particularmente, acho que deveria ter havido um referendo e um estudo mais sério e aprofundado antes de iniciarem as obras. Acredito que desse estudo resultaria a percepção, por parte das autoridades e especialistas envolvidos nesse processo, de que antes do Acquário é preciso pensar a infraestrutura da cidade. Quem mora aqui pode comprovar o estado de nossas ruas e avenidas. Também são visíveis os problemas de saúde e segurança. Pergunto-me se é mais fácil conseguir recursos e

parcerias para o que é sofisticado do que para o que é básico, já que os problemas invariavelmente esbarram em questões orçamentárias.

Além disso, a cidade tem que ser essencialmente boa para os que nela habitam, para que só depois possa se pensar numa cidade “pra turista ver”. Queremos nos orgulhar de ter o maior aquário da América Latina, mas, antes, queremos nos orgulhar de sermos cearenses, respeitados e assistidos em todos os nossos direitos.

Finalmente, essa retórica do cartão-postal não diz muito para quem vivencia a cidade. E, como disse Caio Fernando de Abreu, “olhar para fora é fácil... o difícil é manter um olho dentro e o outro fora”. Quem me dera ser um peixe! Só sendo um peixe

Professora: Maria Helena Mesquita Martins

Escola: E. E. F. M. Renato Braga – Fortaleza (CE)

III Edição da OLPEF

(Re)criar ou abandonar?

Aluna: Ana Amália Rodrigues Luna

O grafiteiro Anderson Ferreira Lemes, mais conhecido como Alemão, grafitou a fachada da Estação Ferroviária de Assis. Algumas pessoas reclamaram e outras elogiaram a arte. A questão gerou muita polêmica e foi parar no Ministério Público, além de se tornar notícia na TV TEM (emissora regional, afiliada à Rede Globo).

O artista acredita que seu trabalho poderá chamar a atenção das pessoas para algo que foi abandonado e perdido no tempo. O que é extremamente importante, pois ninguém olhava para o prédio com os olhos de pessoas encantadas e interessadas pela história da estação, há tanto tempo abandonada, com os mesmos olhos que a veem agora, com o grafite.

Considerado um prédio significativo para Assis, por ter feito parte do crescimento e desenvolvimento da cidade, quando a vida cultural e econômica girava em torno da estação e da estrada de ferro, o espaço está se deteriorando cada vez mais.

Segundo Elisabeth Gelli, representante do conselho curador da Fundação Assisense de Cultura (FAC), “o Alemão tem gabarito para fazer uma obra como essa, é reconhecido mundialmente”. Suas obras já foram expostas no Museu do Louvre, em Paris, além de participar de exposições na Alemanha e na Itália. Com isso, podemos perceber que não se trata de qualquer pichação, mas sim de uma obra de arte, feita com grafite.

Há ainda aqueles que se recusam a aceitar o grafite na estação. Além de não terem gostado das cores usadas, para eles a pintura descaracterizou o prédio. Para o arquiteto César Abreu, “o material aplicado foi passado por cima de uma superfície já deteriorada, tudo terá que ser novamente restaurado”. Isso, no entanto, tem solução: a arte foi feita exclusivamente para dar foco à estação. Quando a estrada de ferro foi privatizada, grande parte do patrimônio da antiga Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa) ficou abandonada, passando a servir como beco, onde usuários de drogas se escondem.

Agora a arte colocou a estação em foco. Se o poder público tomar a iniciativa de fazer a reforma e restaurar o lugar, como deve ser feito, é só apagar o grafite e efetuar a restauração. Assim como o Alemão cita na entrevista à TV TEM, foi necessário o grafite no prédio para que as pessoas o percebessem, mesmo que isso tenha ocorrido por meio das críticas feitas à arte.

Portanto, tenho certeza de que o grafite na abandonada estação ferroviária, tão importante para o desenvolvimento da cidade de Assis, além de transformá-la em ponto de referência regional do Vale do Paranapanema, vai chamar a atenção para sua importância histórica. A estação, que trouxe imigrantes italianos, libaneses e alemães para Assis e ajudou a elevar a localidade à condição de município, tornou-se uma grande obra de arte a céu aberto. Além de ter sido uma brilhante ideia para chamar a atenção das autoridades públicas, ganhamos um atrativo turístico para a cidade, assim como o Beco do Batman em São Paulo e tantos outros lugares grafitados pelo mundo

Professora: Telma Aparecida Luciano Alves

Escola: E. E. Professora Leny Barros da Silva – Assis (SP)

IV Edição da OLPEF

ANEXO F – Escrita de P1

Texto 1

O Brasil tem uns dos piores sistemas de saúde

Até mesmo Fortaleza conhecida como a cidade maravilhosa nem escapa cada dia mais o sistema esta piorando com o passar dos anos vai chegar um tempo que vai ter hospital mais não vai ter médicos trabalhando e enquanto isso a população ser prejudica o único sistema que eles possuem que é o SUS indo de mal a pior uma pesquisa realiza mostra que o Brasil gastar milhões na área de saúde, mais eles podem gasta ate mesmo bilhões na saúde mais isso não vai adiantar ta faltando uma gestão boa de qualidade que possa controla as verbas que entra e saem nos hospitais que possa resolver os problemas como falta de medicamentos, de médicos, vacinas, enfermeiros capacitados, novos leitos para poder suportar as pessoas uma boa infraestrutura nos hospitais tem hospitais que tem tetos com rachadura, banheiros danificados ambulâncias quebradas.

Eu como cidadão ainda sonho com uma melhoria na saúde, será que algum dia a população vai pode dizer que Fortaleza tem uma das melhores saúde de Fortaleza mais no momento só vamos poder sonha com uma realidade que esta muito longe de ser realizada.

Texto 2

Crise na saúde vai além da falta de verbas

O Brasil tem um dos piores sistemas de saúde. Cada dia mais o sistema está piorando com o passar dos anos.

Até mesmo Fortaleza está tendo esse problemas na área de saúde pública.

As condições de trabalho dos hospitais como Frotinha do Antonio Bezerra, Gonzaguinha de Messejana estão ocorrendo denuncia de equipamentos quebrados, estruturas físicas comprometidas, reformas inacabadas e material hospitalar e falta de leitos. Isso não acontece só em Fortaleza, mais no Ceará

também as regiões Norte (Sobral) e do Cariri (Juazeiro do Norte) estão encontrando insuficiências de leitos para atender a enorme demanda, até mesmo os particulares estão com poucas vagas para oferecer à população.

Uma pesquisa realizada fala que o Brasil gastou milhões de dinheiro para poder resolver o problema mais o que falta não é o dinheiro mais sim uma gestão de qualidade que possa controlar o dinheiro que entra e sai do hospital.

Fortaleza pode até ter uma saúde ruim mais se ela não tivesse a população ia sofrer bastante mais quem sabe se algum dia isso não possa melhorar acho que daqui 90 anos só meus descendentes vão poder ter uma saúde boa e de qualidade.

Texto 3

Crise na saúde vai além da falta de verbas

No Brasil, o SUS, Sistema Único de Saúde é usado de forma exclusiva por 70% da população, ou seja, cerca de 134 milhões de pessoas. Mas está aí para o que der e vier para os 190 milhões de brasileiros.

Fortaleza gasta milhões na área da saúde. Na verdade o dinheiro era pra ser usado pra melhorar o SUS e a gestão do Hospital.

Sabemos que a gestão não é umas das melhores de Fortaleza ainda é muito fraca, E preciso encontrar gente especificada para poder tomar a frente da gestão.

As condições de trabalho estão insalubres, no Aires de Moura, conhecido como Frotinha do Antonio Bezerra foram encontradas várias irregularidades como superlotação: ausência de divisórias entre leitos.

No Gonzaguinha de Messejana, Esta em péssimas condições a emergência obstétrica vazia por falta de material esterilizado.

No Ceará também encontramos várias dificuldades nas regiões Norte, Sobral e do Cariri (Juazeiro do Norte) estão encontrando insuficiências de leitos para atender a enorme demanda até mesmo os hospitais particulares estão tendo poucas vagas para oferecer.

O Sistema Único de Saúde conhecido como SUS foi criado para atender as

peças mais na realidade não tá acontecendo muito isso o SUS esta tendo várias complicações na área da saúde de vez ajuda tá piorando a situação.

Ser a população tive fé e esperança possa ser que o SUS possa melhora o seu Sistema de Saúde mas, para que isso ocorra de verdade o dinheiro precisa ir para o hospital e não para o bolso deles.

Texto 4

A Saúde de Fortaleza

Nos últimos anos foi criado um Sistema Único de Saúde o tal famoso SUS, no Brasil só 70% da população é beneficiada por isso e o resto sofre por falta do SUS.

Fortaleza conhecida como terra do Sol está na sua pior crise na área de saúde, como superlotação nos hospitais e o tal famoso SUS não está localizado em todos os bairros da cidade.

As condições de trabalho dos médicos esta em péssima situação precária, e eles não tem remédios suficientes para atender os pacientes que precisa da medicação como diabéticos, pressão alta etc no hospital Frocinha do Antonio Bezerra está com serio problema como falta de divsorias em leito.

Precisamos resolver a questão dos hospitais para muitas pessoas isso nem existir na cabeça deles precisa te pessoas capacitadas cuida na gestão.

Para resolve esse problema o governo tem que fazer mais postos em bairros carentes contrata médicos concursados para trabalhar e enquanto não tem postos nesses bairros coloca o serviço comunitário que possa passa em casa e casa fazendo consultas e tem que ampliar o SUS para atende toda a população e o dinheiro que vai pras festas caríssima ir para reforma dos hospitais.

Texto 5

A saúde em Fortaleza

Nos últimos anos, foi criado um Sistema Único de Saúde, conhecido como sus. No Brasil só 70% da população é beneficiada por ele e o resto sofre por falta dele.

Fortaleza está na sua pior crise na área de saúde, como superlotação nos hospitais, e o sus não está localizado em todos os bairros da cidade. Certos bairros nobres de Fortaleza têm saúde privada, enquanto outros eles não têm esses privilégios em ter saúde privada. No momento, a única solução é sair de casa para se consultar em outra cidade.

As condições de trabalho dos médicos estão em situação precária, E eles não tem suporte de medicamentos suficientes para atender as pessoas diabéticas e hipertensas etc. O hospital Frotinha do Antônio Bezerra está com sério problema com falta de divisórias em leito, equipamentos danificados.

Para resolve esse problema o governo precisa ampliar o sus para que ele possa chega nos bairros carentes da cidade. Enquanto isso não acontecer precisam contratar funcionários concursados para trabalhar no serviço comunitário. O governo precisa despertar já por que de vez gastar em reformas em estádios caríssimos só pra ter uma abertura de um jogo era pra ser direcionado em construções de novos postos e hospitais de saúde.

ANEXO G – Escrita de P2

Texto 1

Abandono de animais em Fortaleza

É fácil ver animais abandonados em universidades, praças, parques, ruas e centros da cidade de Fortaleza. E isso acontece pela falta de responsabilidade e compromisso com o animal, a maioria dos animais são abandonados quando ficam doentes, velhos, agressivo ou quando tem filhotes e seus criadores jogam na rua. A falta de conscientização das pessoas também faz com que gerem mais abandonos, levam o animal para casa sem saber que tem que ter muita responsabilidade. O animal não é um objeto é sim uma vida que merece cuidados.

Além do abandono existe outras formas de maus-tratos que o animal sofre nas ruas de Fortaleza. Sofrendo vários tipos de violências, como violência sexual, física, pedradas, chutes, água quente, atropelamentos, envenenamento. etc... muitos desses animais vulneráveis não sobrevivem por muito tempo, e acabam morrendo.

O ato de abandonar além de ser cruel é crime que está na lei nº 9.605/98 (Lei de crimes Ambientais) prevendo multas e até prisão.

Além do risco que os animais correm na rua também afeta a sociedade de Fortaleza, trazendo riscos a saúde e a vida da população. As zoonoses (doenças transmitidas do animal para o homem).

Texto 2

(Sem título)

A quantidade de animais abandonados, principalmente cachorros e gatos, tem aumentado em Fortaleza, cerca de 30 mil animais estão abandonados.

É fácil ver eles abandonados em universidades, praças, parques, centro e ruas da cidade de Fortaleza. E isso se deve ao aumento da reprodução descontrolada dos animais nas ruas. Uma cadela pode ter de 4 a 12 filhotes com 2 partos por ano, e

uma gata em média a 7 filhotes e com 3 partos em um ano... E tudo isso acontece pela falta de responsabilidade e compromisso com o animal, a maioria dos animais são abandonados quando ficam doentes, velhos agressivos ou quando tem filhotes e seus criadores jogam eles na rua... É essa falta de conscientização das pessoas também faz com que gerem mais abandonos em Fortaleza, as pessoas levam o animal para casa sem saber que tem que ter muita responsabilidade.

Além do abandono existe outras formas de maus-tratos que o animal sofre nas ruas da cidade, sofrendo varios tipos de violências, como violência física, zoofilia, pedradas, chutes, água quente, atropelamentos, envenenamentos, etc...

Muitos desses animais vulneraveis não sobrevivem por muito tempo e acabam morrendo... e não é só cachorros e gatos que são abandonados, os cavalos, burros, bodes, bois e cabras também são abandonados pelos seus criadores ocasionando vários acidentes nas ruas e avenidas.

O risco que os animais correm na rua também afeta a sociedade de Fortaleza, trazendo riscos a saúde e a vida da população. As zoonoses (doenças, transmitidas do animal para o homem) como a doença do calazar, raiva, verminoses, doenças de pele, etc..., algumas dessas doenças podem ser fatais para o humano ocasionando a morte. Além das doenças os animais abandonados podem causar graves acidentes nas ruas e avenidas de Fortaleza causando até mesmo a morte do animal ou da pessoa que atropelou o animal.

Por conta disso varias são mortes todos os dias, tendo uma vida triste e cruel por causa do abandono. Sem terem pra onde ir tendo fins trágicos alguns são recolhidos e vão para os CCZ (centros de controle de zoonoses) onde ficam lá por um período. Os que estão doentes são mortos no método da eutanásia, muitas vezes por funcionarios sem nenhum preparo para realizar esse trabalho fazendo com que o animal tenha uma morte lenta e dolorosa. E alguns animais tem a sorte de irem para abrigos e são cuidados por protetores de animais, mas nesses abrigos que existem em Fortaleza são mantidos por ajuda de outras pessoas. Sem nenhum tipo de apoio governamental passando sempre por muitas dificuldades financeiras. além de serem sempre superlotados sem condições de resgatar outros animais.

Texto 3

O abandono de animais em Fortaleza

A quantidade de animais abandonados, principalmente cachorros e gatos, tem aumentado em Fortaleza, cerca de 30 mil animais estão abandonados.

É fácil vê-los abandonados em univercidades, praças, ruas e no centro da cidade de Fortaleza. E tudo isso acontece pela falta de responsabilidade e compromisso com o animal, a maioria dos animais são abandonados quando ficam doentes, velhos, agressivos ou quando tem filhotes e seus donos jogam eles nas rua.

Além do abandono existe outras formas de maus-tratos que o animal sofre nas ruas da cidade, sofrendo vários tipos de violências, como pedradas, pauladas, chutes, atropelamentos, entre envenenamentos, água quente e zoofilia (abuso sexual contra os animais).

Muitos desses animais não sobrevivem por muito tempo e acabam morrendo... E não é só cachorros e gatos que são abandonados, os cavalos, burros, bodes, bois e cabras também são abandonados pelos seus criadores ocasionando vários acidentes nas ruas e avenidas.

Os riscos que os animais correm na cidade também afeta a sociedade de Fortaleza, trazendo riscos a saúde ou a vida da população. As zoonoses (doenças, transmitidas do animal para o homem) como a doença do calazar, raiva, verminoses, sarnas, etc... Algumas dessas doenças podem ser fatais para o humano ocasionando a morte. Além dessas doenças, os animais abandonados podem causar graves acidentes nas ruas e avenidas de Fortaleza causando até mesmo a morte do animal ou da pessoa que atropelou o animal.

Um animal abandonado na rua pode ser um problema grave na sociedade pois isso ocorre despesas com atendimento medico, por conta de uma doença ou mordida que o animal tenha causado a pessoa. ocorrendo, faltas no trabalho, na escola, tendo gastos com o dinheiro pública.

A negligência e imprudência do governo de Fortaleza faz com que os maus-tratos com os animais na capital so aumente. É responsabilidade do poder público, proteger os animais na forma de lei, do artigo 225 da constituição federal de 1988,

em seu parágrafo 1º, coisa que o centro de zoonoses de Fortaleza não faz, mantendo os animais alojados em canis lotados. Os que estão doentes são sacrificados no método da eutanásia, muitas vezes por funcionários sem nenhum preparo para realizar esse trabalho, fazendo com que o animal tenha uma morte lenta e dolorosa.

A captura, a guarda e o extermínio de animais geram despesas aos cofres públicos, e nunca resolve o problema da super população, o extermínio de animais não é a solução, além de ser cruel, antiético e desnecessário, trazendo muito mais despesas ao dinheiro público.

O que poderia mudar é amenizar o descaso que esses animais sofrem, era fazendo a realização e mais divulgações das feiras de adoção nos abrigos e no centro de zoonoses, aumentando o valor das multas de crimes ambientais, assim as pessoas pensariam duas vezes antes de abandonar seus animais... ajudas governamentais em abrigos que passam por constantes dificuldades financeiras. castração para animais de rua. E agindo na reeducação da população sobre os cuidados que devem ter com os animais e assim prevenindo o aumento do numero de abandonos e de problemas que os animais podem causar para a sociedade.

Texto 4

O abandono de animais em Fortaleza

A quantidade de animais abandonados, principalmente cachorros e gatos, tem aumentado em Fortaleza, cerca de 30 mil animais estão abandonados.

É fácil vê-los abandonados em universidades, praças, ruas e no centro da cidade de Fortaleza, e tudo isso acontece pela falta de responsabilidade e compromisso das pessoas. A maioria dos animais são abandonados quando ficam doentes, velhos, agressivos ou quando tem filhotes e seus donos os jogam nas rua.

Além do abandono existem outras formas de maus-tratos que o animal sofre nas ruas da nossa capital, como queimaduras por água quente, pedradas, pauladas, chutes, atropelamentos, envenenamentos e zoofilia (abuso sexual contra os

animais). Essas são os tipos de agressão e tortura que os bichos sofrem.

Muitos deles não sobrevivem por muito tempo e acabam morrendo... E não é só cachorros e gatos que são abandonados, os cavalos, burros, bodes, bois e cabras também são abandonados pelos seus criadores ocasionando vários acidentes nas ruas e avenidas.

Os perigos que os animais correm na cidade também afeta a sociedade de Fortaleza, trazendo riscos à saúde ou a vida da população, como as zoonoses (doenças, transmitidas do animal para o homem), que podem ser fatais, como o calazar e a raiva. Além dessas doenças podem ser fatais para o humano ocasionando a morte. Além dessas doenças, os animais abandonados podem causar graves acidentes nas ruas e avenidas de Fortaleza causando até mesmo a morte do animal ou da pessoa que o atropela.

O animal abandonado na rua pode ser um problema grave na sociedade pois isso gera despesas com atendimento médico, por conta de uma doença ou mordida, ocorrendo, faltas no trabalho, na escola, tendo gastos com o dinheiro pública.

A negligência e imprudência do governo de Fortaleza faz com que os maus-tratos com os animais na capital só aumente. É responsabilidade do poder público, proteger os animais na forma de lei, do artigo 225 da constituição federal de 1988, em seu parágrafo 1º, coisa que o centro de zoonoses de Fortaleza não faz, mantendo os animais alojados em canis lotados. Os que estão doentes são sacrificados no método da eutanásia, muitas vezes por funcionários sem nenhum preparo para realizar esse trabalho, fazendo com que o animal tenha uma morte lenta e dolorosa.

A captura, a guarda e o extermínio de animais geram despesas aos cofres públicos, e nunca resolvem o problema da super população, e o extermínio de animais não é a solução, além de ser antiético, desnecessário, cruel e desumano trazendo muito mais despesas ao governo.

O que poderia mudar e amenizar os problemas que esses animais sofrem, era realizando mais divulgações das feiras de adoção nos abrigos e no centro de zoonoses. Aumentando o valor das multas de crimes ambientais. O governo poderia ajudar os abrigos que passam por constantes dificuldades financeiras, facilitando a castração para animais de rua. E agindo na reeducação da população

sobre os cuidados que devem ter com os animais e assim prevenindo o aumento do número de abandonos e de problemas que os animais podem causar para a sociedade.

ANEXO H – Escrita de P3

Texto 1

Turismo em Fortaleza

Fortaleza é uma das cidades aonde o sol nasce o dia todo, e tem também às belas praias desse lugar bastante visitados por turistas. Fortaleza destacou em 2004 pelo um dos destinos mais procurados por turistas brasileiros e estrangeiros, e isso é um fator de extrema importância. A cidade abarca pontos turísticos como o porto da horla, a avenida beira-mar entre outros lugares da cidade.

Durante algum tempo a cidade vem se destacado pela a prostituição dos jovens na cidade, menores se prostituindo para os estrangeiros, e isso é deprimente, pois muitos dos turistas vem só para o prazer sexual. Vale ressaltar que muitos deles acabar caindo no velho trunco do “boa noite cinderela”.

O turismo sexual vem aumentando gradativamente, dados do jornal o povo mostrar que, em 2013, o número de adolescentes que entraram no ramo da prostituição, meninas de 14 anos se alto vendendo o seu corpo.

Pensando nisso o Governo em parcerias com as empresas deveria gerar mais emprego para esse grupo de mulheres tira-las das ruas, promover cursos que de fato, tirem elas da rua e que o governo deveria promover mais segurança e policiamento nos pontos turísticos.

Texto 2

Turismo sexual em Fortaleza

Fortaleza é um dos lugares mais belos, pela sua enorme quantidade de praias e seu rico artesanato. A cidade a cada ano é visitada por turistas estrangeiros e por brasileiros de outros estados. No entanto o lugar vem ganhando destaque pelo excesso de prostituição de garotas.

De fato, a cidade de belas praias vem sendo abordada nas mídias nacionais pela prostituição de jovens na cidade, menores de 17 anos e outras mulheres mais

velhas, que vendem seus corpos para os turistas que aqui chegam a cidade. Algum tempo atrás foi feita uma reportagem com uma delas, que afirmou que ela só estava se prostituindo por necessidade, e falta de emprego.

Com resultado disso, o turismo aumentou cada vez mais, pois muitas mulheres e jovens se submetem a um ato desse. Vale ressaltar que o próprio país facilitar o fluxo do turismo sexual, e como um esquema armado por taxistas e donos de hotéis, que facilitam o sexo frágil para os turistas.

Em verdade, a cidade do “Paraíso da prostituição”, o fluxo ocorre normalmente, pois quando os estrangeiros chegam na cidade, eles tem o sexo fácil de encontrar e o sexo seguro, pois contribuir para o aumento desse problema.

Portanto, medidas são necessárias para resolver o impasse. Primeiramente o ministério da educação, deve promover palestras nas escolas, faculdades, empresas para abordar sobre o assunto, e dizer que as pessoas precisam se alertar e também denúncia porque e assunto polêmico a ser abordado na sociedade. A receita federal deve investir uma maior parcela dos impostos arrecadados em cursos gratuitos, para as mulheres, e de fato, tirá-las das ruas. E que o governo deve colocar mais policiamento nos pontos turísticos.

Texto 3

Turismo sexual em Fortaleza

Fortaleza é um dos lugares mais belos, pela sua enorme quantidade de praias e seu rico artesanato. A cidade a cada ano é visitada por turistas estrangeiros e por brasileiros de outros estados. No entanto o lugar vem ganhando destaque pelo excesso de prostituição de garotas.

De fato, a cidade de belas praias vem sendo abordada nas mídias nacionais pela prostituição de jovens, menores de 17 anos e outras mulheres mais velhas, que vendem seus corpos para os turistas que aqui chegam a cidade. Algum tempo atrás foi feita uma reportagem do canal Danillo Ramalho, que fez uma reportagem com uma delas, que afirmou que ela só estava se prostituindo por necessidade, pois a mulher detalhou a falta de emprego.

Vale ressaltar que o próprio país facilitar o fluxo do turismo sexual, e como um esquema armado por taxistas e donos de hotéis, que facilitam o sexo fácil. Em verdade, capital do “Paraíso da prostituição”, o fluxo ocorre normalmente, pois quando os estrangeiros chegam em Fortaleza, eles tem o sexo fácil de encontrar e o sexo seguro.

Portanto, medidas são necessárias para resolver o impasse. Primeiramente a receita federal deve investir uma maior parcela dos impostos arrecadados em cursos gratuitos, para as mulheres, e de fato, tirá-las das ruas. De acordo com o contemporâneo filósofo Immanuel Kant, o ser humano é aquilo que a educação faz dele. Assim sendo, o ministério da educação, deve promover palestras nas escolas, faculdades, empresas para abordar mais sobre o assunto. Que essas palestras sejam administradas por psicólogos, que de fato alertar também a denúncia e que o fator imprescindível para futuras mulheres não entrem nesse ramo. A Delegacia do turistas deve realizar mais policiamento nos pontos turísticos.

Texto 4

Turismo sexual em Fortaleza

Fortaleza é um dos lugares mais belos, pela sua enorme quantidade de praias e seu rico artesanato. A cidade a cada ano é visitada por turistas estrangeiros e por brasileiros de outros estados. No entanto o lugar vem ganhando destaque pelo excesso de prostituição de garotas.

De fato, a cidade de belas praias vem sendo abordada nas mídias nacionais pela prostituição de jovens, menores de 17 anos e outras mulheres mais velhas, que vendem seus corpos para os turistas que aqui chegam a cidade. Algum tempo atrás, no canal do youtube Danilo Ramalho, que fez uma reportagem com uma delas, que afirmou que ela só estava se prostituindo por necessidade, pois a mulher detalhou a falta de emprego. A reportagem também foi lá na Associação de Prostitutas, que trabalha para proteger as mulheres de serem agredidas e levadas a outros países para não ser escravizadas. Uma dela deu depoimento que

essa associação serve para elas se sentirem protegidas e apoiadas.

Vale ressaltar que o próprio país parece facilitar o fluxo do turismo sexual, não há fiscalização diária não há policiamento suficiente nos pontos turísticos, é como um esquema armado por taxistas e donos de hotéis, que facilitam o sexo fácil. Em verdade, esse esquema já é montado na capital do “Paraíso da prostituição”, o fluxo ocorre normalmente, pois quando os estrangeiros chegam em Fortaleza, já encontram mulheres nos pontos turísticos e boates e também em restaurantes. É imprescindível essa cidade de se alertar para o caso.

Portanto, medidas são necessárias para resolver o impasse. Primeiramente o Governo Federal deve investir uma maior parcela dos impostos arrecadados em cursos gratuitos, para as mulheres, e também deve fazer parcerias com empresas público-privadas para gerar empregos temporários para tirá-las das ruas, e para não submeter a entrar nesse ramo. De acordo com o filósofo Immanuel Kant, o ser humano é aquilo que a educação faz dele. Assim sendo, o ministério da educação, deve promover palestras nas escolas, faculdades, empresas para abordar mais sobre o assunto. Que essas palestras sejam administradas por psicólogos, que de fato alerte também a denúncia, e que o fator imprescindível para futuras mulheres não entrarem nesse ramo. A Delegacia do turista deve realizar mas policiamento nos pontos turísticos e também deve comanda mais policiais para vigilância diária.

ANEXO I – Escrita de P4

Texto 1

(Sem título)

O Brasil no dia 30 de outubro de 2007 foi escolhido para ser sede da copa de 2014 por ventura disso as cidades que iriam ser sedes dos jogos tiveram que passar por transformações em seus estádios, na mobilidade urbana entre outros.

A cidade de fortaleza com suas praias e vários destinos turísticos foi uma dessas sedes, por ventura disso ela teve que passar por transformações sendo ela a reforma de seu estádio que custou cerca de R\$ 518, 6 milhões e que foi o primeiro a ser entregue para a copa, porem na obra do VLT (veículo leve sobre trilhos) que melhoraria a mobilidade urbana na cidade está se transformando em esqueletos de concretos e símbolo do desperdício de dinheiro público não só aqui em fortaleza mais em várias em outras cidades.

O VLT custou cerca de R\$ 103 milhões até agora na construção das linhas e na compra de vagões que hoje estão parados e escondidos numa área isolada junto com matérias em manutenção e as estações onde eles passariam estão se transformando em deposito de lixo e de material de construção. As obras que ajudaria a melhorar a mobilidade e que até agora está sendo uns dos símbolos de desperdício de dinheiro público afetou também as pessoas onde as linhas passariam, onde tiveram que sair de suas moradias, mas quem não aceitou as condições que o governo propôs hoje vive em meio ao lixo causando doenças e vivendo em péssimas condições como diz uma moradora do local. Alessander Salles procurador da república diz que não ouve planejamento e que as obras não deveria nem ter entrado na matriz de responsabilidade, como as obras ainda não estão prontas virou alvo de uma auditoria da CGU (controladoria geral da união) como em várias outras cidades onde o secretário executivo da CGU também diz que não ouve planejamento e por ventura disso causando o abandono das obras. As obras do VLT de fortaleza estavam paradas desde abril de 2014 mas já voltaram e irá custar mais de R\$ 170 milhões aos cofres públicos e prejudicara mais de 500 mil moradores distribuídos nos 22 bairros de fortaleza onde linhas

irão passar.

A melhoria na mobilidade urbana é importante para uma cidade como Fortaleza, com aproximadamente 3 milhões de habitantes que necessita dessas melhorias, porém só nessa área já foram gastos mais de R\$ 200 milhões, mas houveram muitos desvios dessa verba, desvios que poderiam ser investidos na educação, saúde e segurança que hoje vivencia um declínio em seus investimentos tomado por consequência da hipocrisia dos que praticam o hábito de ter o que não lhe pertence.

Texto 2

(Sem título)

O Brasil no dia 30 de outubro de 2007 foi escolhido para ser sede da Copa 2014, em virtude disso as cidades sedes dos jogos tiveram que passar por diversas transformações, porém como nem tudo é um mar de rosas, as obras que viriam trazer melhorias para a população estão causando transtornos e se transformando em símbolo do desperdício de dinheiro público.

A cidade de Fortaleza com suas belas praias e destinos turísticos foi uma dessas sedes, em virtude disso teve que passar por transformações em Estádio, Aeroporto, na mobilidade urbana entre outros. O VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) foi uma dessas “melhorias”, porém a obra que viria para melhorar a mobilidade urbana está se transformando em esqueletos de concreto por vários cantos da cidade, de acordo com a reportagem do Fantástico do dia 03 de março de 2016. Esse descaso com a cidade tem prejudicado moradores que precisam desse meio de transporte como Ana Maria Arruda que é diarista e trabalha numa área nobre da cidade e mora no bairro da Parangaba e leva 2 horas para voltar para casa, com a obra pronta levaria meia hora. Também prejudica as pessoas que vivem no local como a Dona de casa Ana Karina Cunha que diz que é horrível viver nesse local e seus filhos doentes, como informa a reportagem.

O VLT custou cerca de R\$ 103 milhões na construção das linhas e na compra de vagões que hoje estão parados e escondidos numa área isolada junto com

materiais em manutenção e as estações onde eles passariam estão se transformando em depósitos de lixo. Como as obras ainda não estão prontas virou alvo da antiga Auditoria da CGU (Controladoria Geral da União) como em várias outras cidades onde o secretário executivo da CGU diz que não houve planejamento.

A melhoria na mobilidade urbana é necessário para uma cidade como Fortaleza, com aproximadamente 3 milhões de habitantes que na maioria necessita dessa melhoria, porém só nessa área já foram gastos mais de R\$ 200 milhões, mas houveram muitos desvios dessa verba, desvios que poderiam ser investidos em outras áreas como na educação saúde e segurança que hoje vivenciam um declínio em seus investimentos tomada como consequência da hipocrisia dos que praticam o hábito de ter o que não lhe pertence. Deveria haver mais punições para pessoas que fazem “mau” uso do dinheiro público, a população deixar a hipocrisia de lado e lutar pelos seus direitos, a justiça punir os maus feitores que são verdadeiros lobos escondidos em pele de cordeiro prontos para mentir, enganar a população que sem conhecimento acaba caindo nos enganos, e a população conhecer mais, buscar saber que eles realmente colocam para representá-los, para depois não perder de “goleada” em virtude de não conhecer quem os representa.

Texto 3

Esqueletos de concreto

O Brasil, no dia 30 de outubro de 2007, foi escolhido para ser sede da Copa 2014, em virtude disso as cidades sedes dos jogos tiveram que passar por diversas transformações. Porém já se passaram 2 anos do grande legado da Copa, então as obras que viriam trazer melhorias para a população estão causando transtornos e se transformando símbolo do desperdício de dinheiro público.

A cidade de Fortaleza, a terceira região metropolitana mais rica das regiões Norte e Nordeste e importante centro comercial do Brasil, o oitavo maior poder de compra municipal da nação, alcançou as marcas de segundo destino mais desejado do Brasil e quarta cidade brasileira que mais recebe turistas. Ela foi uma das 12 sedes da copa de 2014 com isso teve que passar por transformações para

melhor receber esse evento como o estádio Arena Castelão, aeroporto internacional Pinto Martins e obras na mobilidade urbana.

O VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) foi uma dessas “melhorias”, porém a obra que viria para melhorar a mobilidade urbana estar se transformando em esqueletos de concretos por vários cantos da cidade, de acordo com a reportagem do Fantástico exibida na Rede de Televisão Globo no dia 03 de março de 2016.

Esse descaso com a cidade tem prejudicado moradores que precisam desse meio de transporte como a diarista Ana Maria Arruda, que trabalha em uma área nobre da cidade e leva 2 horas para voltar para casa, que fica no bairro da Paraganba (onde as obras estavam paradas). Com a obra pronta levaria meia hora.

A obra do VLT também teve que retirar do local, onde as linhas iriam passar, os moradores que ali moravam, levando-os para longe da sua comunidade onde viveu quase toda uma vida. Porém algumas pessoas que não aceitaram as condições que o governo propôs hoje vivem em meio ao lixo das construções, vendo seus filhos dia após dia ficarem doentes devido ao abandono do governo, como diz a cidadã e dona de casa Ana Karina Cunha. Além dessa moradora muitas pessoas que também não aceitaram as propostas dadas pelo governo e até hoje luta para ter seus direitos, de ter onde morar e de ficar onde eles construíram suas vidas, como a comunidade Lauro Vieira Chaves que juntos impediram que as linhas do VLT passasse entre a sua comunidade e 203 moradores a serem retirados só 66 foram removidos.

O VLT custou cerca de R\$ 103 milhões na construção das linhas e na compra de vagões que hoje estão parados e escondidos numa área isolada junto com materiais de construção e as estações onde passariam estão se transformando em depósitos de lixo. Como as obras ainda não estavam prontas virou alvo da antiga Auditoria da CGU (Controladoria Geral da União) que hoje encontra-se “parada” com ordens do governo, como em várias outras cidades onde o secretário executivo da CGU diz que não houve planejamento e assim causando o abandono das obras.

A melhoria na mobilidade urbana e em outros setores é necessária para uma cidade como Fortaleza, com aproximadamente 3 milhões de habitantes que em sua maioria necessita dessas obras. Porém só nessa área já foram gastos mais de

R\$ 200 milhões. Contudo parte desse dinheiro poderia ser investida em outras áreas, como educação, saúde, segurança que hoje vivenciam um declínio em seus investimentos dadas as consequências da hipocrisia dos que praticam o hábito de ter o que não lhes pertence e pelo mau uso que eles fazem com dinheiro que era para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos que os colocaram ali para representa-los. Está na hora do gigante acordar ainda mais; da justiça julgar de forma mais severa aqueles que enganam, mentem e até mesmo tiram os cidadãos de seus locais de moradias atrás de passar um corretivo na cidade para deixa-la bonitinha; das pessoas saber quem elas colocam para representa-las e conhecer seus direitos diante e de quem quiser tira-los. Devemos deixar o comodismo, de lado em outras palavras a Hipocrisia para depois mais na frente não perdermos de “Goleada” em virtude de não conhecermos nossos direitos e as pessoas que colocamos para nos representar.

ANEXO J – Escrita de P5

Texto 1

(Sem título)

A cidade de Fortaleza, é conhecida pelas suas belas praias e seu clima tropical predominantemente quase o ano todo. No entanto, a cidade como todo tem seus problemas, tais quais a violência e o lixo, que vem de longo anos.

Na década 80, Fortaleza começou a crescer, principalmente sua economia. Entre o 7 prefeito que a capital passo, nenhum se preocupou com o problema do lixo, e nem com a economia, nem ela é ideal, mas o mais ideal seria coloca sempre em primeiro plano os problemas da cidade.

Acari é uma cidade no RN. Ela pode se pequena mas é muito eficiente. Foi considerada a cidade mais limpa do Brasil em 2015. Deixando para trás as grandes cidade como São Paulo e Fortaleza.

O lixo na capital atualmente esta muito grande. Segundo um dado da prefeitura de Fortaleza afirma que cada habitante de Fortaleza produz em média 2,5 quilos por dia, maior que a cidade de São Paulo.

Podemos afirma que o lixo é um problema que causa mais problemas? Posso dizer que sim, porque se não houvesse lixo a céu aberto ou em terrenos abandonados não haveria o mosquito da Dengue causando pânico nas cidades.

Segundo o Jornal Diário do Nordeste. O prefeito de Fortaleza Roberto Claudio afirma que o problema do lixo em Fortaleza não é culpa da coleta e sim a produção. Eu posso afirma por mim que o prefeito esta certo. A produção desenfreada da pessoas contribui para o aumento significativo do lixo. Mas a prefeitura precisa também fazer sua parte. Posso dizer por mim que nois produzimos todos os dias, e não dias auternados.

Eu posso fala do problema retratado acima, que umas das maneira seria, cada um fazer a sua parte para que a cidade de Fortaleza possa citorna um local mas limpo. Assim nos dias futuros Fortaleza podera ser prestigiada como uma da cidades mais bem higienizadas do Brasil. Mas para isso prefeitura e comunidade

precisam trabalhar lado a lado para que não possa afetar as vidas futuras.

Texto 2

(Sem título)

A cidade de Fortaleza é conhecida pelas suas belas praias e seu clima tropical o ano todo. No entanto, a cidade tem seus problemas tais como a violência e o lixo, que vem de longos anos.

A partir da década de 80, Fortaleza começou a crescer assim se tornando atrativo para as pessoas e multinacionais que estavam cada vez mais interessadas na capital. No entanto, com novas empresas na cidade desencadeou o aumento de lixo na cidade.

Entretanto as multinacionais não foi o único fator. A produção desenfreada e a falta de consciência nas pessoas contribuíram ainda mais para o aumento do lixo. Porque nós não sabemos se controlar a produção, apenas sentimos a necessidade de produzir o desnecessário, papéis, plástico e lata são o que mais produzimos e se não colocamos no cesto de lixo, pode provocar mais problemas.

O descarte de materiais recicláveis na cidade em tempo de chuva, provoca grandes alagamentos e transtornos pela capital inteira. Será se nós colocássemos o lixo no seu devido lugar existiria alagamento em época de chuva.

O problema relatado, muitas vezes é culpa do indivíduo, a falta de consciência em não saber que o lixo que nós jogamos no chão pode afetar nossa vida mais a frente. Portanto o município deveria criar leis para as pessoas que jogarem lixo no chão deveriam pagar multas, só assim teremos uma cidade mais limpa.

Texto 3

Lixoleza ou Fortaleza?

Terra da luz é assim conhecida Fortaleza pelo país afora. Belas praias e um clima ensolarado fazem parte de sua hospitalidade. Mas só quem vive há muito tempo

na cidade sabe de seus verdadeiro problema. Tais como o lixo.

É evidente que o lixo na capital cearense está localizado principalmente nos bairros pobres, pois não há uma atenção redobrada da prefeitura em se preocupar com o lixo. Tal como ocorre no Conjunto Palmeiras, bairro completamente periférico, onde não há uma estrutura adequada. Onde o lixo localiza-se evidentemente na maior parte da comunidade. Crianças e adultos estão familiarizado com o lixo em suas portas, um péssimo cheiro adentrando suas casas e causando doenças respiratórias nos dias futuros.

Por outro lado, O bairro aldeota é completamente diferente do Conjunto Palmeiras. Uma vez quer a comunidade é conhecida como uns dos bairro nobre de Fortaleza, e o município tem atenção reforçada em deixar o bairro bem higienizado. Pois o que importa para o prefeito são os turistas e não os fortalezenses.

Então, os moradores dos bairros críticos de Fortaleza, tomam a iniciativa de queimar o lixo. Pois eles não estão conseguindo lidar com o mal cheiro. Uma vez queimado o lixo ele poderá trazer grandes risco a saúde dos cidadãos, além de causar poluição do ar e desgaste do solo. Se esse lixo não fosse queimado ele poderia ser muito bem reciclado. E não haveria poluição.

É responsabilidade dos fortalezenses em colocar o lixo no seu devido lugar e não queima-lo. No entanto muitos deles não tem essa consciência. Então queimam e jogam em locais impróprios, como por exemplo, calçadas e ruas, principalmente em terrenos baldios.

O lixo com certeza, é um problema que precisa de muita atenção, não só apenas em um bairro mas sim na cidade como todo. O município poderia criar leis que teria como objetivo multar as pessoas que jogassem o lixo no chão. Assim elas poderiam criar consciência e incentivar as outras pessoas a não jogarem o lixo em locais impróprios e sim no seu devido lugar. Para finalizar, o dinheiro adquirido nas multas poderiam ser investido na reciclagem.

ANEXO K – Escrita de P6

Texto 1

Uma saúde superlotada

Diante da “crescente demanda populacional”, postos de saúde, maternidades e hospitais de Fortaleza sofrem com a superlotação de pacientes. O caos chega a ser tão grande que gestores de algumas unidades públicas do estado estão entregando seus cargos.

O principal motivo que contribui para que isso ocorra está associado a grande demanda de municípios vizinhos. A falta de estrutura nesses locais, acaba fazendo com que essas pessoas se desloquem até Fortaleza para se consultarem.

No caso das maternidades, o grande número de grávidas faz com que sejam realizadas muitas cesárea, devido a demora para serem atendidas. O médico ginecologista Jáder Rosas Carvalho, presidente da Cooperativa dos Ginecologistas e Obstetras do Ceará (Coopego – CE), afirma que o “risco de infecções é muito alto” e o atendimento fica fragilizado por causa da demanda.

Nos postos de saúde e UPAs, a falta de medicamentos ocorre devido ao enorme número de pacientes, há também uma longa espera por consulta, e quando recebem atendimentos, ela ocorre nos corredores. Em alguns hospitais cirurgias tem que ser canceladas, no setor de cardiologia pediátrica do hospital de Messejana, ela deixam de acontecer pela falta de um instrumento básico: o cateter. Pondo em risco a saúde de várias crianças que já estão debilitadas.

Outra questão importante é que essas lotações podem piorar ou criar outros problemas e afetar outras unidades de saúde, por exemplo: se os postos e hospitais da região metropolitana não possuem vagas, eles iram enviar seus pacientes para a capital e contando com os pacientes que já possuem, esses hospitais de Fortaleza iram ficar superlotados, muitas pessoas vão continuar sem atendimento até desenvolver outros problemas como cardíacos, abertura de feridas, acidentes cerebrais, entre outros. E se isso ocorrer esses pacientes iram ocupar leitos em outros locais, assim o que era pra ser solução, se torna uma

grande “reação em cadeia” de problemas.

A situação é desesperadora e há um “estresse físico e profissional” disse a presidente do Sindicato dos Médicos do Estado do Ceará (Simec). Propostas de solução devem ser feitas imediatamente, um maior investimento na saúde, principalmente em outras cidades pois não conseguem dar conta da demanda e enviar seus pacientes não irá otimizar essa situação e as dificuldades permanecerão.

Texto 2

(Sem título)

Diante da “crescente demanda populacional”, postos de saúde, maternidades e hospitais de Fortaleza sofrem com a superlotação de pacientes. O caos chega a ser tão grande que gestores de algumas unidades públicas do estado estão entregando seus cargos.

O principal motivo que contribui para que isso ocorra está associado a grande demanda de municípios vizinhos. A falta de estrutura nesses locais, acaba fazendo com que essas pessoas se desloquem até Fortaleza para se consultarem.

No caso das maternidades, o grande número de grávidas faz com que sejam realizadas muitas cesárea, devido a demora para serem atendidas. O médico ginecologista Jáder Rosas Carvalho, presidente da Cooperativa dos Ginecologistas e Obstetras do Ceará (Coopego – CE), afirma que o “risco de infecções é muito alto” e o atendimento fica fragilizado por causa da demanda.

Nos postos de saúde e UPAs, a falta de medicamentos ocorre devido ao enorme número de pacientes, há também uma longa espera por consulta, e quando recebem atendimentos, ela ocorre nos corredores. Já no Hospital Geral de Fortaleza (HGF) e no Hospital de Messejana (do coração), gestores entregaram seus cargos devido a falta de autonomia causada pela “perca da autoridade de tomada de decisões administrativas”, o que acaba refletindo no tratamento dos pacientes que sofrem com os mesmos problemas como falta de remédios e insumos para o atendimento.

Nesse mesmo hospital de Messejana cirurgias tem que ser canceladas, no setor de cardiologia elas deixam de acontecer pela falta de um instrumento básico: o cateter. Pondo em risco a saúde de várias crianças que já estão debilitadas, além de sofrerem com a grande demanda, há uma falta de medicações tidas como básicas o que piora a situação, tem até médico comprando medicamentos para não deixarem as crianças mais debilitadas do que já estão.

Outra questão importante é que essas lotações podem piorar ou criar mais problemas e acabar afetando outras unidades de saúde, pois com a precarização do atendimento básico nos postos essas pessoas podem acabar desenvolvendo outros problemas, fazendo com que esses pacientes necessitem de internações hospitalares criando uma reação em cadeia de problemas.

A situação é desesperadora, a área da saúde é muito delicada e uma das que mais sofrem. Propostas de soluções devem ser feitas imediatamente, pois é desumano ver alguém a beira da morte devido a falta de atendimentos, sem respeito algum com o cidadão, sendo tratado com lixo.

Por isso a rede primária deve ser melhorada, amenizando assim a situação dos hospitais e um investimento principalmente na região metropolitana, dar mais segurança para as pessoas se consultarem nos postos e hospitais da sua cidade. A qualidade de vida do cidadão também precisa ser melhora, pois não adianta ser atendo se não for possível ter uma alimentação e um saneamento básico dignos. O que nos leva a perceber que a crise na saúde vai além da falta de médicos e remédios vulnerabilizando assim o cidadão.

Texto 3

(Sem título)

Diante da “crescente demanda populacional”, postos de saúde, maternidades e hospitais da cidade de Fortaleza sofrem com a superlotação de pacientes. O caos é tão grande que os médicos cearenses para medir a quantidade de pacientes internados nos corredores dos hospitais criaram o famoso corredômetro.

Um dos motivos que contribui para que isso ocorra está associado a grande

demanda dos municípios vizinhos. A falta da estrutura nesses locais acaba forçando essas pessoas a se deslocarem até a capital para se consultarem, mas se nem os próprios fortalezenses conseguem usufruir desse direito com qualidade imagina quem vem de fora.

Em algumas maternidades, o grande número de grávidas faz com que sejam realizadas muitas cesáreas, devido a demora para serem atendidas. E além disso, em outro caso houve uma demora porque a porta da ambulância ficou emperrada e a gestante que estava lá dentro esperou por quase 40 minutos, evidenciando assim que há uma precarização até no transporte usado.

O médico ginecologista Jáder Rosas Carvalho, presidente da Cooperativa dos Ginecologistas e Obstetras do Ceará (COOPEGO – CE), afirma que “o risco de infecções é muito alto” e o atendimento fica fragilizado por causa da demanda.

Sem contar com a grande reação em cadeia de problemas causada, pois com a precarização do atendimento básico, muitos pacientes irão necessitar de internações hospitalares e lá ainda sofrerão com as péssimas condições de conforto e higiene, pois falta até lençóis e travesseiros, alguns se misturam aos demais pacientes podendo agravar seu estado de saúde.

A situação é desesperadora, a área da saúde é muito delicada e uma das que mais sofrem. Propostas de soluções devem ser feitas imediatamente, pois é desumano ver alguém a beira da morte devido a falta de atendimento, sem respeito algum com o cidadão. Pessoas que diariamente saem de seus bairros e até cidades para realizarem uma verdadeira peregrinação, mas que ainda estão longe de encontrar a “terra prometida” ou o atendimento prometido no caso.

Por isso creio que uma das soluções seria melhorar o atendimento básico amenizando assim a situação dos hospitais. Criar mais leitos e postos e não só criar mas também dar o devido valor aos médicos e outros profissionais pois não adianta gastar na criação de um hospital se ele não tiver médicos. Investir principalmente na região metropolitana e dar mais segurança para essas pessoas se consultarem na sua própria cidade.

Texto 4

A busca do atendimento prometido

Diante da “crescente demanda populacional”, postos de saúde, maternidades e hospitais de Fortaleza sofrem com a superlotação de pacientes. O caos chega a ser tão grande que os médicos cearenses para medir a quantidade de pacientes internados nos corredores dos hospitais, criaram o famoso “corredômetro”.

Um dos fatores que contribuem para que isso ocorra, está associado a numerosa demanda dos municípios vizinhos. A falta de estrutura, leitos e atendimento nesses locais, acaba forçando várias pessoas a se deslocarem até a capital para poderem ser atendidas, porém se nem os próprios fortalezenses conseguem usufruir desse direito com qualidade, quem dirá os que vem de fora.

Em algumas maternidades, o excessivo número de gestantes, faz com que sejam realizadas muitas cesáreas, devido a demora para serem atendidas. E além disso, em um determinado caso houve uma demora, porque a porta da ambulância ficou emperrada e a gestante que se encontrava lá dentro, esperou por cerca de 40 minutos, evidenciando assim que há uma precarização até no transporte usado.

O médico ginecologista Jáder Rosas Carvalho, presidente da Cooperativa dos ginecologistas e obstetras do Ceará (COOPEGO – CE), afirma que o “risco de infecções é muito alto” e o atendimento fica fragilizado por causa da demanda.

É imprescindível ressaltar também a caótica “reação em cadeia” de problemas causada, pois com o déficit que há no atendimento primário, muitos pacientes necessitam de internações hospitalares, e lá ainda sofrem com as péssimas condições de conforto e higiene, porque falta até lençóis e travesseiros, alguns se misturam aos demais pacientes podendo assim agravar seu estado de saúde.

Construir mais hospitais poderia resolver muita coisa, certo? Bem, deveria, porém o governo não se mostra tão interessado assim. Segundo especialistas, construir um novo com 160 leitos, sendo 12 de UTI, com diversos equipamentos, custaria 30 milhões de reais, mas é como se alguém lucrasse com as doenças da população e a sua cura seria um estorvo para os seus planos.

Por tudo isso, medidas devem ser tomadas imediatamente, melhorar o

atendimento básico para amenizar a situação dos hospitais. Criar mais leitos e postos e contratar mais profissionais de saúde e dar-lhes condições dignas de trabalho e aumentar as ações de saúde preventiva.

Uma verdadeira peregrinação é realizada por pessoas que diariamente saem de seus bairros e até cidades, mas ainda estão longe de encontrar a “terra prometida” ou o atendimento prometido no caso, pois enquanto a saúde não for vista como um serviço, mas sim um direito nós nunca conseguiremos progredir.

Texto 5

A busca do atendimento prometido

Diante da “crescente demanda populacional”, postos de saúde, maternidades e hospitais da cidade de Fortaleza sofrem com a superlotação de pacientes. O caos chega a ser tão grande que os médicos cearenses para medir a quantidade de pacientes internados nos corredores dos hospitais, criaram o famoso “corredômetro”. E com essa situação muitos são os problemas enfrentados pela população.

Um dos fatores que contribuem para que isso ocorra, está associado a numerosa demanda dos municípios vizinhos. A falta de estrutura, leitos e atendimento nesses locais, acaba forçando várias pessoas a se deslocarem até a capital para poderem ser atendidas, porém se nem os próprios fortalezenses conseguem usufruir desse direito com qualidade, quem dirá os que vem de fora.

Em algumas maternidades como a Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC), o excessivo número de gestantes, faz com que sejam realizadas muitas cesáreas. Segundo o médico ginecologista Jáder Rosas Carvalho, presidente da Cooperativa dos ginecologistas e obstetras do Ceará (COOPEGO-CE), o atendimento fica fragilizado por causa da demanda e o “risco de infecções é muito alto”.

E além disso, em um determinado caso, houve uma demora, porque a porta da ambulância ficou emperrada, e a gestante Regiane Granceiro que veio no veículo da cidade de Baturité até a capital, esperou dentro dele por cerca de 40 minutos,

evidenciando assim que há uma precarização até no transporte usado.

É imprescindível ressaltar também a caótica “reação em cadeia” de problemas causada, pois com o déficit que há no atendimento primário, muitos pacientes necessitam de internações hospitalares, e lá ainda sofrem com as péssimas condições de conforto e higiene, porque falta até lençóis e travesseiros, alguns se misturam aos demais pacientes podendo assim agravar seu estado de saúde.

Segundo especialistas, construir um novo hospital com 160 leitos, sendo 12 de UTI, com diversos equipamentos, custaria cerca de 30 milhões de reais. No entanto não basta só construir e depois deixa-lo em estado de abandono, que é o caso visto no Hospital Regional do Sertão Central (HRSC) em Quixeramobim, que foi inaugurado a mais de um ano, mas que ainda não atendeu um único paciente se quer, pois carece de certos recursos.

É evidente também a verdadeira peregrinação realizada por pessoas que diariamente saem de seus bairros e até cidades, mas que ainda estão longe de encontrar a “terra prometida” ou o atendimento prometido no caso, pois enquanto a saúde não deixar de ser vista como um serviço, no qual só irá usa-la puder quem pagar, mas sim um direito, nunca será possível progredir.

Por tudo isso, medidas devem ser tomadas imediatamente pelo governo, como realizar gastos com recursos para os postos e hospitais que realmente necessitam, tanto na capital e principalmente na região metropolitana e demais localidades do estado, dando melhores condições e segurança para que as pessoas sejam atendidas em suas cidades. Melhorar o atendimento primário para a assim, amenizar a situação do atendimento secundário. Ademais, é necessário contratar mais profissionais de saúde e dar-lhes condições dignas de trabalho e aumentar as ações de saúde preventiva.

Texto 6

A busca do atendimento prometido

Diante da crescente demanda por serviços públicos de saúde, hospitais da cidade de Fortaleza sofrem com a superlotação de pacientes. E um dos fatores que

contribuem para que isso ocorra está associado a numerosa demanda vinda dos municípios vizinhos e das demais regiões interioranas como Caucaia, Juazeiro do Norte e Sobral.

A falta de estrutura, leitos e atendimentos específicos e de alta complexidade nos municípios cearenses é o que justifica a vinda dessas pessoas até a capital, principal centro de atendimento do estado. Porém se nem nós fortalezenses conseguimos usufruir desse direito com qualidade, quem dirá as pessoas que vem de fora.

Quem procura a saúde pública daqui vai na esperança de ser atendido, mas, em muitos casos, essas pessoas são literalmente abandonadas. Presenciamos verdadeiros “testes de sobrevivência”, no Hospital Geral de Fortaleza (HGF) e no Instituto Doutor José Frota (IJF), nos quais só irão ser atendidos aqueles que aguentarem por mais tempo, esperando em uma maca ou até no chão.

Uma situação desesperadora e desumana que evidencia o descaso com a população. De acordo com o Art. 7 da Lei Orgânica de Saúde nº 8.080/1990 todo cidadão tem direito a “universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência”. No entanto, há barreiras que limitam e dificultam esse acesso, como a irregular distribuição de equipamentos mais especializados, falta de transporte e de medicamentos, o que torna essa universalização uma realidade difícil de ser garantida para os interioranos.

Há um estresse físico e mental dos médicos e dos demais profissionais, que, em meio a tanto caos, devem escolher quais são os casos mais urgentes e quem será atendido primeiro. Essa situação delicada é vivida por eles quase que diariamente e os leva a fazer greves e pedir demissões.

A superlotação chega também às maternidades, como a César Cals, que enfrentou este ano muitos problemas, devido à suspensão do serviço de emergência da Maternidade Escola Assis Chateaubriand (Meac).

Segundo o médico ginecologista Jáder Rosas Carvalho, presidente da Cooperativa dos ginecologistas e obstetras do Ceará (COOPEGO-CE), o atendimento fica fragilizado, aumentando o risco de infecções. Além disso, é visto uma precarização até no transporte usado. Caso ocorrido com a gestante Regiane Granceiro, que veio numa ambulância da cidade de Baturité até a capital e teve

que esperar dentro dela por cerca de 40 minutos, pois a porta do veículo ficou emperrada.

É imprescindível ressaltar também a caótica “reação em cadeia” de problemas causados, pois, com o déficit que há no atendimento primário, muitos pacientes necessitam de internações hospitalares, sofrendo com as péssimas condições de conforto e higiene. Em muitos casos, faltam até lençóis e travesseiros, e os pacientes acabam se misturando aos demais, podendo assim agravar seu estado de saúde.

Segundo especialistas, construir um novo hospital com 160 leitos, sendo 12 de UTI, com diversos equipamentos, custaria cerca de 30 milhões de reais. No entanto não basta só construir e depois deixa-lo em estado de abandono, que é o caso visto no Hospital Regional do Sertão Central (HRSC) em Quixeramobim, localizado aproximadamente a 212 Km da minha cidade. Esse hospital foi inaugurado a mais de um ano, mas ainda não atendeu um paciente sequer.

Por tudo isso, medidas devem ser tomadas imediatamente pelo governo, como realizar gastos com recursos para os hospitais que realmente necessitam, tanto no lugar onde vivo, na região metropolitana e principalmente no interior, dando melhores condições e segurança para que as pessoas sejam atendidas em suas cidades. Melhorar o atendimento primário para assim, amenizar a situação do atendimento terciário. Ademais, é necessário contratar mais profissionais de saúde e dar-lhes condições dignas de trabalho e aumentar as ações de saúde preventiva.

ANEXO L – Escrita de P7

Texto 1

Obras paradas

No início de 2010, o Brasil recebe a notícia de que foi sorteada dentre todos os outros países para sediar a copa do mundo de futebol em 2014. Começa aí, então, uma série de planejamento, anunciando novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turistas e espectadores durante a copa.

Hoje, 6 anos depois, obras as quais deveriam ter sido entregues em 2014, estão abandonadas e inacabadas.

Fortaleza, uma das escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paradas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Com seu andamento interrompido em maio de 2014, apenas 15% está concluído, e isso custou 79 milhões de reais aos cofres públicos.

Há também o VLT – Veículo Leve sobre Trilhos – que ligaria o bairro Parangaba ao Mucuripe passando pelo centro da cidade, no entanto, o que deveria ser entregue em junho de 2013, hoje está com seus canteiros de obras abandonados. Segundo a Seinfra – Secretaria de Infraestrutura do Estado – não há previsão para a retomada dos trabalhos.

Em todo território nacional, há inúmeras obras inacabadas, e Fortaleza é apenas um retrato deste cenário. A negligência por parte de nosso governo prejudica o desenvolvimento da cidade e leva decepção aos cidadãos.

Não se sabe ao certo qual seria a solução para os problemas infraestruturais que enfrentamos, entretanto é de fundamental importância uma rígida fiscalização de recursos e ações para inibir fraudes e crimes de improbidade administrativa.

Texto 2

Obras paradas

Dentre tantos outros países, o Brasil foi sorteado para sediar a copa do mundo de futebol em 2014. Começa aí, então, uma série de planejamento, anunciando novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turistas e espectadores durante a copa.

Hoje, 6 anos depois, obras as quais deveriam ter sido entregues em 2014, estão abandonadas e inacabadas.

Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paradas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Com seu andamento interrompido em maio de 2014, apenas 15% está concluído, e isso custou 79 milhões de reais aos cofres públicos.

Há também o VLT – Veículo Leve Sobre Trilhos – que ligaria o bairro Parangaba ao Mucuripe passando pelo centro da cidade, no entanto, o que deveria ser entregue em junho de 2013, hoje está com seus canteiros de obras abandonadas. Segundo a SEINFRA – Secretaria de Infraestrutura do Estado – não há previsões para a retomada dos trabalhos.

A corrupção é, de longe, o maior fator responsável por atrasos nas obras em andamento. Políticos e donos de empreiteiras paralisam obras e refazem seu orçamento para assim aumentar o custo e arrancar ainda dinheiro dos cofres públicos. Criando-se, então, um ciclo vicioso, o qual dificulta a finalização de obras infraestruturais.

Em todo território nacional, há inúmeras obras inacabadas, e Fortaleza é apenas um retrato deste cenário. A negligência por parte de nosso governo prejudica o desenvolvimento da cidade e leva decepção a população.

Não se sabe ao certo qual seria a solução para os problemas infraestruturais que enfrentamos, entretanto é de fundamental importância uma rígida fiscalização de recursos e ações para inibir fraudes e crimes de improbidade administrativa.

Texto 3

Obras paradas

Dentre tantos outros países, o Brasil foi sorteado para sediar a copa do mundo de futebol em 2014. Começa, então, uma série de planejamento, anunciando novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turistas e espectadores durante a copa.

Hoje, 2 anos após o evento, obras as quais deveriam ser o maior legado da copa para os brasileiros estão abandonadas e inacabadas.

Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paralisadas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Em janeiro de 2014, a Infraero – Empresa de Infraestrutura Aeroportuária – reconheceu que a ampliação não ficaria pronta até a copa do mundo, como previa o cronograma inicial. Por conta dos atrasos, o aeroporto recebeu um “puxadinho” de 3,5 milhões para atender a alta demanda durante o mundial.

Com seu andamento interrompido em maio de 2014, quando o contrato com o consórcio executor foi rescindido, apenas 15% do total está concluído, e isso custou 79 milhões de reais aos cofres públicos. Ainda de acordo com a Infraero a ampliação do aeroporto de Fortaleza só deve ficar pronta em 2020.

Há também o VLT – Veículo Leve sobre Trilhos – que ligaria o bairro Parangaba ao Mucuripe em um percurso de 12,7 km que passará por 22 bairros, incluindo o centro da cidade. Entretanto, o que deveria ser entregue em junho de 2013, hoje está com seus canteiros de obras abandonados, sem operários, acumulando entulho e material enferrujado.

A diarista Ana Maria Arruda, 37 anos, trabalha no Mucuripe, região da praia e mora no bairro Parangaba. O VLT faria exatamente o percurso de Ana Maria de casa para o trabalho em apenas 30 minutos, no entanto, ela leva mais de 2 horas para chegar em casa. “É sempre desse jeito. Essa aí era uma obra que deveria ser construída na Copa. Já se passaram 2 anos e nada”, lamenta Ana Maria.

Segundo a Seinfra – Secretaria de Infraestrutura do Estado – as obras do VLT

estão paralisadas em decorrência do descumprimento de contrato por parte do consórcio construtor, portanto não há previsão para a retomada dos trabalhos.

A CGU – Controladoria Geral da União – abriu uma auditoria para a investigação de obras paralisadas. “Vamos, em breve, cobrar a responsabilidade nos casos de Malversação” – acrescenta Alessandro Salles, procurador da república.

Em todo o território nacional, há inúmeras obras inacabadas, e Fortaleza é apenas um retrato deste cenário.

E para combater tal ação, será necessária uma maior fiscalização dos recursos públicos e punição mais rígida a esses criminosos.

Texto 4

Obras paradas (Esqueletos de concreto)

Dentre tantos os outros países, o Brasil foi “sorteado” para sediar a copa do mundo de futebol em 2014. A partir de então, o governo inicia uma série de planejamento, anunciando novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turistas e espectadores durante a copa.

Quem nos dera que tivesse sido real. Hoje, 2 anos após o evento, obras as quais deveriam ser o maior legado da copa para os brasileiros estão abandonadas e inacabadas.

Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paralisadas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Em janeiro de 2014, a Infraero – Empresa de Infraestrutura Aeroportuária – reconheceu que a melhoria não ficaria pronta até a Copa do Mundo, como previa o cronograma inicial. Por conta dos atrasos, o aeroporto recebeu um “puxadinho” de R\$ 3,5 milhões para atender a alta demanda durante o mundial.

A obra teve seu andamento interrompido em maio de 2014, quando o contrato com o consórcio executor foi rescindido, apenas 15% do total está concluído, e isso custou 79 milhões de reais aos cofres públicos. Ainda, de acordo com a

Infraero, a ampliação do aeroporto de Fortaleza só deve ficar pronta em 2020.

Há também o VLT – Veículo Leve sobre Trilhos – que ligaria o bairro Parangaba ao Mucuripe em um percurso de 12,7 Km que passará por 22 bairros, incluindo o centro da cidade. Entretanto, o que deveria ser entregue em junho de 2013, hoje está com seus canteiros de obras abandonados, sem operários, acumulando entulho e material enferrujado.

O VLT faria exatamente o percurso de Ana Maria Arruda, de 37 anos, que trabalha como diarista no Mucuripe, região da praia, e mora no bairro Parangaba. O transporte a levaria de casa para o trabalho em apenas 30 minutos, no entanto, ela leva mais de 2 horas para concluir o trajeto. “É sempre desse jeito. Essa aí era uma obra que deveria ser construída na copa. Já se passaram 2 anos e nada” lamenta Ana Maria.

Segundo a Seinfra – Secretaria de Infraestrutura do Estado – as obras do VLT estão paralisadas em decorrência do descumprimento de contrato por parte do consórcio construtor, portanto não há previsão para a retomada dos trabalhos.

A antiga CGU – Controladoria Geral da União – abriu uma auditoria para a investigação de obras paralisadas. “Vamos, em breve, cobrar a responsabilidade nos casos de malversação” – acrescenta Alessandro Salles, procurador da república.

Em todo território nacional, há inúmeras obras inacabadas, e Fortaleza é apenas um retrato deste cenário. Sob o pretexto de investimentos em infraestrutura, esquemas de corrupção são instalados em nossa sociedade. Como já alertava Augusto Branco, poeta e escritor brasileiro, “Enquanto forem permitidas campanhas eleitorais milionárias haverá corrupção no governo, pois alguém precisará pagar a conta da campanha, certo? Ninguém doa tanto dinheiro para uma campanha eleitoral à toa.”

Trata-se de milhões de reais do dinheiro público perdidos em lavagem de dinheiro, corrupção e formação de quadrilhas. E para dar fim a tal desperdício, será necessária uma maior fiscalização dos recursos públicos e punição mais rígida a esses criminosos. Como perda da permissão para legislar, condenação a devolução do dinheiro usurpado e a prisão definitiva. Como diz Jô Soares, apresentador e escritor, “A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a

impunidade é uma coisa muito nossa.”

Texto 5

Esqueletos de concreto

Dentre tantos os outros países, o Brasil foi “sorteado” para sediar a copa do mundo de futebol em 2014. A partir de então, o governo inicia uma série de planejamento, anunciando novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turistas e espectadores durante a copa.

Quem nos dera que tivesse sido real. Hoje, 2 anos após o evento, obras as quais deveriam ser o maior legado da copa para os brasileiros estão abandonadas e inacabadas.

Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, se transformou em um verdadeiro canteiro de obras e conta com 5 intervenções de mobilidade urbana paralisadas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Em janeiro de 2014, a Infraero – Empresa de Infraestrutura Aeroportuária – reconheceu que a melhoria não ficaria pronta até a Copa do Mundo, como previa o cronograma inicial. Por conta dos atrasos, o aeroporto recebeu um “puxadinho” de R\$ 3,5 milhões para atender a alta demanda durante o mundial.

A obra teve seu andamento interrompido em maio de 2014, quando o contrato com o consórcio executor foi rescindido, apenas 15% do total está concluído, e isso custou 79 milhões de reais aos cofres públicos. Ainda de acordo com a Infraero, a ampliação do aeroporto de Fortaleza só deve ficar pronta em 2020.

Há também o VLT – Veículo Leve sobre Trilhos – que ligaria o bairro Parangaba ao Mucuripe em um percurso de 12,7 Km que passará por 22 bairros, incluindo o centro da cidade. Entretanto, o que deveria ser entregue em junho de 2013, hoje está com seus canteiros de obras abandonados, sem operários, acumulando entulho e material enferrujado.

O VLT faria exatamente o percurso de Ana Maria Arruda, de 37 anos, que trabalha como diarista no Mucuripe, região da praia, e mora no bairro Parangaba. O

transporte a levaria de casa para o trabalho em apenas 30 minutos, no entanto, ela leva mais de 2 horas para concluir o trajeto. “É sempre desse jeito. Essa aí era uma obra que deveria ser construída na copa. Já se passaram 2 anos e nada” critica Ana Maria.

Segundo a Seinfra – Secretaria de Infraestrutura do Estado – as obras do VLT estão paralisadas em decorrência do descumprimento de contrato por parte do consórcio construtor, portanto não há previsão para a retomada dos trabalhos.

A antiga CGU – Controladoria Geral da União – abriu uma auditoria para a investigação de obras paralisadas. “Vamos, em breve, cobrar a responsabilidade nos casos de malversação” – acrescenta Alessandro Salles, procurador da república.

Em 2014, o Tribunal de Contas da União constatou que a obra do Metrofor – Metropolitano de Fortaleza – foi superfaturada. As obras do projeto se iniciaram em 1999, com um custo estimado em 500 milhões, e só foi entregue em 2012, onde já havia consumido 1,5 bilhões de recursos públicos, totalizando 1 bilhão de reais desperdiçados em 13 anos. Um desfecho comum de se encontrar em nosso país.

Em todo território nacional, há inúmeras obras inacabadas, e Fortaleza é apenas um retrato deste cenário. Sob o pretexto de investimentos em infraestrutura, esquemas de corrupção são instalados em nossa sociedade. Como já alertava Augusto Branco, poeta e escritor brasileiro, “Enquanto forem permitidas campanhas eleitorais milionárias haverá corrupção no governo, pois alguém precisará pagar a conta da campanha, certo? Ninguém doa tanto dinheiro para uma campanha eleitoral à toa.”.

Trata-se de milhões de reais dos cofres público perdidos em lavagem de dinheiro, corrupção e formação de quadrilhas. E para dar fim a tal desperdício, será necessária uma maior fiscalização dos recursos públicos e punição mais rígida a esses criminosos. Como perda da permissão para legislar, condenação a devolução do dinheiro usurpado e a prisão definitiva. Como diz Jô Soares, apresentador e escritor, “A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa.”

ANEXO M – Escrita de P8

Texto 1

(Sem título)

Uma enorme poluição mental que se manifesta cada vez mais nos jovens de Fortaleza. Hoje em dia é cada vez mais comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais violentos. De acordo com o portal G1, atualmente Fortaleza é a capital brasileira com o maior índice de homicídios de adolescentes. Uma pesquisa feita pelo estudo do Programa de Redução da Violência Letal Contra Adolescentes e Jovens estima que mais de 2 mil jovens podem ser mortos até 2019.

Jovens de nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social. Diante disso cabe uma questão: Por que os jovens estão cada vez mais propensos ao crime? Um dos principais fatores é a desigualdade social. A falta de oportunidades, nos setores de educação, trabalho e saúde são os fatores principais que devastam vidas e dilacera famílias. De acordo com pesquisas veiculadas em meios de comunicação, Fortaleza é a 5ª do País com maior diferença de renda na população.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana que em novembro de 2015 ocorreu a maior chacina registrada em Fortaleza com 11 homicídios, 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. De acordo com dados do IBGE o IDH de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com países de situação precária.

Diante todas essas informações sobre a nossa capital. Talvez a melhor solução seria fazer uma verdadeira reeducação com os nossos jovens. A criação de novos projetos socioeducativos. Ampliação nos projetos de empregos e renda tais como: jovem aprendiz. É necessário também que os pais acompanhe a vida sócia do seu filho como as amizades. Já dizia o velho ditado: “me diz com que tu andas que eu te direis quem tu és”.

Texto 2

(Sem título)

Uma enorme poluição mental tem se manifestado nos jovens de Fortaleza. Hoje em dia é comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais bárbaros. De acordo com o Portal G1, atualmente Fortaleza é a capital brasileira com o maior índice de homicídios de adolescentes. Uma pesquisa feita pelo estudo do Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens, estima que mais de 2 mil jovens podem ser mortos até 2019.

Jovens da nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social. Diante disso cabe uma questão: Por que os jovens estão cada vez mais propensos ao crime? Um dos principais fatores é a desigualdade social. A falta de oportunidades nos setores de educação, trabalho e saúde são os fatores principais fatores que devastam vidas e dilacera famílias.

De acordo com pesquisas veiculadas em meios de comunicação, Fortaleza é a 5ª do país com maior diferença de renda na população.

De acordo com dados do IBGE , o IDH de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com países de situação precária. O IDH é medido por três fatores: renda, educação e longevidade.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana que em novembro 2015 ocorreu a maior chacina registrada em Fortaleza com 11 homicídios, 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos, e vale lembrar que apenas 3 possuíam passagem pela polícia.

Diante de todas essas informações sobre a nossa capital. Talvez a melhor solução seria fazer uma verdadeira reeducação com os nossos jovens. Os nossos representantes do governo deveriam investir mais em educação porque de lá que saíram novos profissionais de saúde, segurança, educação etc. É necessário também que os pais acompanhe a vida social do seu filho como as amigas. Já dizia o velho ditado: “me diz com que tu andas, que eu te direis quem tu és”.

Texto 3

(Sem título)

Uma enorme poluição mental tem se manifestado nos jovens de Fortaleza. Hoje em dia é comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais bárbaros. A juventude de nossa capital está indo ao crime por motivos cada vez mais banais e assim estão sofrendo as consequências da vida criminosa.

Entretanto esses jovens não são apenas autores desses crimes, eles também entram como vítimas. De acordo com o Portal G1, atualmente Fortaleza é a capital brasileira com o maior índice de homicídios de adolescentes. Uma pesquisa feita pelo estudo do Programa de Redução da Violência Letal contra crianças e adolescentes estima que mais 2 mil jovens podem ser mortos até 2019.

Jovens da nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social. Diante disso cabe uma questão: por que os jovens estão propensos a cometer o crime? Um dos fatores é a desigualdade social. De acordo com pesquisas veiculadas em meios de comunicação, Fortaleza é a 5ª do país com maior diferença de renda.

A falta de oportunidades nos setores de educação, trabalho e saúde são os fatores principais que devastam vidas e dilaceram famílias.

Dados do IBGE apontam que o IDH de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com países de situação precária. O IDH é medido por três fatores: renda, educação e longevidade.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana que em novembro de 2015 ocorreu a maior chacina já registrada em Fortaleza com 11 homicídios, 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. E vale lembrar que das vítimas, nove nunca responderão por crimes, e apenas dois tinham antecedentes, um teria respondido por ameaça e outro se envolvido num delito de trânsito.

Diante todas essas informações sobre a nossa capital. Talvez a melhor solução seria fazer uma verdadeira reeducação com os nossos jovens. Os nossos representantes devem investir mais em educação porque de lá que sairão novos

profissionais de saúde, segurança e educação etc. É necessário também que os pais acompanhe a vida social do seu filho como as amizades. Já dizia o velho ditado: “Me diz com quem tu andas, que eu te direi quem és”.

Texto 4

(Sem título)

Uma enorme poluição mental tem se manifestado nos jovens de Fortaleza. Hoje em dia é comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais bárbaros. A juventude da nossa capital está indo ao crime por motivos cada vez mais banais e assim estão sofrendo as consequências da vida criminosa.

Entretanto esses jovens não são apenas autores desses crimes, eles também entram como vítimas. De acordo com o Portal G1, atualmente Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de homicídios de adolescentes. Uma pesquisa feita pelo estudo do Programa de Redução Letal contra crianças e adolescentes estima que mais 2 mil jovens podem ser mortos até 2019.

Jovens da nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social. Diante disso cabe uma questão: Por que os jovens estão propensos a cometer o crime? A desigualdade talvez seja o principal fator. De acordo com pesquisas veiculadas por meios de comunicação, Fortaleza é a 5ª do país com maior diferença de renda. A falta de oportunidades nos setores de educação, trabalho e saúde são outros fatores que devastam vidas e dilaceram famílias.

Dados do IBGE apontam que o IDH de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com o de países desenvolvidos e não possuem altos índices de criminalidade. Já outros bairros possuem tanta criminalidade que chegam a ser comparados à países de situação precária.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana que em novembro de 2015 ocorreu a maior chacina já registrada em Fortaleza com 11 homicídios, 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. E vale lembrar que das vítimas, nove nunca responderam por crimes, e apenas dois teriam

anteriores, um teria respondido por ameaça e outro por um delito de trânsito.

Diante de todas essas informações sobre a nossa capital. Talvez a melhor solução seria fazer uma verdadeira reeducação com os nossos jovens. Os nossos representantes devem investir mais em educação porque de lá que sairão futuros profissionais de saúde, segurança e educação. É necessário também que os pais acompanhem a vida social do seu filho, porque já dizia o velho ditado: “Me diz com quem tu andas, que eu te direi quem és”.

Texto 5

Uma juventude esquecida

Uma enorme poluição mental tem se manifestado nos jovens de Fortaleza. Hoje em dia é comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais bárbaros. A juventude da nossa capital está indo ao crime por motivos cada vez mais banais e assim sofre as consequências da vida criminosa.

Entretanto esses jovens não são apenas autores desses crimes, eles também entram como vítimas. De acordo com o Portal G1, atualmente Fortaleza é a capital brasileira com maior índice de homicídios de adolescentes. E uma pesquisa feita pelo estudo do Programa de Redução Violência Letal contra crianças e adolescentes estima que mais 2 mil jovens daqui podem ser mortos até 2019.

Jovens da nossa capital viraram apenas estatísticas da criminalidade que afeta principalmente os bairros com maior vulnerabilidade social. Diante disso cabe uma questão: Por que os jovens estão propensos a cometer crimes? A desigualdade talvez seja o principal fator. De acordo com pesquisas veiculadas por meios de comunicação, Fortaleza é a 5ª do país com maior diferença de renda. A falta de oportunidades nos setores de educação, trabalho e saúde são outros fatores que devastam vidas e dilaceram famílias.

Dados do IBGE apontam que o IDH de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com o de países desenvolvidos e não possuem altos índices de criminalidade. Já outros bairros possuem tanta criminalidade que chegam a ser comparados à países de situação precária. A problemática da diferença dos

bairros está ligada muitas vezes a centralização dos serviços de infraestrutura nos bairros nobres de Fortaleza, enquanto os mais carentes desses serviços são esquecidos e ficam apenas com um pequeno proveito dessas grandes obras.

Um dos bairros com maior índice de criminalidade é a Grande Messejana onde em novembro de 2015 ocorreu a maior chacina já registrada em Fortaleza com 11 homicídios. 9 desses 11 mortos tinham menos que 19 anos. E vale lembrar que das vítimas, nove nunca responderam por crimes, e apenas dois teriam antecedentes, um por ameaça e outro por delito de trânsito. Porém a impunidade foi o que realmente marcou nessa chacina. Segundo o jornal O POVO foram denunciados 45 policiais militares, o que corresponde quase ao tamanho de um pelotão, e as autoridades praticamente fecharam os olhos, já que não foi divulgado um número final de acusados pelo caso.

Devemos questionar o porquê de as autoridades não terem solucionado o caso. E se essa chacina tivesse ocorrido em um bairro nobre? Será que ocorreria tanta impunidade? As autoridades ficariam sem vontade para resolver o caso?

Portanto a impunidade deve ser algo bem estudado pelos nossos representantes para que os mais carentes de justiça não sejam mais prejudicados. Eles também devem investir mais em educação porquê de lá que sairão futuros profissionais cada vez mais qualificados. É necessário também que os pais acompanhem a vida social do seu filho, porque já dizia o velho ditado: “Me diz com quem tu andas, que eu te direi quem és”.

ANEXO N – Entrevista com P7

Entrevista com P7

(I) P: professor

(II) P7: participante 7

P: Eu trouxe as versões do seu texto impressas para que a gente tenha acesso a elas à medida que a gente for trabalhando. A primeira pergunta, talvez, nem seja necessário você pegar os textos, né? Eu queria só que você falasse um pouco sobre o processo de escrita. O que motivou a escolha desse tema?

P7: A falta dos outros temas (risos).

P: Então foi por exclusão?

P7: É. Só por causa disso mesmo.

P7: Você viu como está ficando bonito, o posto? O da mulher brasileira? Já tão colocando até os letreiros já.

P: Onde é que fica?

P7: Fica detrás de onde eu moro. No Couto Fernandes.

P: Mas é entrando pra pegar pela Ceará, né?

P7: Não. É onde é pra pegar pela João Pessoa. Que eles fecharam por causa do Metrô. Ali de frente.

P: Sim, sim, sim.

P7: Ali de frente a Autoshoopping.

P: Aquele, quando a gente passa pela rua de calçamento?

P7: Assim, chegando no Incra.

P: Anran.

P7: O Incra, que é um pouquinho mais na frente. A Autoshoopping, atrás, e de frente a Autoshoopping está o posto.

P: Ah, legal. Reparei não. É porque eu venho mais pelo outro lado...

P7: É porque tá em época de política e tá andando.

P: Tá andando né? Ou seja, o político é um animal que não é em extinção.

P7: Animal, mesmo. Eu gostei

P: Ele aparece, ele hiberna, ele fica hibernando durante tempos e tempos

P7: Ele fica roubando durante tempos e tempos. Assim, os caras ficam roubando, roubando, quando chega em época de eleição, bora agiliza, agiliza tudo, eu tenho dinheiro guardado. Entendeu?

P: Acaba querendo permanecer dentro dos cargos

P7: E não é não?

P: E o seu texto trabalha muito com essa ideia, dessa visão do governo

P7: Dá raiva morar nesse país

P: Mas aqui o tema, você falou que foi por exclusão, né?

P7: Exato

P: Por falta de outros temas, mas alguma coisa deve ter mexido no seu inconsciente ou no próprio consciente para que você tenha escolhido, né?

P7: Não, porque eu queria sobre o Hospital da Mulher, aí não tinha informação, aí eu queria sobre a atuação das mulheres naquela construção civil, e também não tinha material. Então foi no que tinha, né?

P: Eu sei... Esse processo de reescrita, tentando avaliar...

P7: Pergunta 2 é?

P: Não, na verdade tem a ver com a pergunta 1 e talvez até com outra pergunta mais a frente que a gente podia até antecipar. A reescrita, tentando avaliar os três textos, você acha que houve uma evolução no processo de escrita, se houve a melhoria dentro da questão da sintaxe, das estruturas, das informações?

P7: Não, acredito a melhoria no meu argumento. Na minha argumentação, porque na primeira e no segundo texto, pronto seis parágrafos, e eu vi que ficou um pouco vago, então no terceiro texto, eu já coloquei bastante argumentação, tanto de autoridade, quanto de órgãos responsáveis pela fiscalização. No caso acrescentei só argumentos mesmo.

P: Argumentos.

P7: É que ainda tá em aberto a resolução

P: Sim, sim

P7: Exatamente

P: Pensando aqui a 2, de que forma a ativação dos seus conhecimentos prévios, que são esses conhecimentos do mundo... De que forma esses conhecimentos influenciaram na produção escrita? Você tomou ciência, você já sabia desse tema antes de escrevê-lo minimamente?

P7: Sim, né

P: Ou só soube a partir do processo de pesquisa?

P7: Quando você vê algum escândalo de corrupção. O que na maioria das vezes está no centro dessa corrupção é alguma obra parada, que eles param pra pegar mais dinheiro ou refazer todo o orçamento, é como se fosse uma máquina de jogar dinheiro no bolso deles

P: Sei

P7: Ah, vou fazer uma obra aqui, aí o Governo Federal vai mandar o recurso, eu não vou aplicar nem um pouco desse recurso, mas vou mandar refazer o orçamento, daí eles vão ter que mandar mais dinheiro

P: Hunrun

P7: Entende?

P: Tô entendendo. Então no caso, faz parte do, esse tema, falar sobre as obras inacabadas já faz parte de uma realidade anterior, né?

P7: Exato.

P: Ele não inaugura, digamos assim, ele não nasce no texto.

P7: Não é novidade.

P: Não é novidade

P7: Exato

P: Embora você o retrate de modo particular, porque é aquela história, tudo se dá por meio do contato que a gente tem com as outras pessoas, por conta de uma história, por conta da cultura, por conta da memória discursiva, por conta da linguagem, são todos os elementos que estão misturados.

P7: Exato

P: Então, a experiência de vida em si, ela fez com que você observasse que essa realidade é uma realidade anterior ao texto, mas na hora de escrevê-lo você foi dando seus pontos particulares. Aqui a terceira. As mudanças realizadas durante o processo de escrita contribuíram no desenvolvimento da argumentação? Há como falar dessas mudanças?

P7: É como eu disse antes, eu acrescentei bastante, mais argumentos, porque fui pesquisar sobre o que os órgãos pensavam sobre isso, as pessoas, as autoridades.

P: Será que tem como apontar algum elemento, algo que mudou?

P7: Tem, por exemplo. No primeiro texto, eu cheguei só a comentar sobre uma obra de ampliação no aeroporto, no Terminal do Aeroporto Pinto Martins, e o VLT. Já no terceiro texto, que é esse atual, eu conto também com a Infraero, que eu coloquei, a

Infrero como argumento, que é a Empresa de Infraestrutura Aeroportuária, e também comentei, que por conta dos atrasos, o Aeroporto recebeu um puxadinho de 3,5 milhões. Foi um pouco mais de informações. Também acrescentei que apenas 15% está concluído, e que custou mais de 79 milhões, eu coloquei mais informações mesmo. Já sobre o VLT, eu usei o argumento da diarista Ana Maria, que ela faz um percurso enorme, de mais de duas horas para chegar no trabalho dela, e se o VLT já estivesse construído, ela chegaria em meia hora, porque ela trabalha na extremidade de Fortaleza e ela mora na outra extremidade. E também a Seinfra, a Secretaria de Infraestrutura do Estado, que basicamente não falaram nada.

P: Eu sei

P7: Segundo a Seinfra, as obras do VLT estão paralisadas em decorrência do contrato, parapapapara...Aquelas coisas de sempre, aquele papo de quem tá comendo por fora também.

P: Eu sei, mas deixa eu fazer uma discussão aqui contigo. Pra você ter inserido, ter falado sobre a questão do Aeroporto Pinto Martins, que sofreu um processo de ampliação e pra falar do VLT, você partiu de algum elemento linguístico anterior, de alguma expressão que fez com que você encaixasse essas duas aqui.

P7: Que foram as obras paradas.

P: As obras paradas.

P7: As obras paradas em relação à Copa, né? Porque quando foi anunciado a Copa aqui no Brasil, o Governo, ah vamo mudar tudo, vamos ajeitar a mobilização, vamos melhorar a infraestrutura. Só deu prejuízo.

P: E essas obras paradas, a gente pode observar que ela inicia aqui "novas intervenções na mobilidade urbana".

P7: Exatamente

P: Depois você fala "As obras as quais deveriam ser o maior legado da Copa estão abandonadas e inacabadas". Então, por meio dessas expressões vai encontrando uma âncora pra inserir esses outros elementos. É aquela história, a gente não coloca nada dentro de um texto do nada. Nada dentro do texto cai de paraquedas não.

P7: Tem que ter um contexto.

P: Ele entra a partir de um contexto mínimo, certo? E, mesmo que seja uma realização cognitiva do primeiro interlocutor, ou seja do produtor do texto. Mesmo que seja uma realização cognitiva mínima daquele sujeito, nada nasce do nada.

Tudo é ancorado em alguma coisa. E aquela história, a gente fala respaldado num conhecimento anterior, como a gente bem falou. Mas aqui, se você observar o próprio título Obras paradas, ele permanece nos três textos, mas no último você fez uma mudança também

P7: Que vai ser Esqueletos de Concreto. Até então, eu não tinha escolhido o meu título. Mas agora eu já escolhi, vai ser Esqueletos de Concreto.

P: Esqueletos de Concreto. Então, isso aqui já dá uma recategorização no próprio título. Entendeu a mudança de significado? Uma coisa é eu colocar "Obras Paradas". Outra coisa é eu colocar "Esqueletos de Concreto". Tem uma mudança de sentido. É uma recategorização. Uma construção de um novo significado. Certo? Agora eu queria que você analisasse como você se referiu a essas obras. Será que você tem como dizer quais expressões você utilizou para se referir a essas obras?

P7: Como assim?

P: As expressões dentro do texto. É como eu falei. A gente introduz um referente por meio de uma palavra ou de uma expressão. Aí a gente vai retomando esse referente por meio de palavras, por meio de termos, por meio de palavras, por meio de expressões.

P7: Hunrun.

P: Substantivos com adjetivos ou então pequenas orações. Certo? Predicações. Entendeu? Dando ideia do VLT. Quais são as expressões que se referem diretamente a esse VLT. Se quiser marcar.

P7: Eu ainda não entendi o que você quis dizer com isso. O que eu escrevi aqui foi o nome mesmo.

P: Foi, mas...

P7: VLT, Veículo Leve sobre Trilhos.

P: Pronto. Então, vamos lá. Lembra que eu comentei que o VLT não caiu de paraquedas. Ele entrou dentro de uma história.

P7: Han

P: Então o VLT antes de começar aqui, ele estava sendo pensado aqui.

P7: Eu sei.

P: No título, né. Aí você ao criar o contexto, você vai relembrar a história das obras. Vai falar que o Brasil foi eleito pra ser um país sede da Copa de 2014, e que isso gerou novas intervenções.

P7: Hun

P: Novas intervenções na mobilidade. Concorda comigo que o VLT é uma nova intervenção na mobilidade urbana?

P7: Claro.

P: Concorda. Então, para falar do VLT, você já utilizou esse elemento aqui. Esse elemento vai se recategorizar em dois elementos novos. Quais são?

P7: Que é o VLT e o Aeroporto.

P: O Aeroporto e o VLT, que são duas obras relacionadas à mobilidade urbana, não é? O Aeroporto, que é a estação que vai receber aviões de grande porte, médio porte, tudo mais. E o VLT, que é o Veículo Leve sobre Trilhos, que vai fazer com que a galera se desloque da Parangaba ao Mucuripe. Então isso aqui é processo de recategorização. Continuando. Você fala em cinco obras de mobilidade urbana paralisadas. Essas obras se encaixam a essas novas intervenções que ficaram abandonadas?

P7: Sim.

P: Então são essas as expressões a que me refiro. Então, pensando aqui. Dentro da ampliação do Pinto Martins. Desde o momento em que ela nasce. A gente sabe que ela nasce aqui no título.

P7: Exato.

P: Certo.

P7: É porque quando foi anunciado que a Copa seria aqui

P: Não, mas aqui lendo o texto

P7: Você quer que eu leia

P: Não, lendo as expressões do texto

P7: Eu sei, é porque quando foi anunciado, eles acharam. O governo achou que o Aeroporto seria pequeno para receber um enorme fluxo de turistas

P: Hunrun

P7: Aí, com isso, eles teriam que ajeitar

P: Será que eu fazendo a leitura do texto, ficaria mais fácil a identificação dessas palavras, dessas expressões?

P7: Eu acho que só usei novas intervenções e outras palavras mesmo. Porque no mais é como eu te disse, eu só argumentei.

P: É aquela história dominar o processo de recategorização é pra gente brincar dentro do texto. Entendeu? É pra gente brincar mesmo. Ah, eu tenho essa expressão aqui, ela é formada por um substantivo e um qualificador, um adjetivo. Se

eu quiser trocar esse qualificador eu posso, mas ao mesmo tempo eu vou mudar o sentido. Exemplo, lá no texto do Fábio. Ele escreveu quatro versões. Na primeira versão do texto, ele escreveu crimes violentos. Da segunda versão em diante, ele trocou o adjetivo violentos e colocou o adjetivo bárbaros. Então, a simples mudança desse adjetivo, já gerou uma nova significação para esse crime. Para esses crimes, na verdade. Houve uma recategorização, houve uma construção de um novo sentido, já que na nossa língua não existe palavra com sinônimo totalmente perfeito. A palavra, ela é no uso. Dentro do uso, que ela vai ganhar um sentido. A gente não pode ler o dicionário e achar que o dicionário tem todas as palavras do universo, da língua. A gente tem que utilizá-las no concreto, no cotidiano, na interação. Eu vou fazer a leitura e você vai identificar esses elementos tranquilamente.

P7: Tá.

P: "Obras paradas (Esqueletos de concreto)

Dentre tantos outros países, o Brasil foi sorteado para sediar a copa do mundo de futebol em 2014. Começa, então, uma série de planejamento, anunciando novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turistas e espectadores durante a copa.

Hoje, 2 anos após o evento, obras as quais deveriam ser o maior legado da copa para os brasileiros estão abandonadas e inacabadas."

P7:Então aqui no caso é.

P: Entendeu?

P7: Entendi.

P: você acabou dando a sequência ao referente e tá fazendo modificação dele, novas intervenções na mobilidade urbana para atender todo o fluxo de turista e expectadores durante a Copa. Quem lê teu texto deve estar construindo algumas hipóteses na cabeça.

P7: E deve estar pensando, percebido que o governo se preocupou mais com os turistas, com a própria Copa do que com os moradores do país, né?

P: Com certeza. Então essa pessoa vai construindo hipóteses. Vixe o que vai vir depois? Como ela vai se referir a essas obras posteriormente. Hoje 2 anos após o evento, obras as quais deveriam ser o maior legado da Copa, obras que se relacionam a mobilidade urbana, estão abandonadas e inacabadas. É outra forma de se referir a essas obras. Daqui você vai sair do contexto geral do Brasil e vai entrar num contexto mais específico

P7: Da cidade

P: Da cidade, que é O lugar onde vivo

P: "Fortaleza, uma das cidades escolhidas para sediar jogos, conta com 5 obras de mobilidade urbana paralisadas. Uma delas é a obra de ampliação do terminal do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Em janeiro de 2014, a Infraero – Empresa de Infraestrutura Aeroportuária – reconheceu que a ampliação não ficaria pronta até a copa do mundo, como previa o cronograma inicial. Por conta dos atrasos, o aeroporto recebeu um “puxadinho” de 3,5 milhões para atender a alta demanda durante o mundial." Nesse parágrafo aqui você se refere à obra, à ampliação de formas diferentes. Que expressões você utiliza para se referir a essa obra de ampliação?

(silêncio)

P7: Puxadinho?

P: É uma anáfora aqui tranquilo.

P7: Não necessariamente porque aqui só diz que foi acrescentado um puxadinho no aeroporto

P: Não, mas é o seguinte. Obra de ampliação ela tem a ideia de que? Tem o aeroporto, e esse aeroporto vai ser ampliado, então essa ampliação foi chamado de puxadinho por você.

P7: Ah tá.

P: Isso aqui é uma anáfora. "Uma delas é a obra de ampliação" Por que você usa "uma delas"?

P7: Porque são cinco.

P: Então você tem um conjunto de obras, você tem cinco. Utilizou um recurso interessante de coesão "uma delas", ou seja você não tá falando de todas, tá falando de uma, e depois disse qual é a obra, que é a obra de ampliação do terminal Pinto Martins.

P7: Ele vai ser leiloadado, você sabe?

P: Sempre tem um gaiato, chato né. A obra de ampliação, a ampliação. Você tá vendo? Aqui são expressões que fazem com que você mantenha o núcleo temático dentro do texto e faz com que você desenvolva esse núcleo.

P7: Então, você acha que seria melhor eu mudar essa...

P: Não, eu tô só mostrando junto contigo

P7: Que é não para ficar repetindo muito?

P: É, porque você fala a obra de ampliação, depois você fala a ampliação, depois um puxadinho. A história do puxadinho foi bem interessante, porque aí existe um quê de crítica, uma ironia. O puxadinho é normalmente o que?

P7: É um quartinho pequenininho

P: Normalmente ele acontece em que contexto? Em que situação?

P7: Como assim?

P: Em que situação a pessoa faz um puxadinho?

P7: Não sei, (risos)

P: Você já viu que quando... sei lá, tem o pai, a mãe e o filho. O filho vai engravidar a namorada precocemente aos seus 17 anos. Aí o pai e mãe vendo que ele não tem para onde ir, o que eles fazem? Às vezes fazem um puxadinho para o bebê ficar dentro da casa. Isso é muito comum aqui no Brasil, aqui é muito comum as pessoas acabarem ficando juntas, gerações por gerações dentro da mesma casa[...] Mas o puxadinho a gente sabe ele é utilizado dentro de um contexto particular nas esferas comunicativas que a gente vivencia, mas você trouxe para dentro do texto fazendo de certa forma uma piada, que dá para entender que ela funciona como uma piada. Aí continuando para gente observar as expressões. "Com seu andamento interrompido". Você se refere a quem aqui?

P7: Ao aeroporto

P: Ao aeroporto. "Com seu andamento interrompido em maio de 2014, quando o contrato com o consórcio executor foi rescindido, apenas 15% do total está concluído, e isso custou 79 milhões de reais aos cofres públicos. Ainda de acordo com a Infraero a ampliação do aeroporto de Fortaleza só deve ficar pronta em 2020." Esses 15% aqui, você se refere a que?

P7: A obra de ampliação

P: A obra de ampliação. Entendeu. Então são expressões diferentes que você vai utilizando para manter o mesmo foco discursivo, a linha discursiva, aí você ancora a informação a uma anterior e vai desenvolvendo, né?. É aquela história, o referente vai surgindo dentro do texto, mas ele vai sofrer inúmeros processos de reativação, até o momento em que eu vou deixá-lo de lado e vou trazer à tona outro referente, que vai se ligar diretamente a ele, porque tudo aqui está conectado, tudo que a gente coloca dentro do texto, mesmo que seja aparentemente diferente, na verdade mantém uma relação de sentido, porque a gente tem que pensar no texto como um grande tecido, um tecido móvel, e nós somos também participantes do texto.

ANEXO O – Entrevista com P8

(I) P: Professor/pesquisador

(II) P8: Participante 8

P: A violência é um problema político, social ou econômico? E a tua solução se relaciona com qual desses quesitos?

P8: Social

P: Social, mas é em que ponto é que você fala do fator social para resolver o problema no último parágrafo?

P8: A reeducação

P: Na reeducação, mas quem é que vai ficar responsável por ela?

P8: O Governo

P: O Governo. Então você relaciona essa reeducação à ideia da política. Então o fator político está diretamente relacionado também.

(...)

P: Só pra finalizar aqui pra dar um tempo pra você rever o texto... Você trabalha aqui com O Lugar onde vivo, mas esse lugar onde vivo é representado a partir de um tema mais específico. Você relatou esse lugar a partir da juventude. Será que essa juventude, dá pra saber como ela é representada no texto?

P8: Acho que dá.

P: Se você quiser apontar as expressões que utilizou ou comentar a respeito é válido.

P8: Não, falando de modo geral, a juventude é má influenciada

P: Hum?

P8: Má influenciada

P: Por quem?

P8: Pelas companhias por exemplo. Não sei se eu cito bem, mas eu cito.

P: Qual a parte do texto você se refere às más companhias?

P8: No texto, só no final.

P: Mas tenta ver o começo do texto, de repente. Foi uma coisa que me chamou a atenção, mas você repetiu a mesma estrutura nas quatro versões. Uma enorme poluição mental tem se manifestado nos jovens de Fortaleza. Inclusive essa estrutura se repetiu nas quatro versões de texto, desde a primeira à quarta versão. Você acha que essa poluição mental está bem desenvolvida?

P8: Tá sim. Pra mim tá.

P: Mas aquela questão, pro leitor do Jornal O Povo. Imaginando que você vai publicar o texto no Jornal O Povo, ela está bem desenvolvida?

P8: Pra mim, tá.

P: Por que quando você fala da ideia das más companhias, não foi a sua solução não, foi essa primeira frase (referência à primeira frase do texto)

P8: Poluição mental na minha opinião é... poluição vem de sujo.. vem de mente suja

P: Isso aí mostra ... Dentro do texto dá pra esclarecer essa sua posição? Alguma parte que justifica que essa posição está bem localizada...E a gente sabe que você cita outros fatores que unem essa juventude à criminalidade. Em relação à juventude, dá pra ver como ela é apresentada no texto?

P8: Acho que sim

P: Vamos imaginar o leitor, quando ele pega o teu texto, que sentido ele constrói sobre o referente O lugar onde vivo, que imagem ele conclui? Se você quiser apresentar alguma expressão no texto, pode apresentar, se quiser falar do texto como um todo, fique à vontade.

P8: Qual a expressão que ele vê?

P: A imagem. A imagem que ele tira, a imagem que ele conclui.

P8: A imagem que ele conclui é que o jovem participa dos dois lados, de vítima e de autor. E que o jovem está cada vez mais... A expressão popular é doido. Aqui quando falo de crimes banais, oh, bárbaros...

P: E por falar nisso, olha no primeiro texto, como você se referiu aos crimes? Crimes cada vez mais...

P8: Cada vez mais violentos.

P: E no segundo você troca por bárbaros. A gente percebe que esse referente crime é recategorizado dentro do processo de escrita. Ou seja você sai da palavra violentos e vai para a palavra bárbaros, e tem uma significação interessante aí. Quer falar sobre ela? Quer falar sobre essa modificação, o que ela representou para o texto?

P8: Acho que bárbaros é a a palavra ideal pra o momento, bárbaros é a palavra ideal pelo momento. A palavra ideal no tempo certo.

P: Por quê?

P8: Devido aos crimes que estão acontecendo. Devido ao que eu cito. 11 pessoas mortas é bárbaro?

P: Sim!

P8: De uma vez só numa noite

P: Ahrãn

P8: E numa comunidade. Se fosse no estado todo? Não é tranquilo né, não é aceitável, mas a gente já está acostumado. Agora 11 crimes num bairro, na Messejana... Ela tem as divisoriazinhas dela não é? Se eu não me engano foi no Curió.

P: São Miguel

P8: Não no Curió, divisão pequena, e foi numa rua praticamente não foi? Chegaram. Essa rua aqui. Escolheram e matou 11. E o pior não foi solucionado não é? Não foi solucionado.

P: De repente é o que você falou da impunidade, que talvez seja interessante você colocar aqui nesse parágrafo intermediário. (Sugestão para que o participante desenvolvesse mais a questão da chacina antes de apresentar a conclusão). Tu percebe que esses crimes... Não sei se você percebeu, oh "Hoje em dia é comum ver crianças e adolescentes sendo acusados por crimes cada vez mais bárbaros." Você disse que a palavra bárbaro reflete muito bem a sociedade em que a gente vive e ao contexto da chacina de Messejana, mas veja aqui, eles estão sendo acusados. Nessa situação aqui os jovens foram acusados ou eles foram punidos, se a gente for pensar?

P8: Punidos

P: Punidos. Eles foram vítimas ou foram autores?

P8: Mas quando eu falo bárbaro, eu falo em relação ao crime

P: Eu sei que você está se referindo. Falo mais em relação ao contraste. A relação que você faz aqui que eles estão sendo acusados. Do mesmo modo que eles estão sendo acusados, eles acabam se tornando...

P8: Vítimas

P: Vítimas de crimes cada vez mais bárbaros. Existe então um negócio meio louco né que acaba submetendo a juventude a esse mundo não é? Achei interessante essa relação que você fez com a chacina, porque o crime, ele foi de certa forma recategorizado aqui. Mas ele foi recategorizado a partir de uma outra ótica, a de que a juventude, como sendo vítima dessa criminalidade, uma criminalidade, como você disse, cometida por uma parcela da sociedade que quer fazer essa limpeza. Como você mesmo falou antes. Achei interessante essa relação que você fez de

mencionar que esses dois mil jovens são daqui da cidade. Isso aqui provoca uma relação melhor entre o terceiro período e o segundo, né? Entre a terceira frase e a segunda. Essa ideia do IDH que pode ser melhor desenvolvida dentro do texto. Faz um gancho melhor. E essa parte aqui da Chacina?

P8: Mas o Idh eu realmente não pensei bem

P: A gente percebe quando você trabalha, quando você mesmo falou, não sei se você se lembra, é a primeira vez que você traz por essa relação linguística o contraste, que Fortaleza não possui apenas índices baixos de Idh, mas existem bairros com índices elevados de IDH. Isso aqui mostra como se existissem duas Fortalezas, né? Existem duas Fortalezas aqui, existe um conflito. Será que esse conflito que existe aqui entre essas duas Fortalezas gerou essa ideia da Chacina da Grande Messejana? Será que esse conflito entre essas duas Fortalezas faz com essa situação da juventude...

P: Mas esse parágrafo também se liga à desigualdade social

P8: Liga, liga demais. Dentro do sentido está bem encaixado, faltou só desenvolver, entendeu? É a ideia do desenvolvimento. Você coloca o tópico, daí tem que desenvolver um pouco mais

P8: Eu achei isso aqui bem a minha cara, se liga? Uma das minhas características agora que eu... Às vezes eu paro e penso minhas mudanças

P: Hunrun

P8: Antes eu via um problema e já jogava minha opinião, tipo, tem muita gente que vê um crime e só olha prum lado, já aí detona o outro. Aí pronto. Se liga, eu vou dizer minha característica também.

P: Hunrun

P8: Dados do Ibge apontam que o Idh de alguns bairros de Fortaleza se assemelham com o de países desenvolvidos e não possuem altos índices de criminalidade, já outros bairros possuem tanta criminalidade que chegam a ser comparados a países de situação precária. Eu falo dois lados só tá faltando a minha opinião, né?

P: Opinião ou encaixe.

P8: Não eu acho que tá faltando minha opinião. Eu falo dos dois lados, do lado do pobre e do rico. Será que o governo só atua nas áreas..., será que ele centraliza as políticas dele em apenas uma área? Centraliza?

P: Centralizar é focar.

P8: Tipo a ideia do Caio lá do...

P: Do Bom Jardim

P8: Que fala dos bairros esquecidos

P: Ahran

P8: Será? Tô pensando. Será que o governo atua nas áreas mais... Como se diz uma área bem desenvolvida? E ricos?

P: É área nobre?

P8: Será que o governo atua apenas nas áreas nobres?

P: Hunrun

P8: E esquece das outras áreas?

P: É uma indagação, né?

P8: O que é isso?

P: Uma indagação, uma pergunta. Interessante que se faça, até porque já colocaria essas Fortalezas aí, né. Esse conflito que existe, entre uma pequena Fortaleza, uma Fortaleza de minoria. É uma minoria que possui essa riqueza toda, digamos a maior parcela da riqueza. E a Grande Fortaleza, que é essa Fortaleza mais populosa, essa Fortaleza que sofre mais com esses problemas né? Essa Fortaleza mais desigual. Uma pergunta se encaixaria de forma interessante, eu achei legal. Questionar é interessante.